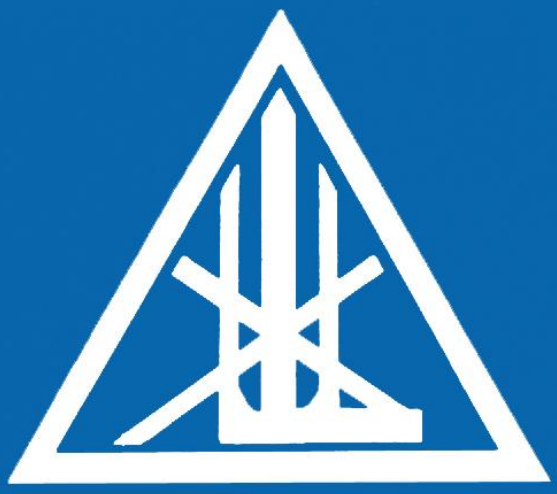
ALICE A. BAILEY



DO INTELECTO À INTUIÇÃO

ALICE A. BAILEY

DO INTELECTO À INTUIÇÃO

Editado para
LUCIS PUBLISHING COMPANY
New York

LUCIS PRESS LTDA.
Londres

COPYRIGHT 1960 @ POR LUCIS TRUST

Primeira edição em 1932 Oitava edição em 1972
Título do original em inglês "From Intellect to Intuition"

A presente obra foi traduzida para o português e editada através da FUNDAÇÃO CULTURAL AVATAR, com sede em Niteroi, Rio de Janeiro. A F.E.E.U., de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, foi autorizada a co-editá-la.

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

A GRANDE INVOCAÇÃO. 05

I - PENSAMENTOS PRELIMINARES 06
A crise atual. O treino mental no Oriente e no Ocidente. Dois grupos de pensadores: os científicos e os místicos. A sua síntese.

II - O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO 14
O impasse da educação. A educação das massas e a educação individual. A questão da educação. A emergência do homem real. A posse de um principio intuitivo.

III - A NATUREZA DA ALMA 26
Que é a alma? A natureza do mecanismo humano. As suas relações com o "Ser mais profundo".

IV - OS OBJETIVOS DA MEDITAÇÃO. 33
Comparação entre a meditação e a oração. A mente humana como uma faculdade. O seu uso relacionado.

V - ETAPAS DA MEDITAÇÃO 44
Ajustamento mental e emocional. As cinco etapas do intelecto até a intuição: Concentração, Meditação, Iluminação e Inspiração. O emprego dos símbolos e das imagens.

VI - ETAPAS DA MEDITAÇÃO (continuação) 57
O desenvolvimento da percepção consciente. A percepção passiva e ativa. As duas atividades da mente. Os sentidos e a realidade.

VII - A INTUIÇÃO E A ILUMINAÇÃO 69
O intelecto iluminado, a percepção intuitiva e a vida inspirada. O conhecimento mental do "Ser mais profundo". Definição da intuição. Coordenação da Alma, da mente e do cérebro. Conscientização do quinto reino na natureza.

VIII - A UNIVERSALIDADE DA MEDITAÇÃO 82
O testemunho dos tempos. Os Místicos e os Conhecedores. A União ou Unidade mental com o "Ser mais profundo". A uniformidade da técnica. Os métodos tibetano, chinês, hindu, sufi e cristão.

IX - A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO 92
A nossa civilização ocidental e a meditação. Os sentidos, as glândulas, o cérebro e a mente. Algumas regras práticas de meditação. Algumas fórmulas de meditação.

X - NECESSIDADE DO CUIDADO NA PRÁTICA DA MEDITAÇÃO 109
O mundo das ideias. O perigo da fascinação, na meditação, da estimulação excessiva e do registro errado de fenômenos. O mundo da ilusão. O controle correto exercido pelo "Ser mais profundo", através do contato intuitivo.

CONCLUSÃO 121

A GRANDE INVOCAÇÃO

Do ponto de Luz na Mente de Deus
Flua luz às mentes dos homens,
Que a luz desça à Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
Flua amor aos corações dos homens,
Que o Cristo volte à Terra.

Do Centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Guie o propósito as pequenas vontades dos homens.
O propósito que os Mestres conhecem e a que servem.

Do centro a que chamamos Raça dos Homens,
Cumpra-se o Plano de Amor e Luz
E mure-se a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano divino na Terra.

Esta Invocação não pertence a nenhuma pessoa ou grupo, mas a toda a humanidade. A beleza e a força desta Invocação repousam em sua simplicidade e no fato de expressar certas verdades essenciais que todos os homens aceitam, inata e normalmente: a verdade da existência de uma Inteligência superior, a Quem vagamente chamamos de Deus; a verdade de que por trás das aparências externas, o Amor é o poder motivador do universo; a verdade de que uma grande Individualidade veio à Terra, chamada Cristo pelos cristãos, que encarnou esse Amor, para que o pudéssemos compreender; a verdade de que tanto o amor, como a inteligência, emanam da Vontade de Deus; e finalmente a verdade que o Plano Divino só se pode realizar através da própria humanidade.

ALICE A. BAILEY

CAPÍTULO I

PENSAMENTOS PRELIMINARES

"O método científico - para além do seu ponto de vista acanhadamente agnóstico e pragmático - é incompleto e insuficiente em si mesmo: portanto, para entrar em contato com a realidade, exige complemento de uma ou de outra metafísica."

JOSEPH MARECHAL, S. J.

O interesse suscitado atualmente pelo tema da meditação evidencia uma necessidade mundial que é necessário compreender claramente. Quando encontramos uma tendência popular para uma direção particular e constante, pode-se assumir com segurança que dela surgirá aquilo que a raça precisa em sua marcha para diante. Que a meditação seja considerada como um "modo de orar" pelos que dão definições irresponsáveis, é desgraçadamente verdade. Mas pode-se demonstrar que na compreensão exata do processo da meditação e na sua justa adaptação às necessidades da civilização moderna, encontrar-se-ão a solução do impasse atual da educação e o método pelo qual deverá ser comprovada a existência da alma - esta coisa viva a que chamamos "Alma", à falta de melhor termo.

O propósito deste livro é tratar da natureza e do verdadeiro significado da meditação, bem assim, de sua aplicação em larga escala no Ocidente. Sugere-se que poderá eventualmente suplantar os métodos atuais de desenvolvimento da memória e revelar-se como fator potente na educação moderna. É um assunto que tem preocupado os pensadores do oriente e do ocidente durante milhares de anos, e esta uniformidade de interesse é, em si mesma, importante. Os próximos desenvolvimentos que farão a humanidade avançar no caminho do seu desabrochar de consciência estarão, certamente, na direção da síntese. O crescimento do conhecimento humano deve efetuar-se pela fusão das técnicas orientais e ocidentais de treinamento mental. Isto já vem sucedendo e pensadores dos dois hemisférios se estão conscientizando de que esta fusão conduz a uma conscientização das mais significativas. Edward Carpenter diz disto:

"Parece que, com a difusão do nosso conhecimento do globo chegou o momento em que está havendo, de forma natural e inevitável... uma grande síntese de todo o pensamento humano... Desta reunião de elementos surge, já, o tênue delineamento de uma filosofia que seguramente dominará o pensamento humano durante um longo período." (1)

(1). Carpenter, Edward, *The Art of Creation,* p.7.

Aqui residirão a glória e a esperança da humanidade e o triunfo mais importante da ciência. Somos agora um só povo; a herança de uma raça está aberta a qualquer outra; os melhores pensamentos dos séculos estão acessíveis a todos, e as antigas técnicas e os métodos modernos estão a se unir e intercomunicar-se. Cada um deverá modificar o seu

modo de apresentação e esforçar-se por compreender o espírito subjacente que produziu certa fraseologia e simbologia particular, e quando estas concessões forem feitas, surgirá uma estrutura verdadeira que incorporará o espírito da Nova Era. Os pensadores modernos compreendem isso. O Dr. Overstreet assinala:

"Suspeita-se que a filosofia oriental influenciou pouco o pensamento ocidental, principalmente devido à sua apresentação. Mas há toda razão para crer que à medida que a influência do pensamento ocidental - particularmente na sua rigorosa experimentalidade - for sentida no oriente, adotar-se-á uma nova modalidade filosófica, e a espiritualidade profunda do pensamento oriental será expressa de maneira mais aceitável à mente ocidental." (2)

(2). Overstreet H.A., *The Enduring Ouest,* p.271.

Até aqui, a tendência das duas escolas foi a de se antagonizarem, conquanto a procura da Verdade fosse a mesma; o interesse pelo que é e pelo que possa vir a ser não se confina a um ou outro grupo; e os fatores com os quais cada um trabalhou foram também os mesmos. Mesmo que o intelecto do pensador asiático se deixe levar pela imaginação criadora e o do investigador ocidental para a realização científica, ainda assim o mundo que ambos penetram é curiosamente o mesmo; o instrumento do pensamento que empregam é chamado "mente" no Ocidente e "substância mental" (chitta) no Oriente; servem-se dos símbolos para expressar as suas conclusões e ambos chegam ao ponto em que as palavras são impotentes para corporificar as possibilidades intuídas.

O Dr. Jung, uma das personalidades que procuram conciliar os elementos até aqui discordantes, toca nisto neste extrato do seu "Comentário Sobre um Velho Manuscrito Chinês". Diz assim:

> *"A consciência ocidental não é de modo algum a consciência em geral, mas um fator historicamente condicionado e geograficamente limitado, representativo apenas de uma parte da humanidade. A expansão da nossa consciência não deveria produzir-se em detrimento de outros tipos de consciência, mas sim, pelo desenvolvimento dos elementos da nossa psique que são análogos aos de uma psique estrangeira, assim como o Oriente não pode prescindir de nossa técnica, ciência e indústria. A invasão europeia da Ásia foi um ato de violência em grande escala e impõe-nos o dever - "noblesse oblige" - de compreender a mentalidade oriental. Isto talvez seja mais necessário do que nos damos conta atualmente." (3)*

(3). Wilhelm, Richard, e Jung, Dr. C. G., *The Secret of the Golden Flower,* p.136.

O Dr. Hocking de Harvard apresenta-nos a mesma ideia:

> *"Parece que há razões para esperar um melhor futuro físico da raça, graças a uma sã higiene mental. Passada a era dos charlatães e até certo ponto com a ajuda dos mesmos, vislumbra-se uma possibilidade de um autodomínio crescente, à medida que o sentido espiritual de uma disciplina tal como a da Ioga se junte aos sóbrios elementos da psicologia ocidental e com um sistema ético são. Nenhum destes elementos tem grande valor sem o outro." (4)*

(4). Hocking Wm. B., *Self, Its Body and Freedom,* p.75

Os que estudaram nas duas escolas, dizem-nos que os símbolos místicos do Oriente tal como os nossos expoentes místicos ocidentais não passam de um véu por trás do qual

aqueles que estão dotados de percepção intuitiva sempre puderam penetrar. A ciência ocidental, insistindo sobre a natureza da forma, conduziu-nos também aos domínios da intuição e parecer-nos-ia que os dois métodos poderiam fundir-se se, cada um libertando-se do não essencial, chegar a uma base de compreensão, desenvolvendo uma nova abordagem para o mistério central do homem fundada sobre velhas verdades demonstradas. O Dr. Jung escreve ainda sobre este assunto na obra acima citada:

> *"A ciência é a melhor ferramenta da mente ocidental; com ela podem ser abertas mais portas do que com as mãos. Assim, é parte da nossa compreensão, e só obscurece a nossa visão interior quando pretende ser a única maneira de se alcançar conhecimento. Mas foi o Oriente que nos ensinou uma compreensão mais alta, mais vasta, mais profunda, que é a compreensão através da vida. Não conhecemos este caminho senão vagamente, como um simples sentimento impreciso, tirado da terminologia religiosa e, como consequência, colocamos facilmente a sabedoria oriental entre aspas e repelimo-la para o domínio obscuro da fé e da superstição. Mas assim fazendo, o realismo oriental fica inteiramente incompreendido. Não consiste em intuições sentimentais exageradamente místicas, quase patológicas, emanando de reclusos ascetas e lunáticos. A Sabedoria do Oriente está baseada num conhecimento prático... que não temos a mínima justificação para subestimar". (5)*

(5). Wilhelm. Richard, and Jung. Dr. C. G. *The Secret of the Golden Flower, p.78*

É no exercício da mente que está o nó da questão. A mente humana é aparentemente um instrumento que pode ser empregado em duas direções. Uma é para o exterior: A mente, ao funcionar neste modo, registra os nossos contatos com o mundo físico e o mundo mental em que vivemos, e reconhece as condições emotivas e sensoriais. É o registrador e o que correlaciona as nossas sensações, reações e tudo o que lhe é transmitido por intermédio dos cinco sentidos e do cérebro. É um campo de conhecimento que foi largamente estudado e os psicólogos fizeram grandes avanços na compreensão dos processos de mentalização. "Pensar", diz-nos o Dr. Jung, "é uma das quatro funções psicológicas básicas. É esta função psicológica que, de acordo com as suas próprias leis, modela as representações dadas em suas conexões conceituais. É uma atividade perceptiva, tanto passiva como ativa. O pensamento ativo é um ato de vontade, o pensamento passivo uma ocorrência." (6)

(6). Dibblee Georg Binney, *Instinct and Intuition,* p. 85.

Como veremos mais tarde, é o aparelho do pensamento que está envolvido na meditação e que deve ser treinado para acrescentar a esta primeira função da mente a capacidade de se voltar para outra direção, e de registrar com igual facilidade o mundo interno e intangível. Esta habilidade para reorientar-se permitirá à mente registrar o mundo das realidades subjetivas, das percepções intuitivas e das ideias abstratas. Esta é a sublime herança do místico, que, contudo, parece ainda não ser acessível ao homem comum.

O problema que hoje se põe para a família humana, no domínio da ciência e da religião, resulta do fato que o seguidor de uma e de outra escola descobre se encontrar no limiar dum mundo metafísico. Um ciclo de desenvolvimento chegou ao fim. O homem, tanto como entidade sensível e pensante, parece haver chegado agora a uma apreciável

medida da compreensão do instrumento com o qual tem de trabalhar. Interroga-se: Que uso deve fazer dele? Aonde o conduzirá esta mente que ele está lentamente aprendendo a controlar? Que reserva o futuro ao homem? Algo que sentimos, de uma beleza e de uma certeza maior do que tivemos até o presente. Talvez cheguemos universalmente a esse conhecimento que o místico teve individualmente. Os nossos ouvidos estão surdos pelo barulho de nossa civilização moderna e, contudo, por vezes percebemos sons mais tênues que testemunham a existência de um mundo imaterial. Os nossos olhos estão cegos pela névoa e fumarada do ambiente imediato, contudo, veem lampejos de visão clara, que revelam um estado de ser mais sutil e que rompem a névoa, deixando entrar "a glória que nunca houve sobre a terra ou sobre o mar". O Dr. Bennet, de Yale, exprime estas ideias em termos magníficos:

> *"Cai o véu dos nossos olhos e o mundo aparece sob uma nova luz. As coisas já não são ordinárias; Vem uma certeza de que este é o mundo real cujo verdadeiro caráter a cegueira humana ocultou até agora.*
>
> *Não onde os sistemas em movimento se confundem*
> *E a nossa compreensão sem sentir se perde;*
> *Tivéssemos escutado atentamente o bater repetido das rotações,*
> *Nas nossas próprias portas completamente obstruídas pela lama.*
> *Os anjos conservam os seus antigos lugares;*
> *Movei apenas uma pedra e começai a voar!*
> *Sois vós, são os vossos rostos indiferentes*
> *Quem perde a mais esplendorosa das coisas*
>
> *"Esta experiência é em princípio perturbadora, sedutora.*
>
> *Há o rumor de um mundo novo e o espírito anseia por empreender esta viagem sobre estranhos mares. O mundo familiar deve ser abandonado. A grande aventura religiosa começa..."*
>
> *"Deve haver em qualquer parte um ponto seguro. Um universo em expansão pode abrir futuros, mas quem afirmar que o universo se desenvolve, enuncia um fato inalterável com respeito à sua estrutura, fato que é a garantia eterna da possibilidade e da validade da experiência..."*
>
> *O homem é uma ponte. Mesmo o super-homem, desde que descubramos que ele é apenas o símbolo de um árduo ideal a alcançar, torna-se também uma ponte. Nessa única certeza é que as portas do futuro estão sempre abertas." (7)*

(7). Bennet Ch. A., *A Philosophical Study of Mysticism,* pp.23, 117, 130.

O problema consiste talvez em que estas portas do futuro parecem abertas sobre um mundo imaterial e um reino inatingível, metafísico e supra-sensível. Quase esgotamos os recursos do mundo material, mas não aprendemos ainda a atuar no mundo imaterial. Chegamos mesmo a negar sua existência em certos momentos. Encaramos a inevitável experiência a que chamamos morte, sem fazer nenhum esforço lógico para verificar se há realmente uma vida para além dela! O progresso da evolução produziu uma raça maravilhosa, munida de um aparelho de resposta sensível e de uma mente que raciocina. Possuímos os rudimentos de um sentido a que chamamos intuição e, assim equipados,

permanecemos diante das portas do futuro e perguntamos: Para que fim empregaremos este complexo mecanismo a que chamamos um ser humano"? Teremos atingido nosso desenvolvimento completo? Haverá nuances do significado da Vida que tenham escapado à nossa atenção? E isto, por que temos poderes latentes e capacidades ainda não compreendidas? Será possível que estejamos cegos a um vasto mundo de vida e beleza, possuindo leis e fenômenos próprios? Os místicos, os videntes de todas as eras e de ambos os hemisférios declararam que tal mundo existe.

Com este equipamento - a que poderíamos chamar a personalidade - o homem, tendo atrás de si o passado, encontra-se num presente caótico e diante de um futuro invisível. Não pode permanecer estático. Deve seguir adiante e as vastas organizações educativas, científicas, filosóficas e religiosas fazem o que podem para apontar-lhe o caminho a seguir e apresentar-lhe a solução do problema.

O estático e cristalizado se desmorona com o tempo e onde o crescimento se interromper, ocorrerão anormalidades e retrocesso. Alguém disse que o perigo a evitar é o de uma "personalidade desintegrada". Se a humanidade não é uma potencialidade, se o homem atingiu o seu Zenite e não pode ir mais além, então deveria reconhecê-lo e procurar organizar o seu declínio de modo a tornar sua queda tanto mais fácil e bela. É encorajador notar que já em 1850, os nebulosos contornos deste portal para a Nova Era eram vagamente entrevistos, e que pensadores interessados por isto afirmavam que o homem não devia falhar no aprendizado da sua lição e sim, ir à frente no seu processo. Lede as palavras de Carlyle e constatai quão apropriadas são à Era presente.

> *"Nestes dias que passam sobre nós, mesmos os néscios param para perguntar qual é o seu significado. Poucas gerações de homens viram dias tão impressionantes! Dias de calamidades sem fim, de rotura, desorganização, de deslocamentos, de confusão assombrosa... Não é uma esperança débil que nos satisfará, pois a ruína é claramente... universal. Deve vir um mundo novo, se tal mundo deve haver. Que os seres humanos da Europa possam voltar sempre à triste rotina e avançar com segurança e constância, é uma esperança muito remota. Estes dias de mortandade universal devem ser dias universais de renascimento, para que a ruína não seja total e definitiva. É uma época para fazer o homem mais bruto refletir a respeito de sua origem e porque é que está preso..." (8)*

(8). Jacks L. P., *Religious Perptexities,* p.46.

Considerando o século decorrido depois que Carlyle escreveu estas palavras, constatamos que o homem não deixou de avançar. A era da eletricidade foi inaugurada e as maravilhosas aquisições da ciência da nossa época são de todos conhecidas. Portanto, neste tempo de crise nova, podemos ser otimistas e avançar com coragem, pois os portais para a entrada da Nova Era veem-se muito mais facilmente. Talvez seja verdade que o homem só hoje atinge a sua maioridade e começa a entrar na posse da sua herança e a descobrir em si próprio poderes, capacidades, faculdades e tendências que são a garantia e o penhor de uma humanidade vital e útil e de existência eterna. Estamos terminando o estágio em que se insistia sobre o mecanismo, sobre o conjunto das células que constituem o corpo e o cérebro, com as suas reações automáticas ao prazer, à dor e ao pensamento.

Conhecemos muito sobre o Homem, a máquina. Somos grandemente devedores aos psicólogos da escola mecanicista devido às suas descobertas sobre o aparelho pelo qual o ser humano entra em contato com tudo o que o cerca. Mas há "homens" entre nós que não são simples máquinas. Temos o direito de medir as nossas capacidades últimas e a nossa grandeza potencial pelas realizações dos melhores entre nós; estes grandes seres que não são os produtos esquisitos do capricho divino nem dos cegos impulsos da evolução, mas sim penhores da realização última do Todo.

Irving Babbitt observa que há qualquer coisa na natureza do homem "que o distingue dos animais, simplesmente como homem", e essa qualquer coisa definiu-a Cícero: "Um sentido de ordem, de decoro e de medida nas ações e palavras". Babbitt acrescenta, (e isto é o ponto a notar) que "o mundo seria um lugar melhor se mais pessoas já se tivessem assegurado de serem humanos antes de buscarem a super-humanidade".(9) Há talvez um estado intermediário no qual atuamos como homens, em que mantemos as nossas relações e em que cumprimos as nossas obrigações justas, cumprindo assim o nosso destino temporário. Põe-se aqui a questão de saber se de uma maneira geral, este estado é ainda possível, quando recordamos que há presentemente milhões de analfabetos no nosso planeta.

(9). Babbin Irving, *Humanism: An Essay and Definition.*

Mas, juntamente com esta tendência para uma humanidade pura e para o afastamento da padronização do ente humano, emerge um grupo de indivíduos aos quais chamamos místicos, que dão testemunho de experiência e de contatos pertencentes a outro mundo. E dão garantias de uma realização pessoal, de manifestação e satisfações fenomênicas que o homem comum desconhece. Assim como o Dr. Bennett diz: "Os místicos descreveram as suas realizações como sendo uma entrada na significação do universo, uma visão da maneira como as coisas estão ligadas umas às outras. Eles encontraram a chave." (10) Através das épocas, eles surgiram e declararam em uníssono que há outro reino na natureza, com suas leis, fenômenos e relações íntimas específicas. É o reino do espírito. Nós o encontramos e vós podeis também comprovar a sua natureza. Estas testemunhas constituem dois grupos: o dos buscadores puramente místicos e emotivos, que ao contemplar a visão caem num êxtase iluminado ante a beleza de que se aperceberam; o outro, o dos conhecedores, que acrescentaram ao êxtase emocional uma realização intelectual (uma orientação da mente) que lhes permite fazer mais que perceber e desfrutar. Compreendem, conhecem e identificam-se com este novo plano da existência, que os místicos puros aspiram atingir. A linha de demarcação entre estes conhecedores das coisas divinas e os que percebem a visão é muito sutil.

(10). Bennen, Charles A., *A Philosophical Study of Mysticism,* p.81.

Há, contudo, entre estes dois grupos, uma zona neutra, em que se efetua uma grande transição. Há um interlúdio entre a experiência e o desenvolvimento, no curso do qual o místico visionário torna-se um conhecedor prático. Há também um processo e uma técnica às quais o místico se submete a fim de que nele se coordene e desenvolva um novo aparelho sutil, por meio do qual já não percebe a visão da realidade divina, mas reconhece-se como sendo esta mesma realidade. A técnica da meditação concerne a este processo da transição e a esta tarefa de educação do místico. Disto tratamos neste livro.

O problema dos educadores e psicólogos é levar o homem a entrar na posse de sua herança como ser humano. Devem conduzi-lo até o pórtico do mundo místico. Por paradoxal que possa parecer esta missão cabe à religião e à ciência. O Dr. Pupin diz-nos que "a ciência e a religião suplementam-se uma a outra; são os dois pilares do pórtico através do qual a alma humana penetra no mundo onde reside a divindade". (11)

(11). Pupin, Michael, *The New Reformation,* p.217.

Vamos dar à palavra "Espiritual" uma acepção mais ampla. Não falo aqui das verdades religiosas; as formulações dos teólogos, dos eclesiastas de todas as religiões orientais e ocidentais, podem ser ou não verdadeiras. Empregamos a palavra "espiritual" como significando o mundo de luz e beleza, de ordem e de propósito, de que falam os livros sagrados, objeto das buscas atentas dos cientistas e no qual os pioneiros da família humana penetraram sempre e de onde regressaram para nos relatarem suas experiências. Consideremos espirituais todas as manifestações da vida, alargando assim o significado desta palavra, até incluir as energias e potências subjacentes em cada forma na natureza, e que dão a cada uma sua qualidade essencial e característica distintiva.

Desde há milhares de anos sobre todo o planeta, os místicos e os conhecedores têm dado testemunho de experiências dos mundos mais sutis, onde foram postos em contato com forças e fenômenos que não pertencem ao mundo físico. Falam de encontros com legiões angélicas; fazem alusão à grande nuvem de testemunhos; comunicam-se com os Irmãos mais velhos da Raça, que trabalham noutras dimensões e que mostram poderes de que o homem corrente nada conhece: falam de uma luz e de uma glória; de um conhecimento direto da verdade e de um mundo de fenômenos que é o mesmo entre os místicos de todas as raças. Admita-se que uma grande parte dos testemunhos possa ser posta de parte como alucinação: pode ser também que muitos dos santos de outrora tenha sido psicopatas e neuróticos; mas fica um resíduo de provas e um número suficiente de reputáveis testemunhos, para, substanciando este testemunho, forçar a nossa crença na sua veracidade. Estes testemunhos dos mundos invisíveis falaram com palavras poderosas e transmitiram mensagens que moldaram o pensamento dos homens e dirigiram as vidas de milhões. Clamaram que havia uma ciência do conhecimento espiritual e uma técnica pela qual os homens poderiam alcançar a experiência mística e conhecer Deus.

É esta ciência que estudamos neste livro, esta técnica que procuramos expor. Diz respeito ao emprego correto da mente, pelo qual o mundo das almas se revela e se abre a porta secreta que conduz das trevas para a luz, da morte para a imortalidade e do irreal para o Real.

A solução última do nosso problema mundial está em alcançarmos este conhecimento - conhecimento que não é propriedade nem do Oriente nem do Ocidente, mas que pertence a ambos. Quando tivermos juntado as mãos com o Oriente, e quando tivermos unido os melhores pensamentos do Ocidente com os do Oriente, teremos um ensinamento sintético e equilibrado que libertará as gerações futuras. Deve começar no campo educacional e na juventude.

No Ocidente, a consciência foi enfocada sobre o aspecto prático da existência e todo o nosso poder mental concentrou-se no controle e utilização das coisas materiais, no aperfeiçoamento do conforto físico e na acumulação de bens. No Oriente, onde as

realidades espirituais foram mais uniformemente mantidas, o poder mental foi empregado na concentração e na meditação e em profundos estudos filosóficos e metafísicos, mas as massas populares, incapazes destas atividades, foram deixadas em condições particularmente terríveis, do ponto de vista da existência física. Pela fusão das realizações das duas civilizações (fusão que prossegue agora com uma rapidez crescente) nos aproximamos de um equilíbrio por meio do qual a humanidade, no seu conjunto, poderá demonstrar a plenitude da sua potencialidade. O Oriente e o Ocidente estão aprendendo a tirar vantagens mútuas recíprocas e o trabalho neste campo é uma das tônicas fundamentais do ciclo presente.

CAPÍTULO II

O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO

> "*...a educação está sofrendo importantes transformações.* O *processo, relativamente externo pela introdução dos fatos, torna-se cada vez mais um processo pelo qual são evocadas as possibilidades geradoras mais profundas, ocultas no indivíduo".*
>
> H. A. OVERSTREET

Um dos numerosos fatores que conduziram a humanidade ao seu grau atual de desenvolvimento foi o crescimento e o aperfeiçoamento dos seus métodos e sistemas de educação. O ensinamento esteve primeiramente nas nãos das organizações religiosas; mas hoje em dia, já não têm praticamente o controle, que passou às mãos do Estado. No passado, a educação era largamente colorida pela teologia e os seus métodos eram ditados pelos homens da Igreja. Agora, o vasto corpo do ensino é formado pelo Estado; toda tendência religiosa é ignorada, tendo em conta as numerosas Igrejas diferenciadas, e a tendência do ensino é quase toda materialista e científica. Antigamente, no Oriente e no Ocidente, não tínhamos senão a educação dos membros mais altamente evoluídos da família humana. Hoje, temos a educação das massas. Para bem compreender a educação futura e, cremos, superior, estes dois fatores devem estar presentes no espírito, porque será numa síntese dos dois métodos - educação do indivíduo e das massas, educação religiosa e científica - que se encontrará o caminho.

Como todas as coisas neste período de transição, os nossos sistemas educacionais estão num estado de flutuação e mudança. É geral um sentimento de que muito se fez para elevar o nível da mente humana, simultaneamente a uma profunda corrente de descontentamento quanto aos resultados. Põe-se em causa se os nossos sistemas de ensino estão alcançando o máximo benefício. Apreciamos o enorme avanço que foi realizado no curso dos últimos duzentos anos e, contudo, perguntamos se no fim de contas tiramos da vida tudo o que se poderia obter, das pessoas, com um sistema adequado de treino e desenvolvimento. Inflados de satisfação em virtude do crescimento do nosso saber, da acumulação das nossas informações e do controle da natureza, debatemos contudo a questão de saber se possuímos ou não uma verdadeira cultura. Ensinamos os nossos filhos a memorizar uma enorme soma de fatos e a assimilar uma quantidade de detalhes infinitamente diversos, e, no entanto, inquietamo-nos em saber se os ensinamos a viver mais satisfatoriamente. Dispendemos milhões na construção e no equipamento das universidades e colégios e, no entanto, os nossos educadores mais clarividentes estão gravemente preocupados em saber se esta educação responde realmente às necessidades do cidadão comum. Parece falhar sua missão quanto à criança excepcional, ao homem e à mulher bem dotados. O nosso modo de desenvolvimento da juventude está decididamente em julgamento. Só o futuro mostrará o meio pelo qual a cultura do indivíduo poderá

prosseguir paralelamente à civilização, pela educação das massas.

Numa época de empreendimento científico e de síntese do pensamento em todos os departamentos do conhecimento humano, um dos nossos educadores, o Dr. Rufus M. Jones diz:

> *"Ah! Mas nenhuma destas realizações nos faz melhores homens. Não há uma equação entre as contas de banco e a bondade do coração. O saber não é de modo algum a mesma coisa que a sabedoria e a nobreza do espírito... O mundo nunca viu antes um exército tão imenso de educadores a agir sobre a juventude do país, nem jamais aconteceu na história do mundo tal dispêndio generoso de dinheiro em favor da educação primária e superior. Contudo, o efeito total é desapontador e não alcança o ponto central. As nossas instituições de ensino produzem alguns bons "escolares" e fornecem uma massa de fatos científicos a numerosos indivíduos. Mas há uma falência lamentável na principal questão da educação que é, ou deveria ser, a formação do caráter, a cultura do espírito, a construção da alma." (1)*

(1). Jones, Rufus M., "The need for a spiritual element in education", *World Unity Magazine,* October 1928.

A Velha Mãe Ásia e a Europa, até o século XVIII, treinavam e aculturavam o indivíduo. Dava-se um treino intensificado às chamadas classes superiores e ao homem que demonstrava uma marcada aptidão para a cultura espiritual.

Sob o sistema bramânico, no Oriente, e nos monastérios do Ocidente, dava-se uma cultura especial àqueles que podiam aproveitar e produzir indivíduos excepcionais que, até hoje, puseram a sua marca no pensamento humano. O nosso mundo ocidental moderno substituiu isto pela educação das massas. Pela primeira vez milhares de homens aprendem a servir-se das suas mentes. Começam a afirmar a sua própria individualidade e a formular as suas próprias ideias. A liberdade de pensamento, a libertação do controle das teologias (religiosas ou científicas) são os gritos de guerra do presente e muito tem sido ganho. As massas começam a pensar por si próprias, mas é um pensamento da massa, e a opinião pública temerária molda o pensamento tanto como outrora as teologias. O pioneiro tem tanta dificuldade, hoje em dia, como no passado, para fazer-se sentir no mundo do pensamento e das realizações.

A grande roda da vida gira e talvez devemos voltar ao antigo método de instrução especializada em proveito do indivíduo especial; reversão que não implicará uma rejeição da educação das massas. Deste modo, talvez consigamos finalmente unificar os métodos do passado e do Oriente com os do presente e do Ocidente.

Antes de considerarmos estes dois métodos, vamos experimentar definir educação, expressar nós mesmos os seus fins e, portanto, esclarecer as nossas ideias quanto aos objetivos dos nossos esforços. Isto não é coisa fácil. A educação pode ser definida sob o aspecto menos interessante, como uma entrega de saber ao estudante e geralmente a um estudante indiferente, que recebe uma massa de informações que não lhe interessam de modo algum. Isto é árido e seco; sentimos que esta apresentação trata principalmente do desenvolvimento da memória, com a comunicação dos pretendidos fatos, dando-se ao estudante uma pequena informação sob grande número de assuntos sem correlação

recíproca.

Contudo, o sentido literal da palavra é: "Conduzir para fora de... " ou "tirar de... ", e isto é muito instrutivo. O pensamento latente nesta ideia é que deveríamos extrair para fora instintos e potencialidades inerentes à criança, afim de a conduzir de um estado de consciência até outro mais vasto. Desta maneira, conduzimos, por exemplo, as crianças que estão simplesmente conscientes de estarem vivas, a um estado de auto-consciência; tornam-se conscientes de si próprias e das relações grupais; são ensinadas a desenvolver os seus poderes e capacidades, especialmente graças à orientação profissional, a fim de se tornarem independentes economicamente e, portanto, membros da sociedade, auto-subsistentes e assim capazes de socorrer às suas próprias necessidades. Exploramos o seu instinto de preservação a fim de os conduzir ao caminho do conhecimento. Poder-se-á dizer que começamos por utilizar o seu equipamento instintivo para os fazer entrar no caminho do intelecto? Pode ser verdade, mas pergunto se, tendo-os conduzido a este ponto, continuamos o nosso bom trabalho e ensinamos-lhes o verdadeiro significado da intelectualização como exercício pelo qual a intuição desponta. Ensinamos-lhes a utilizar os seus instintos e o seu intelecto como parte do aparelho de preservação no mundo exterior dos negócios humanos, mas o uso da razão e do controle eventual da mente pela intuição na obra de auto-preservação e na continuidade da consciência nos mundos subjetivos e reais, é ainda o saber privilegiado de um pequeno número de pioneiros. Se a definição da intuição dada pelo professor Wildon Carr é correta, então os nossos métodos educativos não tendem para o seu desenvolvimento. Ela descreve-a como sendo “a apreensão direta, pela mente, da realidade tal qual é, o não sob a forma de uma percepção ou de uma concepção, nem de uma ideia, nem de um objeto da razão, tudo o que, é apenas ainda uma apreensão intelectual.” (2)

(2). Carr, H. Wildon, *Philosophy of Change,* p.21.

Consideramos a ciência mental ou as modificações do princípio pensante (como a chamam os hindus) como estritamente humanas, considerando as reações instintivas do homem como qualidades que possui em comum com os animais. Não será possível que a intuição, a arte da clara visão sintética, possa um dia encontrar-se em relação com o intelecto, como este se encontra, por sua vez com a faculdade instintiva?

O Dr. Dibblee de Oxford faz sobre o instinto e a intuição os seguintes interessantes comentários que têm aqui o seu lugar em função da nossa tese, a favor do reconhecimento de uma técnica conducente ao desenvolvimento de uma faculdade de consciência mais alta. Diz ele:

> *"Tanto o instinto como a intuição começam nas partes extra-conscientes de nós mesmos, para empregar uma metáfora local, e emergem igualmente de improviso à luz da consciência quotidiana... Os impulsos do instinto e as incitações da intuição são engendradas no segredo total. Quando aparecem, são necessariamente quase completas e a sua aparição na nossa consciência é súbita." (3)*

(3). Dibblee, Binney George, *Instinct and Intuition,* p.128.

Em outra passagem, o Dr. Dibblee acrescenta que a intuição está situada do outro lado da razão, em posição oposta ao instinto. Temos, por conseguinte, esta triplicidade

interessante - o instinto, o intelecto e a intuição - com o instinto abaixo do limiar da consciência, por assim dizer, com o intelecto mantendo o primeiro lugar no reconhecimento do homem como ser humano e com a intuição situada para além dos dois, fazendo apenas ocasionalmente sentir a sua presença pelas súbitas iluminações e captações da verdade que são o dom dos nossos maiores pensadores.

Haverá com certeza no processo da educação, qualquer coisa mais do que apenas para preparar o homem, em vista da luta pela vida e da adaptação ao meio arbitrário? A humanidade deve ser conduzida para o futuro e para uma realização mais vasta e profunda. Deve ser equipada de maneira a fazer face a todas as eventualidades de modo a obter os resultados mais elevados e melhores. Os poderes dos homens devem ser conduzidos à sua plena expressão construtiva. A realização não deve ter limite padronizado que, uma vez atingido, deixe as pessoas complacentes, satisfeitas consigo mesmas e, por conseguinte, estáticas. Elas devem ser sempre conduzidas dos estágios de realização mais baixos até os mais altos, e a faculdade de conhecer deve ser expandida de maneira perseverante. A expansão e o crescimento são a lei da vida e enquanto a massa dos homens deve ser elevada por um sistema de educação suscetível de proporcionar o melhor bem ao maior número, o indivíduo deve receber sua herança plena e deve ser providenciada uma cultura especial que faça crescer e fortificar os mais perfeitos e os melhores de entre nós, porque no seu aperfeiçoamento se encontra a promessa da Nova Era. O inferior e o atrazado devem também submeter-se a um treino especial a fim de atingirem o modelo elevado que os educadores fixaram. Mas é de uma importância maior ainda, que nenhum homem com aptidão ou equipamento especial seja mantido no nível estático do modelo de massa das classes educadas.

É justamente aqui que a dificuldade de definir a educação aparece, e que as questões surgem quanto ao seu fim real e aos seus verdadeiros objetivos. O Dr. Randall bem o compreendeu num artigo em que diz:

> *"Desejaria recomendar a definição da educação como um exercício possível de meditação íntima. Que cada um pergunte a si próprio o que entende por "educação" e, se refletirdes profundamente sobre a questão, descobrireis que para responder a isso é preciso ir até o mais profundo do significado da própria vida. Pensar sinceramente no significado da educação, obriga-nos a confrontar as questões fundamentais da vida, como nunca antes o fizemos. Será o conhecimento o fim da educação? Sim, certamente, mas o conhecimento para que? O seu fim é o poder? Sim, ainda, mas o poder para que fim? É o seu fim o ajustamento social? A idade moderna responde enfaticamente que sim, mas que espécie de ajustamento será esse? E determinado por que ideias? Que a educação não aspira a um simples conhecimento ou a um tipo qualquer de poder mas a um conhecimento e poder usados corretamente, é claramente reconhecido pelo pensamento educacional mais progressista, ainda que não pela opinião popular de hoje...*
>
> *Em consequência, o grande objetivo da nova educação é o treino e o desenvolvimento do indivíduo para fins sociais, isto é, para o mais vasto serviço do homem...*

Classificamos geralmente a educação em três categorias: primária, secundária e superior. A estas três categorias desejaria acrescentar uma quarta. Esta é a religião, que também é educação." (4)

(4). Randall. John Hermann, "Education and Religion" *World Unity Magazine,* October 1928.

É interessante constatar que Bhagavan Das exprime as mesmas ideias na primeira Conferência Educacional de Toda Ásia ao declarar que:

"As regras da Religião, isto é, da mais vasta ciência tornam-nos capazes... de cumprirmos todas as grandes dívidas e deveres. A religião foi descrita como sendo o mandamento ou a revelação de Deus. Em outros termos, isto significa somente as leis da Natureza de Deus, tais como elas nos são reveladas pelos esforços intelectuais, intuitivos e inspirados, dos videntes e cientistas de todas as religiões e de todas as nações... Ouvimos falar muito tempo das três R's. A quarta, a genuína Religião, é mais importante que todas as outras; mas deve ser a primeira e cuidadosamente descoberta e pensada. Ela apela a todos os educadores, para contribuírem neste trabalho pela aplicação do método científico de descobrir as correlações que há entre as diferenças." (5)

(5). Das, Bhagavan, *The Unity of Asiatic Thought, i.e. If all Religions.*

Tanto o Oriente como o Ocidente parecem sentir que um sistema de educação que não conduza realmente o homem desde o mundo das necessidades para a mais vasta consciência das coisas espirituais, falou na sua missão e não responderá à aspiração intensa da alma humana. Falta muito, num desenvolvimento que faz parar muito cedo o intelecto e ignora a faculdade demonstrada pelas melhores mentalidades de perceber intuitivamente a verdade. Se deixa seus estudantes com mentes fechadas e estáticas, deixa-os também sem equipamento que lhes permita alcançar estes sutis intangíveis "quatro quintos de vida" que o Dr. Wiggam nos diz estarem situados para além do domínio do desenvolvimento científico. Deve-se abrir a porta para os que podem ir além do desenvolvimento acadêmico mental, em relação ao plano de vida físico. O êxito da raça futura está ligado ao êxito destes indivíduos que têm a capacidade de realizar coisas maiores dado que mais espirituais. Estas unidades da família humana devem ser descobertas, encorajadas para ir adiante e penetrar neste reino do intangível. Devem ser cultivados, treinados e uma educação dada, adaptada ao que há neles de mais elevado e de melhor. Uma tal educação requer uma percepção exata do crescimento, do estado individual, e uma compreensão exata em cada caso da etapa seguinte. Isto necessita de clarividência, simpatia e compreensão da parte do professor.

Há, entre os educadores, uma compreensão crescente desta necessidade de impulsionar os processos educativos mais avançados e, portanto, de elevar os que estão submetidos à sua influência, do domínio do intelecto puramente analítico e crítico, até os planos da razão pura e da percepção intuitiva. Bertrand Russel aponta que "a educação não deve tender para um conhecimento passivo de fatos mortos, mas para uma atividade dirigida para o mundo que os nossos esforços estão criando." Mas devemos recordar que a criação pressupõe um criador vivo e ativo, agindo com intenção e utilizando a imaginação criadora.

Pode-se dizer que os nossos sistemas de educação modernos originam isto? Não é a mente padronizada e mantida baixa pelo nosso sistema de massas e pelo método que consiste em cobrir a memória de fatos mal assimilados?

Se Herbart tem razão quando diz que "a principal função da educação é a revelação ética do universo", então o Dr. Moran tem sem dúvida razão quando sublinha que "uma das causas subjacentes - talvez a maior - à nossa era materialista, é a falta do elemento espiritual na nossa educação formal."

Alguns de entre nós sentem que existe um fim mais vasto ainda que a revelação ética, o que é possível que a humanidade seja a guardiã de uma iluminação e de uma glória que só serão realizadas na sua plenitude quando as massas tenham atingido, numa certa medida, a magnificência que caracterizou as Figuras Mundiais do passado. Não estará isto conforme o desenvolvimento evolutivo, ou seja, que o fim real da educação seja conduzir a humanidade do quarto reino para o reino espiritual, onde os pioneiros que chamamos Místicos e as Figuras determinantes da raça vivem, movem-se e têm o seu ser? Assim, a humanidade será elevada do mundo objetivo para o reino do Espírito, onde se encontram os verdadeiros valores, onde se estabelece o contato com este Eu mais vasto e de que a existência dos "eus" individuais tem por único objetivo revelar. Keyserling faz alusão a isso na seguinte passagem:

> *"Conhecemos os limites da razão humana; compreendemos o significado dos nossos esforços; somos os mestres da natureza. Podemos examinar simultaneamente o mundo exterior e o mundo interior. Já que podemos determinar cientificamente quais são as nossas intenções reais, não temos a necessidade de sermos mais presa de auto-decepções... A partir de agora, esta possibilidade deve tornar-se o motivo consciente da vida. Até aqui não foi assim. Contudo, isto é muito importante porque o centro de consciência determina o ponto de partida do homem. Onde quer que coloque sua ênfase dentro de si, aí fica; e todo o seu Ser é consequentemente organizado... Uma educação para a síntese do entendimento e da ação é necessária, portanto, para uma vida baseada no conhecimento.*
>
> *Toda a educação, no Oriente, é dirigida para a compreensão sentida que... é o único caminho que pode ser mostrado como conduzindo, a uma elevação da Existência essencial... A coisa essencial não é a informação, mas a compreensão, e a compreensão não pode ser atingida senão pela aplicação criativa pessoal... A percepção sentida significa sempre dar uma significação a uma coisa; a dimensão da Significação encontra-se na direção do interno para o externo. Por conseguinte, o saber, (no sentido de informação) e a compreensão, em realidade, estão na mesma relação que a natureza e o Espírito. A informação é levada do exterior para o interior; a compreensão é um processo criador na direção oposta. Nestas condições, não há caminho direto que conduza de um fim ao outro. Pode-se conhecer tudo e ao mesmo tempo não compreender nada. É precisamente este o impasse para onde a nova educação, que tende a amontoar informações, conduziu a maioria." (6)*

(6). Keyserling, Count Hermann, *Creative Understanding,* pp. 257, 216-217.

Este livro procura tratar do método pelo qual a capacidade de funcionar numa consciência mais larga pode ser desenvolvida e o homem pode reorganizar o seu ser para fins mais vastos. Está ligado com a técnica pelo qual um treino especial e a autocultura podem ser aplicados aos indivíduos que são capazes de desejarem este objetivo mais vasto. Se este desejo assumir uma forma racional e clara na sua mente e for apreciado como um objetivo perfeitamente legítimo e capaz de realizações vitoriosas, ele conseguirá aprendê-la firmemente. Muitos procurarão o caminho agradecidos, se a sociedade providenciar os meios e a oportunidade para tal avanço. O método proposto é uma técnica individual que permitirá ao estudante que aproveitou as experiências da vida e as vantagens dos seus estudos usuais, expandir a consciência até que gradualmente transcenda às suas limitações atuais e reoriente a sua mente para realizações mais amplas. Descobrirá a alma como grandiosa Realidade, ganhando assim experiência direta com as coisas espirituais.

Everett Dean Martin define a educação como uma "revalorização espiritual da vida humana". A sua tarefa é reorientar o individuo, permitir-lhe ter uma visão mais rica e significativa das suas experiências e colocá-lo acima e não dentro do sistema das suas crenças e ideais" (7) Esta definição abre necessariamente a porta à controvérsia, pois vivemos todos em ambientes diferentes. Cada um de nós tem os seus problemas e características especiais, baseados na hereditariedade, na condição física e em muitos outros fatores. O padrão de valores teria assim de ser modificado para cada pessoa, geração, país e raça. Que a educação existe para nos preparar para "viver completamente" (como diz Herbert Spencer) pode ser verdade, mas a forma e a capacidade de cada homem difere. O ponto de realização mais baixo e o mais alto varia infinitamente para os homens e uma certa pessoa preparada para atuar numa esfera particular pode revelar-se ridiculamente inadequada noutra. Deve-se, portanto, delinear algum padrão de "vida completa", se queremos que a definição seja útil. Para fazermos isto temos de descobrir qual o tipo mais puro do homem perfeito e desenvolvido e qual é a soma total da sua gama de contatos. Não parece verdadeiro que tenhamos exaurido as capacidades do aparelho de resposta do homem, nem do ambiente com que pode ser posto em contato. Quais são os limites dentro dos quais cada homem pode atuar? Se há estados de consciência que vão desde o do hotentote até a nossa elite intelectual e mais acima, aos gênios e mestres em todos os domínios da expressão humana, que constitui a diferença entre eles? Por que seus campos de percepção são tão grandemente diversificados? Uns dirão desenvolvimentos sociais, outros estabilidades ou instabilidades glandulares; a posse ou a falta de vantagens educacionais adequadas, de diferenças ambientais e de herança, decidirão ainda outros grupos.

(7). Martin, Everett Dean, *The Meaning of a Liberal Education,* p.VIII, preface.

Mas fora da oscilação das opiniões, emerge o fato fundamentai humano da vasta escala de estados da consciência humana e o espanto de constatarmos que a humanidade pode produzir maravilhas de pureza de expressão, de compreensão total e de perfeita influência geral, tais como vemos evidenciados por Cristo, Buda, Platão e tantos outros, cujo pensamento e palavras marcaram com o seu selo a mente dos homens para milhares de anos. Quê os fez como eles são? Serão milagres saídos do coração do Infinito e jamais igualáveis? Serão produtos do processo evolutivo e que se tornaram potentes graças a uma

vasta experiência e desenvolvimento? Ou são a flor da raça humana, tendo acrescentado ao seu equipamento e treino uma cultura especial, que os tornou capazes de penetrar num mundo espiritual que tem estado fechado à maioria, e de atuar numa dimensão de que os nossos sábios mais esclarecidos nada conhecem? Os atuais sistemas de educação conduziram a humanidade na sua totalidade para uma condição tal que milhares de indivíduos estão prontos para se beneficiar desta cultura especializada e, em consequência, estamos a enfrentar urna crise na educação que tem as suas raízes num acontecimento que, prosseguindo no mesmo sentido, será prejudicial, porque o homem está pronto para alguma coisa nova. Alguns de nós pensam que isto é possível e que é tempo dos educadores começarem a preparar os homens em vista desta nova divina e maravilhosa experiência, que os porá sempre na posse deles próprios - uma coisa que foi até agora a prerrogativa dos místicos e dos conhecedores. Estes testemunharam um mundo mais vasto do que o revelado pelo mecanismo dos nervos e do que é investigado pelos químicos, físicos, biólogos e antropólogos. Falaram em termos precisos de um domínio de contatos e de percepções no qual os sentidos ordinários são inúteis. Pretendem ter vivido e atuado nessas regiões mais sutis, e a perseverança demonstrada na procura mística da realidade, a similitude dos seus testemunhos através das idades, conduzem-nos a crer na possibilidade deste mundo intangível e na existência de um aparelho de resposta por meio do qual ele pode ser contatado. Estes místicos e estes pensadores intuitivos "enganados" contam-se por dezenas de milhares, entre os melhores intelectos da raça. Dizem-nos como Walt Whitman:

> *"Eu e os da minha espécie não convencemos por raciocínios, convencemos pela nossa presença." (8)*

(8). Whitman. Walt, *Leaves of Grass.*

A educação foi também definida como "uma busca aventurosa da significação da vida, implicando uma capacidade de pensar profundamente as coisas." Não sei quem disse isto, mas parece-me que é uma excelente descrição da maneira dos místicos e da técnica da meditação pela qual o místico se torna conhecedor plenamente consciente. Qualquer que seja o esforço para explicar isto, um fato permanece: o homem vai procurando através das idades, e esta procura leva-o muito mais longe que as coisas concretas e exteriores do mundo no qual ele vive. O Dr. Overstreet atrai a nossa atenção sobre este ponto pelas palavras que encerram a verdadeira mensagem mística. Ele diz:

> *"Somos, principalmente, criaturas que vemos as "coisas". Vemos o que vemos e geralmente não além do que vemos. Fazer a experiência do mundo apenas como mundo das coisas é perder, sem dúvida nenhuma, algo de significativo. A experiência das coisas, para ser segura, é boa enquanto prossegue. Isto nos torna capazes de andar pelo mundo e de manipular com certo sucesso os fatores da vida... Contudo, é possível alcançar uma "percepção" diferente do seu próprio mundo, se alguém pode desenvolver um outro hábito mental. É, em poucas palavras, o hábito de ver o invisível na realidade visível, o hábito de penetrar as superfícies, de ver através das coisas até às fontes originais." (9)*

(9). Overstreet, H.A., *The Enduring Quest,* p.114.

Talvez os homens estejam prontos, agora, para penetrar abaixo da superfície e

prosseguir em suas buscas no interior das formas externas da natureza até o que é causa delas. Estamos talvez inclinados a confundir o espírito religioso com a busca mística. Toda reflexão clara, perseverante, da vida e das grandes leis da natureza, conduz finalmente ao mundo místico, conforme os nossos sábios mais esclarecidos começam hoje a compreender. A religião principia com as hipóteses aceites do invisível e o do domínio místico. Mas a ciência chega ao mesmo ponto procedendo do visível para o invisível, do objetivo para o subjetivo. Assim, como foi dito, pelo processo da investigação e pela passagem de forma a forma, interiormente, o místico alcança finalmente a glória do Eu sem véu. Parece inalteravelmente verdade que todos os caminhos levam a Deus, - Deus considerado como fim último, o símbolo da procura humana da Realidade. Já não é um sinal de superstição crer numa dimensão superior e num outro plano da Existência. Mesmo a palavra "sobrenatural" tornou-se profundamente respeitável e parece possível que o sistema educativo considere, qualquer dia, a preparação do indivíduo para ultrapassar os seus limites naturais, como algo que faz legitimamente parte das suas atribuições. É interessante notar o que diz o Dr. C. Lloyd Morgan, nas conferências de Gifford dadas em 1923, sobre a palavra "sobrenatural":

> *"Há, realmente, um sentido inteligível do qual se pode dizer que na hierarquia ascendente de estados de progresso, considerados como manifestação do Propósito Divino, cada degrau superior é por sua vez sobrenatural em relação ao que o precede. Neste sentido, a vida é sobrenatural ao inorgânico; no domínio do pensamento, a compreensão refletida é sobrenatural em relação ao pensamento ingenuamente irrefletido; a atitude religiosa com o reconhecimento do Propósito Divino é sobrenatural em relação à atitude ética nos assuntos sociais. Para os que atingiram este mais alto grau, a atitude religiosa dá o supremo exemplo do sobrenatural. É a característica do homem espiritual." (10)*

(10). Morgan, C. Lloyd, *Life, Mind and Spirit,* p.x , Preface.

E o Dr. Morgan acrescenta muito belamente que "o importante para nós reside numa nova atitude, porque é isto, creio, que está a emergir. Assim podemos falar de uma nova "visão" e de um "coração" novo capazes de uma forma de alegria mais elevada e mais rica." (11)

(11). Lbid.

No seu notável livro, "Human Nature and its Remarking" o Dr. Hocking observa que a educação tem duas funções; deve primeiramente comunicar um padrão e depois fornecer o que é necessário para o crescimento para além do próprio padrão. A educação tem por fim fazer o homem verdadeiramente mais humano. Deve delinear e aperfeiçoar a sua natureza e tornar assim possível a revelação das potencialidades profundas para as quais tende a humanidade inteira. A evocação da "vontade-de-conhecer" e mais tarde a da "vontade de ser" devem seguir um processo de desenvolvimento natural. É sob esta relação que o método da meditação revelar-se-á como uma parte da técnica da educação superior que a Nova Era verá desenvolvida; descobrir-se-á que a meditação é o meio pelo qual o ser humano já aperfeiçoado pode sê-lo em grau mais alto ainda, e introduzido num novo reino da natureza. A meditação é em primeiro lugar um processo de educação auto-iniciado,

convocando toda a força da vontade, baseando-se nos recursos pessoais atuais mas produzindo afinal um tipo novo de alma, com o seu aparelho interno particular e contendo outra vez em si mesmo os germens de um desenvolvimento ainda maior.

Em vez de ser algo imposto do exterior, o novo processo educativo sai do interior e torna-se a disciplina mental imposta por si mesmo e à qual damos as demonstrações tão pouco compreendidas de: concentração, meditação e contemplação. Em lugar de ser um treino da memória e o desenvolvimento de uma rápida manipulação do aparelho de resposta que nos põe em contato com o meio exterior, a técnica educacional torna-se então um sistema de controle mental, conduzindo finalmente ao conhecimento interno de um novo estado de Ser. Isto, com o tempo, produz uma capacidade de reagir prontamente a um mundo intangível, invisível, e a uma série de cognições instintivas que tem o seu lugar num aparelho de resposta mais sutil. O tipo de alma impõe-se ao tipo humano, como este se impõe ao tipo animal, e do mesmo modo que o tipo humano é o produto do treino das massas e do instinto, tipo que foi prodigiosamente desenvolvido pelos nossos sistemas modernos de educação, da mesma forma, o tipo da alma é o produto de um novo método de treino mental, imposto ao indivíduo pela alma e suscitado pela urgência da busca e pelo ato de sua vontade. Esta alma está sempre latente na forma humana, mas é conduzida para uma atividade real através da prática da meditação.

Esses dois métodos de aperfeiçoamento do homem e sua elevação até um padrão de massa, e a produção da emergência do novo tipo, a alma, constituem a principal distinção entre os métodos educacionais ocidental e oriental.

O contraste entre os dois modos de desenvolvimento é dos mais instrutivos. No Oriente, temos a cultura atenta do indivíduo, as massas são deixadas praticamente sem educação. No ocidente, temos a educação coletiva mas, geralmente falando, o indivíduo permanece sem qualquer cultura específica. Estes dois grandiosos e divergentes sistemas produziram, cada um, uma civilização que expressa o seu gênio e manifestações particulares, mas também os seus marcantes defeitos. As premissas sobre as quais estes sistemas estão baseados diferem grandemente e é valioso considerá-las porque é na sua compreensão e na sua união final que talvez seja encontrada a solução para a nova raça, na Nova Era.

Primeiro: No sistema oriental assume-se que em toda a forma humana habita uma entidade, um ser chamado Ego ou Alma. Segundo: este Ego utiliza a forma do ser humano como instrumento, ou seu meio de expressão, e manifestar-se-á finalmente, pela soma dos seus estados mentais e emotivos, utilizando o corpo físico como seu mecanismo de funcionamento sobre o plano físico. Finalmente, o controle destes meios de expressão está submetido à lei de Renascimento ou Reencarnação. Pelo processo evolutivo (que prossegue durante numerosas vidas num corpo físico) o Ego constrói gradualmente um instrumento apropriado à manifestação e aprende a dominá-lo. Assim, o Ego ou alma torna-se realmente criativo e auto-consciente no mais alto sentido, ativo no seu meio ambiente, manifestando assim, perfeitamente, a sua natureza verdadeira. Finalmente, ganha a libertação completa da forma, da escravidão da natureza dos desejos e da dominação do intelecto. Esta emancipação final e consequente transferência do centro da consciência do reino humano para o reino espiritual é apressada e alimentada por uma educação especializada, chamada processo de meditação, que é superimposto a uma mentalidade sábia e largamente cultivada.

O resultado deste treino individual e intenso foi espetacular ao extremo. O método oriental é o único que produziu os Fundadores de todas as religiões, porque todas são de origem asiática. E responsável pelo aparecimento das Escrituras inspiradas do Mundo que moldaram os pensamentos dos homens, pela vinda dos Salvadores Mundiais: Buda, Zoroastro, Sri Krishna, Cristo e outros. Assim, como resultado desta técnica particular, o Oriente produziu todas as Grandes Individualidades que deram a tônica própria para a sua época particular, e o ensinamento necessário para o desenvolvimento da Ideia-de-Deus na mente dos homens, e assim fizeram avançar a humanidade na via da percepção espiritual. O resultado exotérico das suas vidas vê-se nas grandes religiões organizadas.

No treinamento de indivíduos altamente desenvolvidos, contudo, as massas na Ásia foram negligenciadas, e o sistema, em consequência, sob o ângulo de desenvolvimento racial, deixa muito a desejar. O defeito do sistema é o desenvolvimento de tendências visionárias e pouco práticas. O místico é frequentemente incapaz de fazer face às circunstâncias ambientais e quando se insiste unicamente sobre o lado subjetivo da vida, o bem-estar físico do indivíduo e da raça é negligenciado e desdenhado. As massas são abandonadas à luta, na ignorância, doença e imundície, donde estas condições deploráveis que se encontram em todo o Oriente, paralelamente à mais alta iluminação espiritual de uma elite favorecida.

No Ocidente tem lugar o inverso. O subjetivo é ignorado e visto como hipotético e as premissas sobre as quais a nossa cultura se baseia são as seguintes: Primeiro: Há uma entidade chamada ser humano, que possui uma mente, um conjunto de emoções e um aparelho de resposta pelo qual é posto em contato com o ambiente. Segundo: o seu caráter e as suas disposições dependerão do seu aparelho de resposta, da condição do seu intelecto e da natureza das circunstâncias circunvizinhas. O fim dos métodos da educação aplicado em bloco e sem discriminação é torná-lo apto fisicamente, aberto mentalmente, e fornecer-lhe uma memória bem treinada, reações controladas e um caráter que o torne um instrumento social e um fator efetivo no corpo econômico. A sua mente é vista como a reserva onde são armazenados os fatos comunicados e a preparação dada a cada criança tem por fim fazer dela um membro útil da sociedade, decente e auto-subsistente. O resultado destas premissas é o oposto do Oriente. Não temos nenhuma cultura específica, suscetível de produzir Figuras Mundiais, tais como as produzidas na Ásia; mas elaboramos um sistema de educação coletiva e desenvolvemos grupos de pensadores. Daí as nossas universidades e escolas públicas ou privadas. Estas imprimem a sua marca sobre milhares de homens, estandardizam-nos, preparam-nos de tal modo que resulta um produto humano, possuindo um certo saber uniforme, uma certa acumulação de fatos estereotipados e uma tintura de informação. Isto significa que não temos já a deplorável ignorância que encontramos na Ásia, mas um nível bastante elevado de conhecimento generalizado. Assim se deu origem ao que chamamos a civilização com as suas riquezas em livros e nas suas numerosas ciências. Isto produziu a investigação científica do homem e (na crista da onda da evolução humana) os grandes Grupos em oposição às grandes Individualidades. Estes contrastes podem ser resumidos, *grosso modo,* da seguinte maneira:

Ocidente	**Oriente**
Grupos	Indivíduos
Livros	Bíblias
Conhecimento	Sabedoria
Civilização objetiva	Cultura subjetiva
Desenvolvimento mecânico	Desenvolvimento místico
Padronização	Particularismo
Evolução coletiva	Treino especializado
Ciência	Religião
Desenvolvimento da memória	Meditação
Investigação	Reflexão

Contudo, a causa é a mesma: um método de educação. Os dois processos são fundamentalmente corretos; não obstante, necessitam completar-se um com o outro. A educação de massas no Oriente conduzirá à retificação dos seus problemas materiais, cuja solução é urgente. Na Ásia um vasto sistema geral de educação, atingindo as massas iletradas, é uma necessidade premente. No Ocidente, a cultura do indivíduo, completada por uma cultura da alma segundo a técnica vinda do Oriente, salvará a nossa civilização, em marcha para a rápida destruição. O Oriente tem necessidade de Saber e de Instrução; o Ocidente tem necessidade de Sabedoria e da técnica de meditação.

Quando este sistema científico e cultural for aplicado aos indivíduos altamente educados, produzirá esse grupo de homens capazes de unificar as realizações do Oriente e do Ocidente e de religar, um ao outro, os domínios subjetivo e objetivo. Agirão como os pioneiros da Nova Era, quando os homens serão práticos homens de negócios, com os pés solidamente apoiados na terra e, ao mesmo tempo, místicos e videntes, vivendo também no mundo do Espírito e suportando com eles, na vida diária, a inspiração e a iluminação.

Para suscitar estas condições e produzir este grupo de místicos que salvará finalmente o mundo, duas coisas são necessárias: mentes treinadas com uma vasta cultura geral servindo de base (e isso o nosso sistema ocidental pode fornecer), mais um conhecimento espiritual da divindade inerente, a alma, a ser alcançado através do sistema oriental da meditação. A nossa grande necessidade, no Ocidente, provém de que nós não reconhecemos a alma e a faculdade da intuição que, por seu turno conduz à iluminação. Na sua notável e sábia obra, o falecido professor Luzzatti, primeiro ministro da Itália, escrevia: "Nota-se por toda a parte que o crescente império sobre o próprio homem não avança a par com o império do homem sobre a natureza.” (12) É essencial que o mundo ocidental aperfeiçoe os seus sistemas de educação de tal modo que permitem a conquista deste império sobre nós mesmos.

(12). Luzzatti, Luigi, *God and Freedom.*

CAPÍTULO III

A NATUREZA DA ALMA

"Os filósofos dizem que a alma tem duas faces: a sua face superior contempla Deus incessantemente e a sua face inferior olha de certo modo para baixo, informando os sentidos; e a tece superior, que é o pináculo da alma, está na eternidade e não tem nada a ver com o tempo; nada se sabe do tempo ou do corpo."

MAITRE ECKHART

Talvez seja bom expormos as hipóteses em que a ciência da meditação está baseada, ao descrevermos a técnica pela qual se afirma a possibilidade de um intelectual educado se tornar um conhecedor intuitivo. Durante o processo, os vários aspectos (da natureza ou da Divindade, qualquer que seja o preferido) de que o homem é a expressão, têm de ser reconhecidos, mas a relação básica que os mantém juntos numa unidade integrada nunca deve ser esquecida. O homem é um ser integrado, mas a existência significa mais para uns do que para outros. Para uns, é uma existência puramente animal; para outros, é a soma de todas as experiências emocionais e sensoriais; para outros, ainda, envolve tudo isto, mais a consciência mental que enriquece e aprofunda grandemente a vida. Para alguns (e são a fina flor da família humana) o Ser representa o reconhecimento da habilidade de registrar contatos universais e subjetivos. Keyserling diz que:

"Quando falamos do Ser do homem em contraste com a sua habilidade, significamos a sua alma vital; e quando se afirma que este Ser decide, queremos dizer que todas as suas palavras são penetradas com vida individual, que cada expressão particular irradia personalidade, e que esta personalidade é finalmente responsável." (1)

(1). Keyserling, Count Hermann, Creative Understanding, pg.180.

Pode-se aqui dizer, como sendo a condição "sine qua non", que apenas as pessoas pensadoras e responsáveis estarão prontas para a aplicação das regras e instruções que lhes permitirão fazer a transição e chegar à consciência que é apanágio dos místicos iluminados e conhecedores intuitivos.

"Em todos os homens esconde-se a Luz; contudo, em quão poucos
Resplandeceu, tão completamente quanto deve,
Iluminando, de dentro, a nossa lâmpada carnal,
e acendendo a chama cósmica nas almas dos nossos próximos!
Esplendor de Deus, quão poucos! E a culpa é nossa;
Pois sempre, grosseiramente, por rotina e raiva,
Sem discernimento, temos reprimido e sufocado
A centelha de Deus que cintila em cada filho.

Todos os filhos são, por natureza, bocados de Deus,
E Deus, se eles ao menos tivessem sua liberdade
Desenvolver-se-ia, Ele próprio, neles, e brotaria,
Pintando e moldando, até que, como flores perfeitas,
Florissem, realizados no desvelado amor."

Este é o fim da meditação - conduzir os homens à Luz que está neles e os torna capazes, nesta luz, de ver a Luz. Este trabalho de revelação baseia-se em certas teorias definidas quanto à constituição e natureza do ser humano. A evolução e a perfeição da faculdade mental no homem, com a sua acuidade e a sua capacidade de concentração, fornecem hoje ao Ocidente a ocasião de pôr estas teorias à prova.

Uma experimentação inteligente ocorre naturalmente. "A nova síntese da mente e da alma", diz Keyserling, "deve originar-se do mental, no ponto mais elevado da intelectual idade, se alguma coisa de decisivo está para acontecer." (2) Mas para realizar isto, é preciso compreendermos claramente três pontos sobre os quais a posição oriental se baseia e que, se verdadeiros, validam o esforço do estudante da técnica oriental da meditação, sem esquecer contudo, como diz o provérbio chinês, "que se o homem errado usa meios corretos, os meios corretos trabalharão de maneira errada."

(2). Keyserling, Count Hermann, *Creative Understanding,* p.125.

Estas três premissas são:

Primeiro: Há uma alma em toda a forma humana e esta alma serve-se dos aspectos inferiores do homem simplesmente como veículos de expressão. O objetivo da evolução é aumentar e aprofundar o controle da alma sobre este instrumento. Quando isto se realiza, temos uma encarnação divina.

Segundo: Chamamos personalidade à soma total dos aspectos inferiores, quando desenvolvidos e coordenados. Esta unidade é composta dos estados emocionais e mentais do ser, da energia vital, do espelho físico de resposta, que "mascaram" ou escondem a alma. Segundo a filosofia oriental, estes aspectos desenvolvem-se sequente e progressivamente e somente quando o homem houver atingido um grau relativamente alto de desenvolvimento é que será possível coordená-los e ulteriormente uni-los na consciência com a alma imanente. Mais tarde vem o contato com a alma e uma firme expressão crescente da natureza da alma. Isto é algumas vezes representado simbolicamente como uma luz numa lâmpada. Primeiramente, a lâmpada não irradia qualquer claridade, mas gradualmente a luz faz sentir a sua presença até que o significado das palavras do Cristo torna-se claro. Ele diz: "Eu Sou a luz do Mundo" e ordena expressamente seus discípulos a "deixarem brilhar a sua luz para que os homens possam ver."

Terceiro: Quando a vida da alma, em conformidade com a lei do Renascimento, houver conduzido a personalidade até o ponto em que ela seja uma unidade integrada e coordenada, então haverá entre as duas uma ação recíproca mais intensa. Esta interação é ocasionada pela aplicação de processos de autodisciplina, por uma vontade ativa voltada para a Existência Espiritual, pelo serviço altruísta (porque é o modo pelo qual a alma consciência-grupal se manifesta) e pela meditação. A consumação do trabalho é a realização consciente da união que a terminologia cristã chama: unificação.

Estas três hipóteses devem ser aceitas, pelo menos provisoriamente, para que o processo da educação pela meditação seja efetivo. No dicionário de Webster, a definição da alma está conforme estas teorias; ei-la:

"Uma entidade concebida como a essência, a substância ou a causa acionante da vida espiritual, especialmente da vida manifestada nas atividades psíquicas: o veículo da existência individual, separada do corpo pela natureza e geralmente tida como separável na existêncla." (3)

(3). *Webster's New International Dictionary ,* edição 1923.

Webster acrescenta o comentário seguinte, bem apropriado ao nosso tema: "Certas concepções tais como a de Fechner, que consideram a alma como a totalidade do processo unitário espiritual em conjunto com a totalidade do processo unitário corporal, parecem estar no meio entre os pontos de vista idealista e materialista." (4) (Ibid.) O ponto de vista estritamente oriental é-nos apresentado da seguinte maneira pelo Dr. Radhakrishnan, da Universidade de Calcutá, mais tarde presidente da República da Índia:

> *"Todos os seres orgânicos possuem um princípio de autodeterminação, chamado geralmente "alma". No sentido restrito da palavra, a alma pertence a todo ser que tem nele vida e as diferentes almas são fundamentalmente idênticas na natureza. As diferenças são devidas às organizações físicas que obscurecem e comprimem a vida da alma. A natureza dos corpos nos quais as almas estão incorporadas é causa dos seus diversos graus de obscurecimento... O Ego é a unidade psicológica corrente de experiências conscientes que constituem o que conhecemos como a vida íntima de um eu empírico.*
>
> *O eu empírico é a mistura do espírito livre e do mecanismo de "purusha" e de "prakriti"... Cada ego possui no corpo denso, que sofre a dissolução na morte, um corpo sutil formado pelo aparelho psíquico, incluindo os sentidos." (5)*

(5). Radhakrishnan, S., *Indian Philosophy,* pp. 279, 283,285.

Dizem-nos que a alma é um fragmento da Alma geral, uma centelha da Chama única, aprisionada no corpo. É este aspecto da vida que dá ao homem - como em todas as formas na manifestação - a vida ou o ser e a consciência. É o fator vital, esta qualquer coisa coerente e integrativa que torna o ser humano (composto e contudo unificado como ele é) uma entidade pensante, sensitiva e aspirante. O intelecto, no homem, é o fator ou qualidade de conhecimento-anímico, que o torna capaz de orientar-se com o seu meio nos estágios em que a personalidade está a se desenvolver, mas que mais tarde, pela meditação adequada, torna-o capaz de orientar-se para a alma, desligado dos mecanismos e consequentemente para um novo estado de consciência do ser.

A relação da alma com a Superalma geral é a relação da parte com o Todo e é esta relação e o seu consequente reconhecimento que dão nascimento a este sentido de unidade com todos os seres e com a Suprema Realidade, de que os místicos sempre têm dado testemunho. A relação entre a alma e o ser humano é a da entidade consciente e o seu meio de expressão; entre o que pensa e o instrumento do pensamento; daquele que registra o sentimento do campo de experiência sensorial e o do ator e o corpo físico - o único meio de contato com este campo de atividade particular que é o mundo da vida física. Esta alma exprime-se através de duas formas de energia, aquela a que chamamos de

princípio vital ou fluído, o aspecto vida, e a energia da razão pura. Estas energias, durante a vida, estão focadas no corpo físico. A corrente de vida centraliza-se no coração, utilizando o sangue, as artérias, as veias e animando todas as partes do organismo; a outra corrente, a da energia intelectual, tem o seu centro no cérebro e utiliza o sistema nervoso como meio de expressão. Por conseguinte, a sede do princípio vital está no coração; na cabeça encontra-se a mente raciocinadora e a consciência espiritual, que é alcançada ulteriormente pelo emprego judicioso da mente. O Dr. C. Lloyd Morgan diz, a respeito desta palavra "alma":

> *"Em qualquer caso, o que se entende correntemente pela "teoria da alma", enraíza-se no dualismo. E, o que certas pessoas querem significar, quando falam de uma "psicologia sem alma", é outra psicologia, não a dualista... Há, contudo, um sentido em que podemos, debaixo de uma definição conveniente, falar da alma como o distintivo de um nível de desenvolvimento mental em que um conceito de Espírito está dentro do campo da referência refletiva." (6)*

(6). Morgan, C. Lloyd, *Life, Mind and Spirit,* p.35.

Anteriormente disse no mesmo livro que:

> *"Cada um de nós é uma vida, uma mente e um Espírito - um exemplo da vida como uma expressão do plano mundial, da mente como uma expressão diferente desse plano universal, do Espírito na medida em que a Substância deste plano universal se revela em nós mesmos. O plano universal, através de tudo, desde a sua expressão mais inferior até à sua expressão mais elevada, é uma manifestação de Deus; em vós, em mim - em cada um de nós separadamente - Deus é parcialmente revelado." (7)*

(7). Ibid, pp. 35,32.

É esta revelação da Divindade que é o fim do esforço místico e o objetivo da dupla atividade mental. Deus como vida na Natureza, Deus como amor, subjetivamente; e como plano e propósito; e é isto que a unificação ocasionada pela meditação revela ao homem. Através da sua técnica ordenada, o homem descobre esta unidade que é ele mesmo, e mais tarde a sua relação com o universo; apercebe-se que o seu corpo físico e as suas energias vitais são parte e parcela da própria Natureza que, com efeito, é o revestimento exterior da Divindade; descobre que a sua capacidade para amar e sentir torna-o consciente do amor que bate no coração de toda a criação; descobre que a sua mente pode dar-lhe a chave que lhe abre a porta da compreensão e que pode entrar nos propósitos e no plano que guiam a mente do próprio Deus. Com efeito, chega a Deus e descobre Deus como o fato central. Sabendo-se divino, descobre que o todo é igualmente divino. O Dr. F. Kirtley-Mather, da Universidade de Harvard, disse num artigo luminoso:

> *"Não se pode negar que haja uma administração do Universo. Qualquer coisa determinou e continua a determinar o funcionamento da lei natural, a transformação ordenada da matéria e da energia. Isso pode ser "a Curvatura do Cosmos", o "Acaso cego" ou "a Energia Universal", ou "um Jehova ausente" ou "o Espírito onipenetrante" mas tem de ser qualquer coisa. De um certo ponto de vista a questão: Há um Deus? é prontamente respondida com uma afirmativa."*

Assim, pela descoberta dele mesmo e a compreensão da sua própria natureza, o homem chega a este centro, dentro dele, que é um com tudo o que existe; descobre que está munido de um aparelho que o pode pôr em contato com as diferentes manifestações através dos quais Deus procura exprimir-se. Possui um corpo vital responsivo à energia universal e o veículo para duas formas de energia da alma que referi acima. A questão do corpo vital, das duas relações com a energia universal e dos seus sete pontos de contato com o organismo físico foi aprofundada no meu livro *"A alma e* o *seu mecanismo"* e não será retomada aqui à exceção deste parágrafo:

> *"Por detrás do corpo objetivo encontra-se uma forma subjetiva feita de substância etérica e agindo como condutor de princípio vital da energia ou prana. Este princípio da vida é o aspecto força da alma e, por intermédio do corpo etérico, a alma anima a forma, dá-lhe as qualidades e atributos peculiares, imprime sobre ela os seus desejos e finalmente dirige-a através da atividade mental. Por intermédio do cérebro a alma galvaniza o corpo para uma atividade consciente (dirigida) e por intermédio do coração impregna de vida todas as partes do corpo." (8)*

(8). Bailey, Alice A., *A Alma e* o *seu Mecanismo,* p.62.

Há um outro "corpo" que é composto da soma dos estados emotivos, das disposições e sentimentos. Este corpo reage ao ambiente físico do homem em resposta às informações recebidas pelo cérebro por meio dos cinco sentidos e que lhe são comunicadas por intermédio do corpo vital. Assim, é lançado numa atividade puramente egoísta e de natureza pessoal; ou então pode ser treinado a reagir primordialmente à mente, sendo esta considerada (como o é muito raramente) como intérprete do Eu superior, da alma. Na maior parte dos casos, é o corpo emocional, caracterizado pelo sentimento e pelo desejo, que age mais poderosamente sobre o corpo físico. Este último é visto pelos esoteristas como um puro autômato, posto em ação pelo desejo e estimulado pela energia vital.

À medida que a raça progride, um outro "corpo", o corpo mental, nasce; entra em atividade e gradualmente assume um controle natural e ativo. Como os organismos físicos e emocionais, este mecanismo mental é no começo inteiramente objetivo em sua orientação e entra em atividade pelos impactos que lhe chegam do mundo exterior, pelos sentidos. Tornando-se cada vez mais positivo, começa a dominar, lenta mas seguramente, os outros aspectos fenomênicos do homem, até que a personalidade, nos seus quatro aspectos, fica completa e unificada como uma entidade funcionando no plano físico. Quando isto é produzido, alcança-se um patamar e são possíveis novos desenvolvimentos.

Durante todo este tempo, as duas energias da alma, a vida e a mente, trabalharam através dos veículos, sem que o homem estivesse consciente da sua origem ou propósito. Como resultado do seu trabalho ele é agora um ser humano de alto grau, inteligente e ativo. Mas, como diz Browning: "No homem completo começa uma tendência para Deus." (9) E é compelido por uma divina inquietude para um consciente conhecimento e contato com a alma, o fator invisível que ele sente, mas de que permanece pessoalmente inconsciente. Agora, entra num processo de auto-educação e de intensa investigação da

sua verdadeira natureza. A personalidade que tem estado voltada para o mundo da vida física, emotiva e mental, com a sua atenção objetivamente concentrada, sofre um processo de reorientação e dirige-se internamente para o Eu. O seu centro torna-se subjetivo, com o fim de suscitar a manifestação deste "Ser mais profundo" de que fala Keyserling. A união consciente com a alma é procurada não apenas sob o ângulo emotivo e sensorial do devoto e do místico. A experiência direta é desejada. O conhecimento do Eu divino e a certeza mental quanto ao fato do Filho de Deus imanente torna-se o objetivo de todo o esforço. Este método não é o do devoto místico que procurou Deus sob a pressão do amor da sua natureza mística. É o método do acesso intelectual e da subordinação de toda a personalidade à atração das realidades espirituais. Todos os indivíduos puramente intelectuais e todas as personalidades verdadeiramente coordenadas são místicos de coração e passaram por uma etapa mística num dado momento, numa ou noutra *vida.* À medida que o intelecto se afirma e que o mental se desenvolve, isto pode apagar-se temporariamente na “retaguarda" e ser relegado por um certo tempo no domínio do subconsciente. Mas a ênfase é final e inevitavelmente posta na vontade de saber, e a vida (que já não satisfaz pelos aspectos exteriores da manifestação) se orientará para o conhecimento da alma, e o emprego da mente na apreensão da verdade espiritual.

(9). Browning, Robert, *Parscelsus.*

A cabeça e o coração unem-se no seu esforço. A mente e a razão pura fundem-se com o amor e a devoção num reajustamento completo da personalidade, para um novo reino de percepção. Registram-se novos estados de consciência, percebe-se gradualmente um mundo novo fenomenal e começa a surgir sobre o aspirante a aurora de que o centro da sua vida e a sua consciência podem ser completamente elevados para fora do campo dos seus empreendimentos passados. Descobre que pode caminhar com Deus, permanecer nos Céus e estar consciente de um novo mundo situado no interior das formas exteriores familiares. Começa a considerar-se como cidadão consciente de um outro reino da natureza - o mundo espiritual, que é tão real e tão vital quando ordenado e fenomenal, como qualquer um dos que conhecemos atualmente. Assume perseverantemente a atividade da alma para com o seu instrumento, o corpo humano. Não se considera já como um homem controlado pelas suas emoções, impelido pela energia e dirigido pela sua mente, mas conhece-se como sendo o Eu, pensando através da mente, sentindo pelas emoções e agindo conscientemente. À medida que este estado de consciência se estabelece e se torna permanente, o trabalho da evolução é consumado no seu caso, a grande unificação é feita e a união entre o Eu e o seu veículo de expressão é estabelecida. Assim um Filho de Deus encarna conscientemente.

Através do trabalho da educação, em todos os seus numerosos ramos, a coordenação da personalidade foi prodigiosamente acelerada. A mentalidade sobe livremente a ladeira da realização. A humanidade, pelos seus vastos grupos de indivíduos educados e mentalmente focados, está pronta para a auto-determinação e para ser dirigida pela alma. Agora a cultura intensa do Indivíduo, tal como é ensinada no sistema oriental, pode ser empreendida. A educação e a reorientação do ser humano adiantado devem ter o seu lugar na nossa educação de massas. Esta é a razão de ser deste livro e o seu objetivo. Como pode o homem encontrar a sua alma ou comprovar o fato da sua existência? Como reajustar-se

às condições da vida da alma, e começar a atuar consciente e simultaneamente como alma e como homem? Que deve fazer para produzir esta união entre a alma e o seu instrumento, que é essencial, se é que a aspiração da sua natureza deva ser satisfeita? Como pode saber, e não simplesmente crer, esperar e aspirar?

A voz experimentada da Sabedoria Oriental vem até nós com uma palavra: a Meditação. Naturalmente, a questão põe-se "é tudo?" e a resposta é: "sim". Se a meditação é seguida corretamente e se a perseverança é a nota-chave da vida, estabelece-se então o contato crescente com a alma. Os resultados deste contato traduzir-se-ão pela auto-disciplina, na purificação e na vida de aspiração e de serviço.

A meditação, no sentido oriental da palavra, é um processo estritamente mental, como veremos, que conduz ao conhecimento da alma e à iluminação. É um fato na natureza que "como o homem pensa, assim ele é".

CAPÍTULO IV

OS OBJETIVOS DA MEDITAÇÃO

"A *união obtém-se através da subjugação da natureza psíquica* e *do controle da substância mental. Quando isto se realiza,* o *logue conhece-se como* é *na realidade."*

DOS AFORISMOS DE PATÁNJALI.

Admitindo a exatidão das teorias esboçadas nos capítulos precedentes, talvez seja útil expor claramente o fim preciso para que tende o homem cultivado, quando entra na via da meditação, e em quê esta via difere do que os cristãos chamam oração. Uma noção precisa destes dois pontos é essencial se queremos progredir, porque a tarefa que aguarda o investigador é árdua; precisará mais do que um entusiasmo efêmero e um esforço temporário se quiser vir a controlar esta ciência e formar-se num eficiente em sua técnica. Vamos considerar o primeiro ponto e contrastar os dois métodos, o da oração e o da meditação. Talvez a oração possa ser definida melhor pelas linhas de J. Montgomery, que são bem conhecidas:

"A oração é o desejo sincero da alma,
Pronunciada ou não expressa;
O movimento dum fogo oculto
Que estremece no peito."

Na oração, o pensamento é o de um desejo, de uma petição; e a fonte do desejo é o coração. Mas é preciso lembrar que o desejo do coração pode ser a aquisição de bens que a personalidade cobiça, ou dos bens celestes e transcendentes que a alma aspira. Num caso e no outro, a ideia fundamental é pedir o que se deseja e o fator antecipação intervém; também é finalmente adquirida qualquer coisa se a fé do suplicante for suficientemente forte.

A meditação difere no que ela é em primeiro lugar uma orientação da mente, orientação esta que conduz a realizações e reconhecimentos que se tornam conhecimento formulado. Existe grande confusão nas mentes de muitos quanto a esta distinção e Bianco de Sienne falava realmente da meditação quando dizia:

"Que é pois a oração, senão a volta para cima, da mente de encontro a Deus?"

As massas, polarizadas na sua natureza emocional e com tendência predominantemente mística, pedem aquilo de que têm necessidade; lutam, na oração, pela aquisição de virtudes desejadas, suplicam a uma Divindade atenciosa para acalmar as suas dificuldades; intercedem por aqueles que lhes são queridos e próximos; importunam o alto Céu para obter os bens materiais ou espirituais que sentem essenciais para a sua felicidade. Aspiram e desejam qualidades, circunstâncias e os fatores condicionantes que tornem as suas exigências mais fáceis, ou as libertem para fins que creem mais úteis; agonizam em oração, implorando o alívio dos seus sofrimentos e das suas doenças e procuram obter de

Deus uma resposta aos seus pedidos de revelação. Assim, pedir, reclamar e aguardar são as principais características da oração, com o desejo predominante e o coração empenhado. É a natureza emotiva e a parte sensitiva do homem que procura o que é necessário, e as necessidades são múltiplas e reais. É o acesso pelo coração.

Pode-se reconhecer quatro graus de oração:

1º. A oração para benefícios materiais e para uma ajuda;

2º. A oração para virtudes e graças de caráter;

3º. A oração para outros, oração de intercessão;

4º. Oração para iluminação e para a divina realização.

Ver-se-á, de um estudo destes quatro tipos de oração, que têm todas as suas raízes na natureza emocional (desejo) e que a quarta conduz o aspirante ao ponto em que a oração pode acabar e a meditação começar. Sêneca deve ter compreendido isto quando escreveu: "nenhuma oração é necessária, exceto para pedir um bom estado mental e a saúde (a plenitude) da alma".

A meditação faz avançar a obra para o plano mental. O desejo dá lugar ao trabalho prático de preparação para o conhecimento divino e o homem que tinha começado a sua longa carreira e experiência da vida com o desejo como qualidade fundamental, e atingido o estado da adoração da divina Realidade vagamente entrevista, sai agora do domínio místico para o do intelecto, da razão e da realização final. A oração mais um altruísmo disciplinado produz o místico; a meditação, com o serviço disciplinado e organizado, produz o conhecedor. O místico, como vimos, percebe as divinas realidades e contata (do alto da sua aspiração) com a visão mística, e aspira perpetuamente à repetição constante do êxtase ao qual a oração, a adoração e a veneração o elevaram. É geralmente incapaz de repetir à vontade esta iniciação. O Padre Poulain, Nas Graças da Oração, diz que nenhum estado é místico a menos que o vidente seja incapaz de produzir por si próprio. Na meditação é o caso inverso; e pelo saber e compreensão, o homem iluminado é capaz de entrar à vontade no domínio da alma e de participar inteligentemente na sua vida e em seus estados de consciência. Um dos métodos envolve a natureza emocional e baseia-se na crença de um Deus que pode dar. O outro envolve a natureza mental e baseia-se na crença da divindade do próprio homem, embora não negue as premissas místicas do outro tipo.

Descobrir-se-á, contudo, que a palavra místico é empregada num sentido mais vasto, que cobre não apenas o místico puro com as suas visões e reações sensoriais, mas também os que estão passando para o reino do conhecimento puro e da certeza. Engloba os estados que são inesperados e intangíveis, baseados na aspiração e devoção pura e também os que são o resultado de uma aproximação ordenada e inteligente da Realidade, e que são suscetíveis de repetição graças às leis que o conhecedor aprendeu. Destes dois grupos trata Bertrand Russel de uma forma muito interessante, embora empregue o termo "místico" nos dois casos. Estas palavras formam um prelúdio fascinante ao nosso tema.

> *"A filosofia mística, em todos os tempos e em toda a parte do mundo, é caracterizada por certas crenças que são ilustradas pelas doutrinas que temos considerado. Há primeiramente a crença numa visão oposta ao saber discursivo e anal (tico: a crença num modo de sabedoria repentina, penetrante, coersiva, que contrasta com o lento e falível estudo da aparência exterior, por uma ciência*

assente inteiramente nos sentidos.

A visão mística começa com um sentido de mistério não revelado, de uma sabedoria escondida agora tornada subitamente certa, além da possibilidade de qualquer dúvida. O sentimento de certeza e de revelação precede qualquer 'Crença definida. As crenças definidas que os místicos alcançam são o resultado da reflexão sobre a experiência inarticulada ganha no momento da visão...

O primeiro e o mais direto resultado do momento de iluminação é a crença na possibilidade de um caminho de conhecimento que se pode chamar revelação ou visão interna, ou intuição, em contraste com os sentidos, a razão e a análise, que são considerados como guias cegos que conduzem aos pântanos da ilusão. A concepção de uma Realidade para além do mundo das aparências e inteiramente diferente dele está intimamente ligada a esta crença. Olha-se esta Realidade com uma admiração que muitas vezes raia a adoração; ela é sentida como estando sempre e em toda a parte bem à mão, levemente velada pelos artifícios dos sentidos e pronta a brilhar em toda a sua glória para a mente receptiva, a despeito da aparente loucura e da malevolência dos homens. O poeta, o artista e o amante são buscadores desta glória: a beleza assombrada que perseguem é a frágil reflexão do seu sol. Mas o místico vive na plena luz da visão: o que os outros procuram vagamente ele o sabe, com um conhecimento ao lado do qual todo o outro conhecimento é ignorância. A segunda característica do misticismo é a sua crença na unidade e a recusa de admitir oposição ou divisão onde quer que seja...

Uma terceira marca de quase todas as metafísicas místicas é a negação da realidade do tempo. É o resultado da negação da divisão: se tudo é um, a distinção entre o passado e o futuro deve ser ilusório...

A última das doutrinas do misticismo que temos que considerar é a crença que o mal é uma simples aparência, uma ilusão produzida pelas divisões e as oposições do intelecto analítico. O misticismo não pretende que coisas como a crueldade, por exemplo, sejam boas, mas nega que sejam reais; pertencem ao mundo inferior de fantasmas dos quais nos devemos libertar pela penetração da visão." (1)

(1). Russel, Bertrand, *Myrticism and Logic,* pp. 8, 9, 10, 11.

Mas o caminho do místico é uma preparação para o caminho do conhecimento e quando o místico para em adoração diante da visão e em apreciação ao Bem-Amado, o buscador do verdadeiro conhecimento empreende a tarefa e avança com o trabalho.

O Dr. Bennet, de Yale, no fim do seu livro sobre o misticismo, diz:

"O místico, no fim da sua preparação, espera simplesmente uma aparição e um acontecimento que tem o cuidado de não definir muito particularmente; espera também, plenamente consciente de que o seu esforço levou-o aonde pode ir e que isto deve ser agora completado com um contato qualquer, vindo do exterior." (2) Este pensamento confina toda a ideia dentro do reino da percepção sensorial, mas há qualquer coisa mais. Há conhecimento direto. Há uma compreensão das leis que governam o novo reino do ser. Há submissão a um novo processo e aos degraus e palavras de passe que conduzem à porta e provocam a

abertura. É aqui que a meditação desempenha o seu papel e que a mente intervém para preencher a sua nova função: suscitar a revelação. Através da meditação, a união à qual o místico aspira e pressente, e da qual tem breves e fugazes experiências, torna-se definida e é conhecida para além de todas as controvérsias, sendo também recuperáveis à vontade.

(2). Bennet, Charles A., *A Philosophical Study of Mysticism,* p. 192.

O Padre Joseph Maréchal, na sua notável obra, faz observar que:

"... os símbolos desvanecem-se, as imagens apagam-se, o espaço desaparece, a multiplicidade reduz-se, o raciocínio silencia-se, o sentimento de extensão junta-se e depois apaga-se; ***atividade intelectual concentra-se inteiramente na sua intensidade****; apodera-se sem intermediário, com a soberana certeza da intuição, Ser, Deus...*

A mente humana, então, ***é uma faculdade à procura da sua intuição****, isto é, a assimilação do Ser, do Ser puro e simples, soberanamente Um, sem restrição, sem distinção de essência e de existência, de possível e de real." (3)* (Palavras escritas em itálico por A.A.B.).

(3). Maréchal, Joseph S. J., *Studies in the Psychology of the Mystics,* pp. 32, 101.

Tomar da mente e incliná-la à sua nova tarefa de revelação do divino é agora o objetivo do místico convicto. Para fazer isto com êxito e com felicidade, terá necessidade de uma visão precisa do seu objetivo e de uma compreensão lúcida dos resultados consecutivos a demonstrar. Precisará de uma formulação clara dos trunfos com os quais se aproxima da sua empresa e uma apreciação precisa das suas falhas e defeitos. Deverá adquirir uma perspectiva de si próprio e das circunstâncias, tão equilibrada quanto possível. Paralelamente a isto, deve haver uma visão igualmente equilibrada da meta e uma compreensão da maravilha das realizações e dos dons que serão seus, quando o seu interesse for transferido das coisas que açambarcam agora a sua atenção e emoções para os padrões e valores mais esotéricos.

Vemos que a meditação é um processo pelo qual a mente é reorientada para a Realidade e que, convenientemente empregada, pode conduzir o homem a outro reino da natureza, a outro estado de consciência e de Ser e a outra dimensão. O objetivo da realização foi transferido para domínios mais elevados do pensamento e realização. Quais são os resultados precisos desta reorientação?

Pode-se declarar primeiramente que a meditação é a ciência que nos permite chegar a uma experiência direta de Deus. Aquilo (ou Aquele) no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, não é mais o objetivo de uma aspiração ou um símbolo de uma possibilidade divina. Conhecemos Deus como a Causa Eterna e a fonte de tudo o que é, nós próprios incluídos. Reconhecemos o Todo. Tornamo-nos um com Deus, tornando-nos um com a nossa própria alma imortal e, quando este acontecimento tremendo tem Lugar, descobrimos que a consciência da alma individuai é a consciência do todo e que a separação, a divisão e os conceitos do meu e do teu, de Deus e do filho de Deus, dissolveram-se no conhecimento e na realização da unidade. O dualismo deu lugar à unidade. Este é o caminho da União. A Personalidade integrada foi ultrapassada por um processo ordenado de desdobramento da alma, e produziu-se uma unificação consciente

entre o eu pessoal ou inferior e o Eu superior ou Divino. Esta dualidade deve primeiramente ser realizada e depois ultrapassada antes que o Eu Real se torne na consciência do homem, o Eu Supremo. Foi dito que as duas partes do homem, durante longas idades, não tiveram nada em comum; estas duas partes são a alma espiritual e a forma da natureza, mas estas partes estão juntas eternamente (e aqui está a solução do problema do homem) pelo princípio mental. Num livro antigo dos hindus, o Bhagavad-Gitâ, encontram-se estas palavras significativas:

"O Eu é o amigo do eu, naquele em que o eu é conquistado pelo Eu; mas para quem está longe do Eu, o seu próprio eu é hostil como um inimigo." (4)

(4). Bhagavad Gitâ, VI, 6.

São Paulo diz praticamente a mesma coisa, no seu grito desesperado:

"Pois eu sei que em mim, ou seja, na minha carne, não habita o bem; porque o querer está presente em mim, mas não descubro como fazer o que é bem... Deleito-me na lei de Deus, segundo o homem interior, mas sinto nos meus membros outra lei rebelando-se à lei da minha mente e que me torna cativo da lei do pecado que está nos meus membros. Infeliz homem eu sou! Quem me livrará (o Eu real) do corpo desta morte." (5)

(5). Romanos, caps. 7, 18, 19, 20, 22, 24.

Este eu real é Deus - Deus triunfante, Deus criador, Deus o Salvador do homem. É, segundo as palavras de S. Paulo, "Cristo em nós, esperança de glória." Isto não é já uma teoria mas um fato na nossa consciência.

A meditação transforma as nossas crenças em fatos comprovados e as nossas teorias em experiências vividas. A declaração de S. Paulo permanece um conceito e uma possibilidade até que, pela meditação, a vida de Cristo é evocada e se torna o fator dominante na vida diária. Falamos de nós como sendo divinos e como sendo filhos de Deus. Conhecemos os que demonstraram a sua divindade ao mundo e que se mantêm na primeira fila da realização humana, testemunhamos faculdades para além do nosso alcance. Somos conscientes, em nós, dos esforços que nos impeliram para o saber e de incitações internas que forçaram a humanidade a subir a escala da evolução até o grau atual dos que chamamos homens educados. Um impulso conduziu-nos da condição pré-histórica às condições da nossa civilização moderna. Acima de tudo, estamos conscientes dos que possuem ou pretendem possuir uma visão das coisas celestiais que aspiramos compartilhar, e que atestam que há um caminho direto até o centro da Realidade Divina, caminho que nos pedem para seguir também. Dizem-nos que é possível ter uma experiência direta e a nota característica do nosso tempo moderno pode-se resumir nestas palavras "da autoridade para a experiência". Como podemos saber? Como ter esta experiência direta, livre da intromissão de qualquer intermediário? A resposta é que há um método que foi seguido por milhares de seres, e um processo científico que foi formulado e seguido pelos pensadores de todos os períodos e por meio dos quais se tornaram conhecedores.

A educação realizou talvez o seu trabalho principal ao preparar a mente para empreender o trabalho da meditação. Ensinou-nos que possuímos este instrumento e deunos alguns dos meios para a sua utilização. Os psicólogos ensinaram-nos muito no

campo das reações e dos nossos hábitos instintivos. Agora, o homem deve tomar conscientemente posse do seu instrumento e passar dos estados iniciais do processo para as aulas e laboratórios internos, onde é possível comprovar Deus para si próprio, como o objetivo da educação. Quem disse que o mundo não é uma prisão mas sim um jardim infantil espiritual, onde milhares de crianças transviadas ensaiam soletrar Deus? A mente dirige-nos daqui para acolá, na tarefa de soletrarmos a Verdade até o raiar do dia em que, esgotados, retiramo-nos em nós mesmos e meditamos e então encontramos Deus. Como diz o Dr. Overstreet: "Toda a nossa perseverante demanda encontra então a sua explicação e simplificada. É o Deus operativo em nós. À medida, pois, que descobrimos os valores mais duráveis, ou que os criamos, realizamos Deus nas nossas próprias existências." (6)

(6). Overstreet, H. A., *The Enduring Quest,* p. 265.

Podemos ainda definir a meditação como o método pelo qual o homem se eleva à glória do Eu não velado pelo processo de rejeição de uma forma atrás de outra. A educação não é unicamente providenciada pelas escolas e universidades. A maior de todas as escolas é a experiência da vida e as lições que aprendemos são as que nós próprios atraímos, identificando-nos com uma sucessão de formas... formas de prazer, formas dos que amamos, formas de desejo, formas de conhecimentos... a lista não tem fim! Pois quê são as formas senão essas ilusões que criamos e que colocamos à nossa frente como objetos de culto, ou essas ideias acerca da felicidade e da verdade que outros criaram e que perseguimos sem fim, para descobrir que elas se desvaneceram frente aos nossos olhos fatigados. Procuramos satisfação em fenômenos de toda a ordem, apenas para verificar que se transformaram em pó e em cinzas, até que finalmente alcançamos esta qualquer coisa intangível mas infinitamente real que deu existência a tudo. Aquele que vê as formas como símbolos da realidade vai bem no caminho para chegar ao Eu sem véu. Mas para fazer isto necessita-se de uma apreensão mental e de uma intuição dirigida. Sir James Jeans teve uma percepção disto quando disse:

"Os fenômenos vêm a nós dissimulados nas suas armações de espaço e tempo; são mensagens cifradas de que não descobrimos o último significado antes de os termos despojados dos seus envoltórios de tempo-espaço." (7)

(7). Jeans, Sir James, *The Universe Around Us,* p, 339.

O homem é um ponto de luz divina, envolto por numerosos envoltórios, como uma luz escondida numa lanterna. Esta lanterna pode ser fechada e escura, ou aberta e radiante. Tanto pode ser uma luz brilhante diante dos olhos dos homens, como uma coisa oculta, sem utilidade para os demais. Afirma-se nos Aforismos de Ioga de Patânjali, um livro fundamental sobre a meditação, de que forneci uma interpretação no meu livro A Luz da Alma, (8) que pela disciplina justa e pela meditação: "O que obscurece a luz é gradualmente removido" e que "quando a inteligência espiritual... se reflete na substância mental, então vem o conhecimento do Eu." Em dado ponto da história de todo o ser humano, sobrevém uma importante crise quando a luz deve ser percebida, através do emprego apropriado da inteligência, e o Divino inevitavelmente é contatado. Patânjali insiste sobre este ponto quando diz: "A transferência da consciência, de um veículo inferior para um veículo superior, faz parte do processo criativo e evolutivo." (9) Lenta e gradualmente, o trabalho do conhecimento direto torna-se possível e a glória que se oculta em toda a forma pode ser

revelada. O segredo é saber quando este momento chegou e aproveitar a ocasião. Meister Eckhart diz:

> *"Se a alma fosse despojada de todos os envoltórios Deus seria descoberto todo nu à sua vista e dar-se-ia a ela sem reserva. Enquanto a alma não tenha rejeitado todos os véus, por mais transparentes que sejam, é incapaz de ver Deus." (10)*

(8). Bailey, Alice A., A *Luz da Alma,* 11, p.52.

(9). Ibid, IV, p. 2.

(10). Pfeiffer, Franz, *Meister Eckhart,* p, 114.

Assim o Oriente e o Ocidente ensinam a Mesma ideia pelos mesmos símbolos.

A meditação é, por conseguinte, um processo ordenado pelo qual o homem encontra Deus. E um sistema bem experimentado e muitas vezes empregado, que revela infalivelmente o divino. As palavras importantes aqui, são "processo ordenado". Há certas regras que devem ser seguidas, certos passos definidos dados, e certos estados de desenvolvimento experimentados antes que o homem possa realmente recolher os frutos da meditação. Como vimos, é uma parte do processo evolutivo e, como todas as coisas na natureza, é lenta mas segura e infalível nos seus resultados. Não há desapontamento para o homem que está pronto a obedecer às regras e a trabalhar segundo este sistema. A meditação apela para o autocontrole em todas as coisas e, a menos que o trabalho da meditação seja acompanhado pelos outros requisitos incluídos no "processo ordenado" (tais como o controle do eu e o serviço ativo) o objetivo não será atingido. O fanatismo não é necessário. Isto é claramente demonstrado no Bhagavad-Gitâ:

> *"Não há meditação para o homem que come muito ou para o que come pouco, ou para aquele cujo hábito é dormir muito, ou muito pouco. Mas para aquele que é regrado na sua alimentação, no seu trabalho, e regra do também no seu sono e na vigília, a meditação torna-se o destruidor de todo o sofrimento." (11)*

(11). Bhagavad-Gitâ, VI, 16-17.

A meditação pode ser justamente vista como parte do processo natural que até aqui levou o homem pelo caminho da evolução de um estado pouco acima do animal, à posição atual de desenvolvimento mental, de realização científica e de inquietação divina. O seu centro de consciência tem mudado constantemente, a sua atenção tem sido dirigida incansavelmente para uma ordem de contatos sempre mais vastos. O homem já passou do estado puramente animal e físico para o de uma consciência intensamente sensitiva e emotiva e neste estado mantém-se hoje milhões de indivíduos.

Mas outros milhões de indivíduos progridem para além disto, para um campo de conhecimento diferente e superior, a que chamamos o da mente. Contudo, um número muito mais restrito de seres estão a passar a uma esfera onde é possível uma ordem de contatos universais. Chamamo-lhes os Conhecedores da raça. Através de todos os métodos empregados, corre o fio dourado do propósito divino, e é pela via da meditação que se efetua a transferência da consciência humana para a realização e conhecimento da alma. Este processo de desvendamento do Eu pela negação do lado forma da vida, e a incapacidade final dos envoltórios de o esconderem, pode ser descrita em termos de

transmutação, tão bem como em termos de transferência de consciência.

A transmutação é a modificação e a redireção das energias mentais, emocionais e físicas, dirigidas de tal modo que servem para revelar o Eu e não apenas para revelar as naturezas psíquica e física.

Dizem-nos, por exemplo, que temos cinco instintos principais que compartilhamos com todos os animais. Quando estes instintos são empregados para fins egoístas e pessoais, aumentam a vida do corpo, fortificam a forma e a natureza material e servem para esconder cada vez mais o Eu, o homem espiritual. Devem ser transmutados nas suas contrapartes superiores, porque cada característica animal tem o seu propósito espiritual. O instinto de preservação deve ser substituído finalmente pela realização da imortalidade e, "permanecendo sempre no Eterno", o homem caminhará pela terra e cumprirá o seu destino. O instinto que incita o eu inferior a precipitar-se para a frente e a forçar a sua subida, será finalmente transformado no domínio do Eu superior ou espiritual. A asserção do pequeno eu, ou eu inferior, dará lugar à do Eu superior. O sexo é um poderoso instinto animal que governa todas as formas animais; dará lugar a uma atração superior e, nos seus mais nobres aspectos, produzirá uma atração consciente e uma união entre a alma e o seu veículo; enquanto que o instinto gregário será transmutado em consciência de grupo. Um quinto instinto, a saber, a incitação a procurar, a investigar, que caracteriza todas as mentes a um nível mais ou menos elevado, dará lugar à percepção intuitiva e à compreensão, e assim a grande obra será realizada, o homem espiritual dominará a sua criação, o ser humano, e elevará todos os seus atributos e os seus aspectos até os céus.

Pela meditação, o conhecimento espiritual cresce dentro de nós e partindo desta base do saber ordinário, expandimos perseverantemente a nossa compreensão deste termo até o conhecimento fundir-se na sabedoria. Isto é o conhecimento direto de Deus, por meio da faculdade mental; de tal modo que nos tornamos o que somos e podemos manifestar a nossa natureza divina. Tagore diz em qualquer parte: "A meditação é a penetração em qualquer grande verdade até que sejamos possuídos por ela", e a verdade e Deus são termos sinônimos. A mente conhece dois objetos, dizem-nos - o mundo externo, por intermédio dos cinco sentidos e do cérebro, e a alma e seu mundo, através do que poderíamos chamar um emprego introvertido do mental, e o seu foco intenso sobre um campo de contato novo e em nada habitual. Então "a substância mental refletindo o conhecedor (o Eu) e o cognoscível torna-se onisciente... torna-se o instrumento do Eu e age como agente de unificação.” (12)

(12). Bailey, Alice A., A *Luz da Alma,* IV, 22-24.

Todas as coisas serão reveladas ao homem que realmente medite. Compreenderá as coisas ocultas da natureza e os segredos da vida do espírito. Saberá também como ele sabe.

Assim a meditação conduz à união, à fusão.

O místico ocidental poderá falar na união, enquanto que o seu irmão do Oriente falará de Raja Yoga, ou da União e da Libertação, mas querem dizer a mesma coisa, a saber: que a mente e a alma (O Cristo em nós ou o Eu Superior) atuam como uma unidade, como um todo coordenado, exprimindo assim perfeitamente a vontade do Deus interno. René Guénon, no seu livro "0 homem e a sua evolução", faz sobre a palavra "união" um interessante comentário que tem o seu lugar aqui:

"A realização desta identidade é efetuada pela Ioga, isto é, pela união íntima e essencial do ser com o Princípio Divino, ou, se se prefere, com o Universo. O significado da palavra "Ioga" é "união" e nenhum outro... É de notar que esta realização não deve ser vista restritamente como uma "realização" ou como "a produção de um resultado não preexistente", segundo a expressão de Sankarâchârya, porque a união em questão, se bem que não atualmente realizada, no sentido em que nós o entendemos, não existe menos em potência, ou antes, virtualmente; o que está implicado é principalmente a obtenção efetiva pelo ser individual... da consciência do que verdadeiramente é, desde toda a eternidade." (13)

(13). Guénon, René. *Man and his Becoming,* p. 37.

Pelos estágios ordenados do processo da meditação, estabelece-se gradual e firmemente uma relação entre a alma e os seus instrumentos, até o momento em que eles são literalmente um. Os envoltórios servem então simplesmente para mostrar a luz do Filho de Deus internamente presente; o corpo físico está sob o controle direto da alma, pois a mente iluminada transmite (como veremos mais tarde) o saber da alma ao cérebro físico; a natureza emotiva está purificada e reflete simplesmente o amor da alma, como a mente reflete os propósitos de Deus. Assim, os aspectos separativos e até aqui desorganizados do ser humano são sintetizados e unificados e postos em relação harmoniosa uns com os outros e com a alma criadora, fonte de energia e seu poder motivador.

Esta ciência da união implica uma disciplina da vida e um sistema experimental de coordenação. O seu método é o da atenção focalizada, o do controle da mente ou da meditação, e é um modo de desenvolvimento pelo qual efetuamos a união com a alma e conhecemos os estados de consciência internos.

"A verdade está dentro de nós; não nasce
Das coisas externas, ainda que assim o creiam.
Há um centro muito interior em todos nós,
Onde a verdade reside plenamente; e em torno de
Muro sobre muro, a carne grosseira envolve-a... e conhecer
Consiste mais em abrir um caminho
Donde o prisioneiro esplendoroso possa escapar,
Do que em efetuar uma entrada para a luz
*Supostamente fora." (*Browning, Robert, Paracelso*)*

O objetivo da meditação é portanto tornar o homem capaz de manifestar externamente o que está na sua realidade interior e de identificar-se com o seu aspecto alma e não simplesmente com as suas características inferiores. É um processo rápido para o desenvolvimento da consciência raciocinante, mas, neste caso, tem de ser auto-aplicado e auto-iniciado.

Pela meditação, a mente é usada como um instrumento para observar os estados eternos e, com o tempo, tornar-se um instrumento para a iluminação e por ela a alma ou Eu que transmite o saber ao cérebro físico.

Finalmente, a meditação suscita a iluminação.

Meister Eckhart, na sua coleção de sermões, escrito no século XIV, diz:

"Três espécies de homens vêm Deus. Os primeiros veem-nO pela fé; não conhecem mais d'Ele do que O podem descobrir através duma resposta às suas aspirações, como O que lhes dá a doçura, a devoção, a intimidade e outras coisas semelhantes... A terceira espécie vê Deus na luz divina." (14)

(14). Pfeiffer, Meister Eckhart, p. 191.

É esta luz que o processo da meditação revela e com a qual aprendemos a trabalhar.

O coração do mundo é luz e nesta luz veremos Deus. Nesta luz descobrir-nos-emos. Nesta luz todas as coisas são reveladas. Patânjali diz-nos:

"Quando os meios da união forem empregados com perseverança e quando a impureza for vencida, a luz faz-se", conduzindo à iluminação total. "A mente tende então para uma iluminação crescente quanto à verdadeira natureza do EU." (15) Como resultado da meditação vem a irradiação da luz. Esta iluminação é gradual e desenvolve-se etapa após etapa." (16)

(15). Bailev, Alice A., A *Luz da Alma,* IV, 26.

(16). Ibid, III, 5-6.

Voltaremos a tratar disto com mais detalhes, mais tarde. Pela meditação e como consequência de todos os fatores precedentes, são desenvolvidos os poderes da alma. Cada um dos veículos pelos quais a alma se exprime possui no estado latente certas forças inerentes, mas a alma, que é a fonte de todas elas, possui-os sob a forma mais pura e mais sublimada. O olho físico, por exemplo, é o órgão da visão física. A clarividência é a mesma força manifestada no que se considera como o mundo psíquico, o mundo da ilusão, do sentimento e da emoção. Mas na alma, este mesmo poder revela-se como percepção pura e visão espiritual infalível, As correspondências superiores dos poderes físicos e psíquicos são pontos em atividade funcional pela meditação, e assim substituem suas expressões inferiores. Estes poderes desenvolvem-se normal e naturalmente, não porque sejam desejados ou conscientemente desenvolvidos, mas porque ao mesmo tempo que o Deus interno assume o controle dos Seus corpos e os domina, Seus poderes tornam-se aparentes no plano físico e as potencialidades manifestam-se então como real idades conhecidas.

O verdadeiro místico não se preocupa nem com poderes, nem com faculdades, mas apenas com o Possuidor destes poderes. Concentra-se no Eu e não sobre os poderes deste Eu. A medida que se funde mais e mais com a Realidade que é ele mesmo, os poderes da alma começam a manifestar-se normalmente, sem perigo e sutilmente. O processo é resumido por Meister Eckhart nestes termos:

"Os poderes inferiores da alma deveriam estar às ordens dos seus superiores e estes às ordens de Deus; os sentidos externos aos internos e estes à razão; o pensamento à intuição e a intuição à vontade e todos à unidade." (17)

(17). Pfeiffer, Franz, Meister Eckhart, p. 40.

As palavras do Dr. Charles Whitby, tradutor do livro de René Guénon: "O homem e o seu futuro", são apropriadas a este capítulo sobre o método da meditação. Faz alusão ao:

"testemunho esmagador do acordo mutuamente confirmador, em todos os pontos essenciais, das tradições esotéricas ocidentais, hindus, maometanas e do Extremo Oriente. A Verdade que tão rudemente denominamos de inatingível espera-nos lá, imutável na sua majestade sem mudanças e velada, é verdade, aos

olhos prematuros e desdenhosos, mas sempre mais aparente aos buscadores sinceros e sem preconceitos. Segundo Plotino, o ato de contemplação que constitui essencialmente a vida de cada indivíduo e da humanidade inteira, ascende gradualmente e, por uma progressão natural e inevitável, da Natureza para a Alma, da Alma para o Intelecto puro e do Intelecto ao Ser Supremo. Se é assim, a preocupação atual dos representantes mais adiantados do pensamento e da ciência, quanto às matérias psíquicas ou quase psíquicas, poderá, ou antes, deverá mais cedo ou mais tarde dar lugar a uma atenção igualmente séria, levada às matérias da mais alta importância." (18)

(18). Guénon, Renê, *Man and His Becoming,* p. X.

Assim, ver-se-á que os apelos feitos para a meditação são muito elevados e que o peso do testemunho dos místicos e iniciados de todos os tempos pode corroborá-los. O fato de que outros tenham atingido o fim pode encorajar-nos e interessar-nos, mas não faz mais, a não ser que tomemos alguma atitude efetiva. Que há uma técnica e uma ciência de união, baseada na correta manipulação e uso do corpo mental, pode ser profundamente verdade, mas este conhecimento não serve a nenhum propósito a menos que cada pensador educado enfrente a questão. Deve tomar uma decisão acerca dos valores implicados e empreender a demonstração do fato do mental, a sua relação nas duas direções (com a alma de um lado e do outro com o meio exterior) e finalmente manifestar a sua capacidade de empregar a mente à vontade, conforme escolher. Isto implica o desenvolvimento do mental numa síntese, ou senso comum, e o governo do seu emprego em relação ao mundo da vida terrestre, das emoções e do pensamento. Envolve também a sua orientação à vontade para o mundo da alma e a sua capacidade de agir como intermediário entre a alma e o cérebro físico. A primeira relação é desenvolvida e alimentada através de métodos sadios, de treinamento e de educação exotérica; a segunda é tornada possível pela meditação, uma forma superior do processo educativo.

CAPÍTULO V

ETAPAS DA MEDITAÇÃO

"O que farias no interior, oh Alma, minha Irmã?
O *que farias no interior?*
Tranca porta e janela para que ninguém possa ver:
Que a sós possamos estar
(A sôs! Frente a frente
Nesse luminosa lugar!)
Quando de início começamos
A *falar uns com os outros."*

EVELYN UNDERHILL

Estudamos resumidamente os objetivos a que nos propusemos quando procuramos reorientar a mente para a alma e, através da união assim realizada, entrar em comunicação com um mundo superior do Ser. Procuramos utilizar o equipamento que uma série de experiências de vida nos fornecem e, quer comecemos o trabalho do ponto de vista do devoto místico, ou do ponto de vista do aspirante intelectual, certas condições fundamentais devem ser preenchidas, antes de proceder-se aos exercícios. As palavras do Reverendo R. J. Campbell resumem a nossa história e definem a nossa tarefa. Diz ele:

> *"No propósito de realizar a natureza do Eu, devemos sair da nossa eterna morada em Deus, afim de lutar e de sofrer na ilusão do tempo e dos sentidos. Temos de vencer antes de penetrar na verdade eterna, que está para além de todas as aparências. Temos de dominar a carne e de expandir o espírito, e desprezar o mundo para o salvar e perder a vida para a encontrar."*

Consideremos agora a situação e o método ao qual devemos submeter-nos se queremos atingir o objetivo. Basta mencionar apenas as condições preliminares, pois são universalmente reconhecidas e particularmente realizadas por todo principiante, senão não estaria a entrar nesta fase particular de procura secular da verdade.

Estamos conscientes de uma dualidade em nós e de um estado de guerra entre os dois aspectos de que somos constituídos. Estamos conscientes de uma profunda insatisfação com a vida física no seu conjunto, e com a nossa incapacidade de captar e compreender a divina Realidade, que esperamos exista. Mas isso permanece para nós um elemento de fé e queremos a certeza. A vida dos sentidos não parece levar-nos muito longe no caminho que conduz ao nosso objetivo. Temos uma vida instável, levada às vezes pelos nossos mais altos desejos a um cume de maravilha, onde demoramos o tempo suficiente para uma visão da beleza e, depois, somos precipitados no abismo do nosso ambiente diário, da nossa natureza animal e do mundo caótico no qual o nosso destino nos colocou. Pressentimos uma certeza que nos escapa sempre; lutamos por um fim que nos parece exterior e que se subtrai aos nossos mais frenéticos esforços; esforçamo-nos, combatemos e angustiamo-nos

a fim de alcançar uma realização que os Santos e os Conhecedores da raça têm continuamente afirmado. Se a nossa vontade é forte, se nossa determinação é perseverante e indomável e se as antigas regras e as fórmulas são compreendidas, podemos abordar o nosso problema sob um ângulo novo e utilizar, em vez de uma aplicação emocional e do desejo febril, o nosso equipamento mental.

Contudo, a atividade do coração tem o seu lugar e Patânjali, nos seus Aforismos, que guiaram os empreendimentos de centenas de Conhecedores, diz:

> *"As práticas que suscitam a união com a alma são, primeiramente, a aspiração ardente, depois a leitura espiritual e finalmente a completa obediência ao Mestre." (1)*

(1). Bailey, Alice A., *A Luz da Alma,* II, 1,2.

A palavra "aspiração" vem do latim "ad" - para, e "spirara" - respirar para, assim o explica Webster, no seu dicionário. A palavra "espírito" vem da mesma raiz. A aspiração deve preceder à inspiração. Deve haver uma expiração da parte do eu inferior antes que possa haver uma inspiração do princípio superior. Do ponto de vista do misticismo oriental, a aspiração implica a ideia de fogo. Denota um desejo abrasador e uma determinação ardente que trarão finalmente três coisas ao aspirante. Isto projetará uma luz poderosa sobre os seus problemas e constituirá a fornalha purificadora na qual o eu inferior deve descer, a fim de que todas as escórias sejam consumidas e destruídas, assim como todos os obstáculos que possam retê-lo. A mesma ideia do fogo encontra-se em todos os livros do misticismo cristão, e vem-nos à mente muitas passagens semelhantes da Bíblia. A aceitação de "levar a cruz", de "entrar no fogo", de "morrer cada dia" (pouco importa qual o simbolismo empregado) constitui a característica do verdadeiro aspirante e, antes que possamos empenharmo-nos no caminho da meditação e seguir os passos dos inumeráveis Filhos de Deus que nos precederam, devemos medir a profundeza e a altura da empresa e congregar os nossos esforços para a árdua ascensão e para o esforço ardente. Temos de dizer com J. C. Earle:

> *"Passei o vale.*
> *Suporto a cruz; a cruz suporta-me*
> *A luz conduz-me à luz. Choro*
> *de alegria com o que espero ver*
> *Quando, escalada realmente a árdua elevação*
> *A cada doloroso degrau que percorro*
> *Atravesso mundos e mundos de luz*
> *e penetro nalguma verdade profunda de Deus."*

Partimos com uma compreensão emocional do nosso fim e de lá, através do fogo da disciplina, passamos às alturas da certeza intelectual. Isto é-nos descrito maravilhosamente na Bíblia, na história de Shadrach, Meshach e Abednego. Lemos que foram precipitados numa fornalha ardente e contudo o resultado desta aparente tragédia foi a libertação, no meio deles, da forma de uma quarta entidade cuja aparência era a do Filho de Deus. Estes três amigos são os símbolos do homem triplo inferior. O nome "Meshach" significa "ágil", uma faculdade do intelecto discriminador, o corpo mental. Shadrach, significa "aquele que se alegra no caminho" e descreve a transmutação do corpo emocional e a reorientação do

desejo para o Caminho; Abednego significa "um servidor do Sol" e assim ressalta o fato de que a única função do corpo físico é a de ser o servidor do Filho (o Sol), do Ego ou alma. (Vede Daniel, 111, 23-24). Não há qualquer meio de escapar à fornalha ardente mas a recompensa é proporcional à prova.

O significado da segunda condição "leitura espiritual" deve ser também compreendido. A palavra "ler" é de uma origem muito obscura e os filólogos creem serem duas as palavras responsáveis: uma do latim *"reri",* pensar, a outra sânscrita “radh”, ter bom êxito. Talvez sejam as duas ideias possíveis porque é certamente verdade que o homem que pode pensar com mais sucesso, e o que pode controlar e utilizar o seu aparelho de pensamento, é o homem que pode dominar mais facilmente a técnica da meditação.

A oração está ao alcance de todos. A meditação só é possível ao homem mentalmente polarizado, o aspecto sobre o qual convém insistir, pois encontra frequente oposição. Todas as pessoas que estão dispostas a submeter-se a uma disciplina e transmutar as suas emoções em devoção espiritual podem tornar-se santos, e numerosos são aqueles que o fazem. Mas, nem todos os homens podem ainda ser conhecedores, porque isto implica tudo que o santo realizou mais a utilização do intelecto e do poder de pensar através do conhecimento e da compreensão. Aquele que alcança o êxito é aquele ser que pode utilizar o sexto sentido para obter certos resultados específicos. Outra das origens sugeridas seria a de tomar conselho ou aviso de tal modo que três ideias fundamentais sobressaiam, a obtenção do sucesso por meio da mente e a realização da perfeição, tomada de conselhos e da utilização de todos os meios de informação, a fim de adquirir o conhecimento.

Isto é o que fundamentalmente Patânjali entende quando emprega a expressão traduzida por "leitura espiritual". Na realidade significa ler com os olhos da alma, com a visão interna pronta a descobrir o que se procura. Entende-se que todas as formas são apenas símbolos de uma realidade interior ou espiritual, e que ler com o espírito pressupõe o desenvolvimento da faculdade de "ler" ou ver o aspecto vida que as formas exteriores velam e escondem. Isto aplica-se tanto à forma humana como a qualquer outra forma da natureza; todas as formas escondem um pensamento, ideia ou verdade divina e são a manifestação tangível de um conceito divino. Quando um homem o sabe, começa a ler espiritualmente, a ver para além da superfície e assim a contatar com a ideia que deu nascimento à forma. Gradualmente, à medida que ganha prática em fazer isto, chega a um conhecimento da Verdade e já não é enganado pelos aspectos ilusórios da forma. Isto, na sua aplicação mais prática, levará o homem, por exemplo, a negar o aspecto forma que o seu irmão possa assumir e a comportar-se para com ele na base da realidade divina oculta. Não é fácil agir assim, mas é possível com o treino da leitura espiritual.

A terceira condição requerida é a obediência ao Mestre.

Não é uma atenção servil às ordens de qualquer suposto mestre, atuando misteriosamente por detrás da cena, como tantas escolas esotéricas o pretendem. É muito mais simples. O verdadeiro Mestre, que solicita a nossa atenção e subsequente obediência, é o Mestre no Coração, a Alma, o Cristo interno. Este Mestre primeiramente faz sentir Sua presença pela "ainda pequena voz" da consciência, incitando-nos a uma vida mais elevada e menos egoísta e nos advertindo sempre que nos afastamos do estreito caminho da retidão.

Mais tarde, vem a ser conhecido como a Voz do Silêncio, aquela palavra vinda do "Verbo Encarnado", que somos nós mesmos. Cada um de nós é um Verbo feito carne. Mais tarde ainda, chamamo-la Intuição despertada. Aquele que estuda a meditação aprende a distinguir com exatidão entre estas três expressões.

Este requisito, portanto, impõe a obediência implícita que o aspirante presta prontamente ao mais alto impulso que possa registrar em todos os momentos, custe o que custar. Quando essa obediência é efetiva, suscita da parte da alma um derramamento de luz e de conhecimento e o Cristo fez alusão a isso nestas palavras: "Se alguém fizer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina vem dele... " (S. João, VII, 17.).

Estes três fatores - a obediência, a procura da verdade em todas as formas e uma aspiração ardente para a libertação - são as três partes da etapa da aspiração e devem preceder a da meditação. Não é necessário que sejam expressas em sua plenitude e perfeição, mas devem ser incorporadas à vida como regras vivas de conduta. Conduzem ao desapego, uma qualidade que o Oriente e o Ocidente enfatizam. Esta é a libertação da alma, da escravatura da vida da forma, e é a subordinação da personalidade aos impulsos superiores. O Dr. Maréchal exprime da maneira seguinte, a intenção cristã sobre este assunto:

> *"Que significa este 'desapego do eu'?*
>
> *Primeiro, claramente, é o desapego do ego inferior e sensível - isto é, a subordinação habitual da carne ao ponto de vista espiritual, a coordenação da multiplicidade inferior sob uma unidade superior. E depois, é o desapego do "Ego vanglorioso", o Ego disperso e caprichoso, o joguete das circunstâncias, o escravo da opinião flutuante. A continuidade da vida interior não poderia acomodar-se a uma unidade flutuante.*
>
> *Acima de tudo, é o desapego do "Ego orgulhoso". Devemos ter uma compreensão exata disto, porque a humildade é justamente considerada como uma das notas mais características do ascetismo e do misticismo cristãos." (2)*

(2). Maréchal, Joseph, *Studies in the Psychology of the Mystics,* p. 166.

Aqui insiste-se na subordinação da vida física, emotiva e mental, ao projeto divino de realizar a unidade, porque o capricho é a qualidade do aparelho sensorial e o orgulho da mente. O processo da meditação está dividido em cinco estágios, cada um conduzindo ao seguinte. Estudá-los-emos separadamente, porque em sua mestria poderemos acompanhar a firme ascensão do homem consciente e espiritual para fora do reino do sentimento até o do conhecimento e depois ao da iluminação intuitiva. Os cinco estágios poderão ser enumerados como segue:

1. A Concentração. O ato de concentrarmos a mente e de aprender a focá-la e assim usá-la.

2. A Meditação. A concentração prolongada da atenção, em qualquer direção, e a fixação persistente da mente sobre qualquer determinada ideia.

3. A Contemplação. Uma atividade da alma, desligada do mental que é mantida no estado de quietação.

4. A Iluminação. O resultado das três etapas precedentes, implicando o transporte à consciência cerebral do conhecimento obtido.

5. A Inspiração. O resultado da iluminação, na medida em que se demonstra na vida de serviço.

Estas cinco etapas, quando seguidas, conduzem à união e ao conhecimento direto da Divindade. Para a maioria dos que empreendem o estudo da meditação, a etapa que deve ocupar a sua atenção prolongada, praticamente com a exclusão de todas as outras, é a de concentração, o ganhar controle dos processos mentais. É de presumir que, numa certa medida, a aspiração esteja presente, senão não haveria o desejo de meditar. Assinalamos, contudo, que a aspiração não tem utilidade, se não for sustentada por uma vontade forte, por uma capacidade de resistência e por uma paciente persistência a toda a prova.

I - O estágio da concentração

Em todas as escolas de misticismo adiantado ou intelectual, a primeira e imprescindível etapa é a aquisição do controle da mente. No século XIV, Meister Eckhart escrevia:

> *"São Paulo recorda-nos que sendo feitos à semelhança de Deus podemos alcançar uma visão mais alta e mais verdadeira. S. Dionísio diz-nos que para isto necessitamos de três coisas. A primeira é a posse da nossa própria mente. A segunda é uma mente livre. A terceira é, uma mente que possa ver. Como adquirirmos esta mente especulativa? Pelo hábito da concentração mental." (3)*

(3). Pfeiffer, Franz, Meister Eckhart, 196-197.

Isto está estritamente conforme o método oriental, que visa primeiramente a pôr o homem em condições de poder controlar o seu aparelho mental, de maneira que seja ele quem faz uso à vontade e não seja (como é frequentemente o caso) sua vítima, agitada por pensamento e ideias que não consegue eliminar, por mais forte que seja o desejo de fazê-lo.

Encontramos os mesmos ideais na antiga Escritura hindu, o Bhagavad-Gitâ:

> *"O mental oscila, ó Krishna, turbulento, impetuoso, forte; penso que é tão difícil de segurar como o vento.*
>
> *Sem dúvida... a mente ondulante é difícil de conter-se; mas por uma prática assídua... pode ser mantida firme.*
>
> *Quando a tua alma ultrapassar a floresta da ilusão, não olharás mais para o que foi ensinado.*
>
> *Quando desembaraçada do ensinamento tradicional, a tua alma se mantiver perseverante, firme na visão da alma, então ganharás a união com a alma." (4)*

(4). Bhagavad·Gitâ. VI. p.34-35 e II, p.52·53.

O primeiro estágio é portanto o controle da mente; isso significa o poder de fazer da mente o que quiserdes, e de pensar sobre o que for escolhido, de formular ideias e sequencias de pensamentos sob direção. Na maioria dos casos, a função da mente é antes de tudo a de receber mensagens do mundo externo, por intermédio dos cinco sentidos, e transmitidas pelo cérebro. Hume diz-nos que a mente é uma espécie de teatro onde várias percepções fazem sucessivamente a sua aparição. É a sede das funções intelectuais e um

grande centro registrador de impressões de todos os gêneros, sobre os quais agimos ou recusamos a admissão se nos desagradam. A mente tem uma tendência para aceitar o que lhe é apresentado. As ideias dos psicólogos e da ciência com respeito à natureza da mente são muito numerosas para que falemos aqui delas. Alguns olham-na como uma entidade separada, outros como um mecanismo, do qual o cérebro e o sistema nervoso são partes integrantes. Uma escola trata-a como "espécie de estrutura superior não física... suscetível de ser estudada cientificamente e sujeita a desordens que lhe são próprias". Alguns consideram-na como uma forma do eu, possuindo uma vida própria; como um mecanismo de defesa, construído no decurso das idades; como um aparelho perceptivo pelo qual entramos em contato com certos aspetos do Universo, inatingíveis de outro modo. Para outros, é simplesmente um termo vago, significando o meio pelo qual registramos o pensamento ou respondemos às vibrações, tais como as incorporações na opinião pública e nos livros escritos no decurso dos tempos. Para o esoterista é simplesmente uma palavra representando um aspecto do homem, que reage numa só direção - o mundo externo (mundo do pensamento e dos negócios) mas que poderia igualmente reagir noutro - e o mundo das energias sutis e do ser espiritual. É esta concepção que devemos ter nos nossos pensamentos enquanto estudamos a técnica da meditação. Todas as pequenas definições estão incluídas no resumo do Dr. Lloyd Morgan. Diz ele:

> *"... a palavra "mente" pode ser empregada em três sentidos; primeiro, como Mente ou Espírito, referindo-se a alguma Atividade, para nós Deus; em segundo lugar, como qualidade emergente a um alto nível do avanço evolutivo; em terceiro lugar, como um atributo psíquico que interpenetra todos os acontecimentos naturais em correlação universal." (5)*

(5). Morgan, C. Lloyd, *Emergent Evolution*, p. 37.

Aqui temos a ideia do propósito divino, da mente universal, dessa mentalidade humana que distingue o homem dos animais, na escala da evolução, e a referência também a essa consciência psíquica universal que penetra no animado e no chamado não-animado. É com a mente como qualidade que emerge a um nível elevado da evolução, que nós como humanos trabalhamos. Constitui para nós um modo ou um meio de contato que nos permite receber informações provenientes de várias fontes e transmitidas por diferentes meios. Por intermédio dos cinco sentidos, o homem toma consciência do mundo dos fenômenos físicos e da vida psíquica no qual está imerso. Não é só isto, pois a mente registra impressões emanando de outras mentes e os pensamentos dos outros homens (antigos ou modernos) são-lhe transmitidos pela palavra, pela escrita, pelo teatro, pela pintura e pela música, A maior parte é simplesmente registrada e armazenada, para encontrar mais tarde expressão como memória e pressentimento. As nossas ondas, reações emotivas, sentimentos e desejos, são igualmente registrados pela mente, quer de grau elevado, quer de baixo grau; mas para o indivíduo comum as coisas limitam-se a isto. Pensa-se verdadeiramente muito pouco sobre registros da informação e não ocorre nenhuma formulação clara de pensamento. Revestir as ideias com palavras que claramente as expressem é uma das funções da mente mas quão poucas pessoas têm ideias e geram pensamentos verdadeiramente inteligentes! As suas mentes respondem ao que lhes é comunicado do mundo externo mas não possuem qualquer atividade inerente, ou auto-

iniciadas.

Atualmente, no caso do indivíduo comum, o processo exerce-se do exterior para o interior, por meio dos sentidos para o cérebro. Este telegrafa as informações registradas para a mente que, por sua vez, toma nota. Normalmente o processo para aqui.

Mas para o homem realmente reflexivo, há mais do que isto. Em seguida ao registro, segue-se uma análise do incidente ou informação, sua correlação com outros incidentes, e um estudo da causa e efeito. A "substância-mental", como a chamam os orientais, põe-se em atividade; criam-se pensamentos - forma e imagens mentais construídas em relação à ideia apresentada. Então, se o deseja, o pensamento preciso do homem é impresso no cérebro e institui-se uma atividade de retorno. Mas, o místico ou o homem que começa a meditar, descobre algo mais. Constatam que a mente devidamente governada e disciplinada é capaz de respostas mais vastas e mais profundas: que ela pode tornar-se consciente de ideias e de conceitos emanados de uma região profundamente espiritual, e comunicadas pela alma. Em vez de impressões do mundo exterior, registradas pela face sensitiva e receptiva da mente, podem vir dos reinos da alma, sendo causadas pela atividade da própria alma ou por outras almas com as quais a sua possa estar em contato.

A mente entra então numa fase nova de utilidade e sua amplitude de contato inclui não só o mundo dos homens, mas também o mundo das almas. A sua função é a de servir de intermediária entre a alma e o cérebro e de transmitir ao cérebro as coisas de que o homem, como alma, se tornou consciente. Isto se torna possível quando as antigas atividades mentais são superadas por uma outra mais elevada, e quando a mente se torna temporariamente insensível a todas as chamadas exteriores que solicitam a sua atenção. Todavia, isto não se produz por quaisquer métodos de tornar a mente passiva ou receptiva, nem por qualquer sistema de tornar a mente vazia ou de mergulhá-la na negatividade, ou de outras formas de auto-hipnose. Isto é causado pela força expulsiva de um interesse novo e maior, e pela concentração uni direcionada das faculdades mentais focadas sobre um novo mundo de fenômenos e de forças. Este sistema é o da concentração, a primeira e a mais árdua das etapas que conduzem à iluminação da vida.

A palavra "concentração" vem do latim "con", junto, "centrare", centrar. "Significa "reunir ou trazer para um centro comum ou ponto focal"; implica reunião dos nossos pensamentos e ideias errantes e manter a mente firma e perseverantemente focada ou centrada no objeto da nossa imediata atenção, sem flutuação ou distração. Envolve a eliminação de tudo o que seja estranho ao objeto da nossa observação. Patânjali define-a assim: "O encadeamento da consciência perceptora a uma certa região é atenção ou concentração." (6)

(6). Bailey, Alice A., A *Luz da Alma,* III, 1

Isto implica, necessariamente, uma distinção entre o Pensador, o aparelho do pensamento e aquilo que é considerado pelo Pensador. Precisamos, portanto, distinguir entre nós mesmos, aquele que pensa e aquilo de que nos servimos para pensar: a mente. Então entra o terceiro fator, aquilo que é pensado.

Os estudantes farão bem, desde o princípio de suas práticas de meditação, em aprenderem a fazer estas diferenciações básicas e cultivar o hábito de fazê-las diariamente. Devem distinguir sempre entre:

1. O Pensador, o Eu real ou Alma.

2. A mente, ou o aparelho que o Pensador procura utilizar.

3. O processo do pensamento, ou o trabalho do Pensador à medida que impregna a mente (quando em equilíbrio) com o que pensa.

4. O cérebro, impregnado por sua vez pela mente, atuando como o agente do Pensador, no propósito de transmitir informações e impressões.

A concentração, é, portanto, o poder de focar a consciência sobre um certo assunto e mantê-la aí enquanto se queira; é o método da percepção apurada e o poder de visualizar corretamente, sendo a qualidade que permite ao Pensador perceber e conhecer o campo da percepção. Um sinônimo de "concentração" é a palavra "atenção", no sentido da atenção mantida numa única direção. E interessante registrar o que o Padre Maréchal diz a propósito. Assinala que a "atenção" é um caminho direto, que conduz à percepção total, à alucinação, ou, mais geralmente, à crença... Ela proporciona pelo menos uma unificação momentânea da mente, pela predominância de um grupo mental... Mas esta unidade mental, realizada até um certo grau no fenômeno da atenção, é também a única condição subjetiva que, vimos, acompanha sempre a percepção verdadeira ou falsa, do real." (7)

(7). Maréchal, Joseph, *Studies in the Psychology of the Mystics,* p. 90.

Qual é o meio mais fácil de se aprender a concentrar? Um provérbio francês responde: "0 melhor meio de deslocar é substituir"; - e um meio que pode ser empregado é o que se chama "a força expulsiva de uma nova afeição." Estar profundamente interessado num assunto novo e intrigante é ter a atenção focada num assunto fresco e dinâmico, tenderá automaticamente a tornar a mente uni direcionada.

Uma segunda resposta pode ser dada: estejai concentrados em tudo o que fizerdes durante o dia, e sempre. Se cultivarmos a perfeição nos afazeres da vida corrente, desenvolveremos rapidamente a concentração. A exatidão na fala forçar-nos-á a sermos atentos ao que é dito, lido ou ouvido, o que implica necessariamente a concentração e assim a desenvolvê-la. A verdadeira meditação é, no fim de contas, uma atitude mental e resultará de uma atitude de concentração.

O objetivo dos nossos esforços é, portanto, treinar a nossa mente de modo a torná-la nossa serva e não o nosso mestre e o de cultivar o poder de concentração preparatório ao trabalho verdadeiro da meditação. O estudante sério conservará, por conseguinte, sua profunda atenção a todos os assuntos da vida diária e aprenderá, assim, a regulamentar a sua mente como um aparelho para o seu pensamento.

Permitam aqui insistir sobre a necessidade de uma atitude, na vida, constantemente concentrada. O segredo do sucesso pode ser expresso em duas palavras: Prestai atenção. Na conversação, na leitura ou quando escrevemos, concentremo-nos sobre o que estivermos fazendo e assim, gradualmente, desenvolveremos a capacidade de nos concentrarmos.

Esta atitude deve ser completada por exercícios de concentração apropriados, a serem feitos cada dia com perseverança. Isto envolve a fixação da mente num objeto determinado, ou ainda, sobre um assunto escolhido para um pensamento. A isto sucede um processo de aprendizagem calmo e constante de abstrair a consciência do mundo exterior e das condições exotéricas, e focá-la à vontade sobre qualquer tema.

A prática diária e regular da concentração permite-nos vencer gradualmente a dificuldade de controle e termina em certos resultados enumerados assim:

1 - A reorganização da mente.

2 - A polarização do homem no seu veículo mental em vez de em seu veículo emocional.

3 - A retirada da atenção das percepções sensoriais e o aprendizado da centralização em si mesmo, no cérebro. A maior parte das pessoas utiliza, como os animais, o seu plexo solar.

4 - O desenvolvimento de uma faculdade de concentração instantânea, como uma preliminar à meditação.

5 - A capacidade de focar a atenção firmemente sobre qualquer pensamento-semente escolhido.

II – O estágio da meditação

Patânjali define a concentração como a manutenção da consciência perceptora numa certa região e a meditação como a conservação prolongada desta mesma consciência, numa certa região. Isto implica apenas uma diferença no fator tempo e parece fazer das duas etapas uma conquista de controle. Pela prática da concentração, o estudante deve adquirir um controle suficiente para não ter mais que se incomodar com a necessidade de recordar continuamente os seus pensamentos. Por conseguinte, uma concentração prolongada fornece à mente a oportunidade de agir sobre qualquer objeto dentro do círculo-não-se-passa da região escolhida. A seleção de uma palavra ou de uma frase como assunto de meditação, estabelece este círculo-não-se-passa e se a meditação é bem conduzida o intelecto nunca deixa de considerar o objeto assim escolhido. A mente permanece concentrada e continuamente atenta durante toda a duração da meditação. Além disso, não lhe é permitido fazer o que lhe agrada com o objeto ou pensamento-semente. Na concentração deve haver, em quem medita, uma consciência, durante todo o tempo em que esta utilizar a sua mente. Na meditação, esta consciência da mente sendo usada, perde-se, mas não pode haver nem devaneio nem o seguir ideias que aparecem por acaso em relação com o objeto do pensamento. O pensamento-semente foi escolhido com um propósito - quer em razão do seu efeito sobre quem medita, ou por seu efeito no serviço a uma outra pessoa, a uma obra espiritual, ou ainda, em alguma fase da busca de sabedoria. Em caso de sucesso, quem medita não reage, ou reage pouco, seja pelo prazer, ou pela ausência de prazer. As reações emocionais são transcendidas; por conseguinte, a mente é deixada livre para agir no seu próprio domínio. O resultado é uma clareza de pensamento desconhecido até então, pois a mente, de ordinário, está continuamente afetada por alguma espécie de desejo. Neste estado de consciência, o desejo é superado como o será mais tarde o pensamento no estado de contemplação. Quando a mente é inativada pela inibição ou por repetições persistentes, não pode ser transcendida na contemplação nem utilizada na meditação. Fazer o vazio na mente é não só loucura como realmente perigoso. Nos Aforismos de Ioga, de Patânjali, encontramos estas palavras:

"A conquista gradual da tendência que tem a mente de esvoaçar de um assunto para outro e o poder de fixar sobre um único ponto constituem o desenvolvimento da contemplação." (8)

(8). Balley, Alice A., *Luz da Alma,* III, 11.

A meditação é o resultado da experiência. É a obtenção instantânea de uma atitude mental, como consequência de uma longa prática. Vemos no Bhagavad-Gitâ que em toda ação se encontram os cinco fatores seguintes:

"1 - O instrumento material ..... O cérebro.
2 - O ator ..... O Ego.
3 - O órgão ..... A mente.
4 - O impulso ..... A energia.
5 - O destino ..... O carma." (9)

(9). Bhagavad-Gitâ, XIII, 13·14.

A meditação é uma atividade de gênero muito intenso e ver-se-á que comporta todos estes cinco fatores. O instrumento material que temos de empregar na meditação é o cérebro físico. Muitas pessoas pensam que devem ultrapassar o cérebro, atingir uma altitude extraordinária e estabelecer-se em qualquer pináculo de pensamento, até que se passe qualquer coisa de transcendente que lhes permita dizer que conhecem Deus. O que importa na realidade é controlar a nossa atividade cerebral e mental de tal modo que o cérebro se torne o receptáculo dos pensamentos e desejos da Alma ou Eu Superior, à medida que este lhos transmita por intermédio da mente. A mente é condicionada como da natureza do sexto sentido e o cérebro como uma placa receptiva. Estamos já utilizando os cinco sentidos como avenidas de percepção e eles telegrafam informação constante ao cérebro. Através deles a informação que diz respeito a cinco vastos campos de conhecimento, cinco espécies diferentes de vibrações, se torna acessível ao homem. Pretende-se que a mente sirva um propósito semelhante. Meister Eckhart resumiu na passagem seguinte o que representa a posição de todos os místicos em ambos os hemisférios:

"Primeiramente, vela para que os teus sentidos externos sejam devidamente controlados... Agora, volta-te para os sentidos internos, os nobres poderes da alma, os inferiores e os superiores, Toma primeira os poderes inferiores. Eles são intermediários entre os poderes superiores e os sentidos externos. São excitados pelos sentidos externos; o que os olhos veem, o que os ouvidos ouvem, eles o apresentam ao desejo que, por seu turno, o apresenta ao segundo poder chamado julgamento, que o considera e, ainda uma vez, o passa ao terceiro poder, a razão...

Um homem deve, acima de tudo, ter uma mente tranquila... o corpo deve estar repousado de todo o labor corporal, não apenas das mãos, mas ainda da língua, bem assim, dos cinco sentidos. É na calma que a alma se mantém mais clara; mas um corpo cansado é muitas vezes vencido pela inércia. Então, concentrando os nossos esforços, trabalhamos no amor divino para a visão intelectual, até que, abrindo o caminho através dos sentidos recolhidos, elevamo-nos, ultrapassando nossa própria mente, até a maravilhosa sabedoria de Deus... O

homem, elevando-se até o cimo da sua mente, é Deus exaltado." (10)

(10). Pfeiffer, Franz, Meister Eckhart, pp. 279,47.

Por meio da mente como instrumento dirigido, a alma pode manejar os impulsos ou correntes de pensamento. Estas forças afluem no campo da experiência do Pensador e este deve aprender a dirigi-los conscientemente, para trabalhar com elas a fim de obter o resultado desejado.

O quinto fator lembra-nos que é preciso atingir um certo estado de desenvolvimento evolutivo, antes que a prática da meditação seja possível; certo trabalho deve ter sido realizado e certos aperfeiçoamentos em nosso instrumento feitos, antes que um homem possa meditar sem perigo e sabiamente. Nem todos os indivíduos estão equipados para meditar com a garantia de um sucesso pleno, o que não deve de modo nenhum desencorajar o aluno. Pode-se sempre começar e lançar fundações sólidas. O controle dos processos mentais pode ser iniciado e levado a alto nível de conquista, possibilitando à alma dispor de um aparelho pronto para o uso. Em relação às 3 partes da meditação - mas agindo de maneira unificada - a natureza física, ou natureza da forma, foi estudada; a qualidade que a anima e o motivo ou causa da manifestação da forma foram considerados. Ao mesmo tempo, a concentração tornou-se cada vez mais profunda e a meditação mais intensa. A atenção mergulhou cada vez mais no interior e as coisas externas foram persistentemente negadas; isto não foi realizado através de uma atitude passiva, mas por um interesse extremamente aguçado e vivo. O método da meditação foi positivo e não terminou numa condição negativa ou de transe. A mente esteve ocupada todo o tempo, mas numa só direção. Finalmente vem o estado chamado bem-aventurança, ou identificação. A consciência já não está concentrada no intelecto, mas torna-se identificada com o objeto da meditação. Consideraremos isto mais tarde.

Temos, portanto, quatro estados que se sumarizam como segue, e constituem o que se chama "meditação com semente".

1 - Meditação sobre a natureza de uma particular forma;
2 - Meditação sobre a qualidade de uma particular forma;
3 - Meditação sobre o propósito de uma particular forma;
4 - Meditação sobre a vida que anima uma particular forma.

Todas as formas são símbolos de uma vida que as habita e é pela meditação "com semente" que chegamos ao aspecto vida.

Em "Um Tratado sobre o Fogo cósmico", encontramos as seguintes palavras:

"O aluno sábio considera todas as formas como sendo de natureza simbólica. Um símbolo tem três interpretações: ele próprio é já a expressão de uma ideia e esta ideia, por sua vez, tem por detrás um propósito ou um impulso inconcebível por enquanto. As três interpretações de um símbolo podem ser tratadas da seguinte maneira:

1 - A interpretação exotérica de um símbolo está grandemente baseada em sua utilidade objetiva e na natureza da forma. O que é exotérico e substancial serve a dois propósitos:

a) Dar algumas indicações vagas quanto à ideia e ao conceito. Isto liga o símbolo... ao plano mental, mas não o liberta dos três mundos da apreciação humana.

b) Limitar, confinar e aprisionar a ideia e assim adaptá-la ao grau de evolução que o homem atingiu. A verdadeira natureza da ideia latente é sempre mais potente e mais completa que a forma ou o símbolo através do qual ela procura expressão. A matéria é o símbolo de uma energia central. As formas de todas as espécies em todos os reinos da natureza e os invólucros manifestados, na sua mais larga relação e totalidade, são apenas símbolos da vida, mas o que é esta Vida, permanece ainda um mistério.

2 - A interpretação subjetiva ou significação é a que revela a ideia que está por trás da manifestação objetiva. Esta ideia, incorpórea em si mesma, torna-se uma concreção no plano da objetividade... Estas ideias se tornam aparentes ao aluno após sua entrada em meditação, do mesmo modo que a forma exotérica do símbolo é tudo que o homem que está apenas iniciando, pode ver. Assim que o homem começa conscientemente a usar o seu equipamento mental e a fazer contato com a sua alma, ainda que pequeno, três coisas ocorrem:

a) Ele ultrapassa a forma e procura responder por ela.

b) Com o tempo chega à alma que a forma encobre, e isto pela compreensão da sua própria alma.

c) Começa então a formular ideias, a criar e manifestar essa energia ou substância da alma que ele descobre poder manipular.

Treinar as pessoas para trabalhar na substância mental, é prepará-las para criar; ensinar-lhes o conhecer a natureza da alma, é pô-las em contato consciente com o lado subjetivo da manifestação e dar-lhes a capacidade de trabalho com a energia da alma; proporcionar às pessoas o desenvolvimento dos poderes da alma, é colocá-las em relação com as forças e as energias ocultas em todos os reinos da Natureza. Quando o contato com a alma e as percepções subjetivas são fortalecidas e desenvolvidas, então pode um homem tornar-se um criador consciente, cooperando com os planos de Deus. À medida que passa pelos diferentes estágios, a sua capacidade de trabalhar assim e sua capacidade de alcançar o pensamento que está por trás de todos os símbolos e formas aumenta. Já não é mais enganado pela aparência, mas conhece-a como a forma ilusória que encobre, aprisiona e confina um pensamento qualquer.

3 - O significado espiritual é o que existe por detrás do sentido subjetivo e que está velado pela ideia ou pensamento, assim como a ideia está velada pela forma que ela assume durante a manifestação exotérica. Esta significação espiritual pode ser considerada como a intenção que ocasionou a ideia e a conduziu à sua emanação no mundo da forma. É a energia dinâmica central responsável pela atividade subjetiva ...” (11)

(11). Bailey, Alice A., *Tratado sobre* o *Fogo Cósmico,* pp. 1233 e seguintes.

É este processo de chegar à real idade que está por detrás de toda e qualquer forma que resulta da "meditação com semente". Implica a compreensão destes três aspectos da Vida divina. Eis porque aconselha aos estudantes tomar para assunto de meditação certas palavras específicas, ou um verso tirado de um livro sagrado, a fim de desenvolver a sua faculdade de penetração por detrás da forma das palavras e atingir assim o seu verdadeiro significado.

Penetramos no mundo das causas; devemos procurar aprender o Plano como existe na mente de Deus, e tal como se exprime a si mesmo através do amor emanado do Coração de Deus. Será possível às mentes humanas ir além do amor e da vontade de Deus? Neste ponto, exatamente, a Divindade é contatada. A mente cessa de funcionar e o verdadeiro estudante de meditação passa a um estado de identificação consciente com esta realidade espiritual a que chamamos o Cristo Interno, a Alma divina. O homem, neste ponto, entra em Deus.

CAPÍTULO VI

ETAPAS DA MEDITAÇÃO (continuação)

"Milarepa foi um que conseguiu finalmente desembaraçar·se da Dupla Sombra e *flutuar no Espaço Espiritual até atingir* a *Meta em que todas as doutrinas se unificam...*

Tendo todas as suas ideias e conceitos fundidos com a Causa Primeira, ele tinha eliminado a Ilusão da Dualidade."

Rechung (do Tibetano)

Desenvolvemos nosso trabalho de meditação segundo o que se poderia chamar de linhas seculares, pois envolvem o emprego da mente e, ainda que o tema do processo da meditação tenha sido presumivelmente religioso, os mesmos resultados podem ser bem alcançados com um tema mundano como o "objeto" ou "pensamento-semente" .

O objetivo foi ensinar a mente a manter-se atenta sobre uma ideia escolhida. Temos tratado, por conseguinte, do que se poderia legitimamente chamar de uma parte do processo educativo.

É neste ponto que a divergência entre os métodos oriental e ocidental aparece. Uma escola, antes de tudo, ensina os alunos a controlarem o instrumento do pensamento; a descobrir a existência deste instrumento pela falha primária do controle, e depois, graças à prática da concentração e da meditação, a conquistar a facilidade de forçar a mente a ser sempre unidirecionada. A outra escola propõe a posse de algo chamado mente e depois prossegue até enchê-la de informações e treinar o aspecto memória a ser capaz de reter, e o conteúdo da mesma a ser facilmente acessível ao estudante. Poucos são os que, alcançado este estado, passam a um uso real da sua mente através de algum interesse profundo por alguma ciência ou modo de viver, mas a maioria das pessoas nunca atinge o controle mental. Os métodos educativos, tais como os temos hoje, não ensinam aos alunos esta técnica preliminar, donde a confusão profunda no que respeita à natureza da mente e à distinção entre mente e cérebro.

Se o cérebro e as células cerebrais são tudo o que há, então a posição do pensador materialista, de que o pensamento é inteiramente dependente da qualidade das células, é lógico e correto. Ludwig Fischer, no seu livro A Estrutura do Pensamento, mostra-nos a parte que o cérebro desempenha neste processo:

"A perfeição dos processos de apreensão depende principalmente da estrutura e do funcionamento de certo órgão, que recebe e conecta as diferentes impressões dos sentidos e que, além disso, retém parcialmente os traços das impressões prévias e permitem-nas indiretamente entrar em ação. Este órgão é o cérebro, com as suas ramificações e órgãos subsidiários. A perfeição da estrutura e do funcionamento deste órgão determina a perfeição com a qual podemos ter êxito em um esforço deliberado, na produção de uma representação do complexo do Todo, usando formas específicas da percepção sensorial que estão às nossas ordens...

O cérebro permite-nos ter uma intuição e uma apreensão intelectual do mundo em sua complexidade. A maneira como isto é produzido depende da estrutura interna extremamente complicada deste órgão e das suas relações recíprocas com as outras partes do Todo, uma relação que tem numerosas graduações." (1)

(1). Fischer, Ludwig, *The Structure of Thought,* 1, 135.

Se a percepção e a apreensão sensorial, com as suas racionalizações consequentes e a instituição de um processo mental subsequente, têm a sua fonte no cérebro, então o Dr. Sellars tem razão, quando escreveu no Evolutionary Naturalism, que a mente pode ser considerada como uma "categoria física" e que "queremos dizer com isto, os processos nervosos que encontram expressão numa conduta inteligente." (2)

(2). Sellars, Dr. Roy Wood, *Evolutionary Naturalism,* p.300.

Mas esta ideia não satisfaz à maioria dos pensadores e a maior parte - pertencentes a outras escolas que não a puramente materialista - concebe qualquer coisa mais que a matéria e considera a mente como distinta do cérebro; sustentam a hipótese de que é uma realidade subjetiva substancial, a qual pode servir-se do cérebro como seu terminal de expressão e que ele pode impressionar afim de exprimir os conceitos e intuições que um homem é susceptível de usar conscientemente. O que estamos a considerar não é de nenhum modo uma faculdade supranormal ou a possessão de um instrumento especializado por alguns bem dotados; a mente deveria ser empregada por todas as pessoas educadas, e no fim do processo educacional (levado a efeito durante os anos de formação) um homem deveria estar na posse de uma faculdade que ele compreende e utiliza à vontade. O Dr. Mac Dougall faz notar, em Psychology, the Science of Behavior, que a nossa atividade mental (que é geralmente inconsciente) pode ser subnormal, normal ou supranormal. (3) No primeiro caso, tereis o idiota ou fraco de espírito; no segundo, o cidadão comum, inteligente, cuja mente é um teatro ou antes um filme, registrando tudo o que chega; e, finalmente, descobriremos aquelas raras almas cuja consciência é iluminada e cujas mentes registram o que está oculto para a maioria. Com esta última classe não temos nada que fazer. São o produto das etapas finais do trabalho da meditação, a contemplação e a iluminação. A concentração e a meditação têm uma relação definida com os muitos e com o normal das pessoas.

(3). Mac Dougall, William, *Psychology, the Science of Behavior.*

No Oriente, e em muitas pessoas do Ocidente, a mente é considerada como separada e distinta do cérebro. O Dr. Lloyd Morgan, em Emergent Evolution, cita Descartes: "Há sem dúvida (a) a substância corporal (res extensa) e (b) a substância mental ou pensante (res cogitans); mas precisam para a sua existência a concorrência de Deus... À exceção desta comum dependência de Deus, são independentes uma da outra. (4) Lloyd Morgan resume o seu ponto de vista num outro livro: Life, Mind and Spirit. Diz ele:

"O Espírito não é de modo algum separável da vida e da mente nem estas dele. O que é oferecido à contemplação reflexiva, é um plano-universal de acontecimentos naturais. Afirmo que este plano-universal é uma manifestação do Propósito Divino... Nós também somos manifestações do Espírito que é revelado dentro de nós. Cada um de nós é uma vida, uma mente e um Espírito - um exemplo de vida como expressão do Plano-Universal, da mente como expressão

diferente do Plano-Universal, do Espírito em que a Substância deste Plano-Universal é revelada em nós... Esta revelação é apenas parcial, pois cada um de nós é apenas um exemplo individual do que na plena manifestação é universal...” (5)

(4). Morgan, C. Lloyd, *Emergent Evolution,* p.291.

(5). Morgan, C. Lloyd, *Life, Mind and Spirit,* p.32.

Deus revela o seu propósito através da atividade da forma. Faz o mesmo através da atividade da mente, que age por sua vez sobre o cérebro, sintonizado de maneira receptiva.

Mais tarde, a mente torna-se capaz de responder a uma iluminação, emanando do aspecto Espírito e é o que iremos examinar de maneira abreviada. Isto está muito próximo da posição oriental que infere uma "substância mental" que é posta em atividade pelo mundo exterior dos negócios humanos por intermédio dos sentidos, das emoções e pelas outras mentes. Esta intensa atividade da substância mental deve ser categoricamente silenciada pela concentração e pela meditação, se se quer que a mente seja posta numa condição em que possa ser reforçada e reorientada para outro campo de percepções e noutra ordem de ideias. Para os esoteristas, portanto, o objetivo da meditação (conduzida nas suas últimas etapas) é fazer com que a mente cesse de registrar, seja qual for, a forma de atividade, não importa de que elevado grau, mas comece a registrar as impressões vindas deste Fator em constante manifestação a que chamamos (à falta de melhor termo) A Mente de Deus, a Mente Universal. Esta mente distingue-se por um sentido de Totalidade, e de síntese.

A história inteira da humanidade em evolução poderia ser considerada sob o ângulo deste conceito de Plano, e o foco de interesse poderia observar-se ser o de uma consciência crescente no homem, de um Universo que é a revelação de uma Vida e de uma Divindade, na qual a humanidade desempenha a sua parte no Todo maior. Ludwig Fischer atrai a nossa atenção sobre o fato de que todas as nossas faculdades "são fundadas neste misterioso e inconsciente qualquer coisa que domina a totalidade da nossa vida intelectual" e assinala a necessidade para o que ele chama o elemento não-racional nas respostas que damos às questões complexas de cada dia. As suas conclusões, quanto à situação fundamental que o homem tem de enfrentar em conexão com o pensamento e nosso progresso para regiões superiores e não racionais, são verdadeiras e poderosas. Diz ele:

"Não há senão um só caminho possível para avançar. Este caminho é conduzido pela intuição das mentes de uma sensibilidade mais do que a comum instintiva; a razão analítica segue, consolidando a posição e tornando praticável a entrada para o resto da humanidade. O avanço no desconhecido começa por uma hipótese, e uma hipótese não é nada mais que uma estrutura mais ou menos irracional, obtida intuitivamente. Uma vez estabelecida, é comparada em todas as suas implicações, com a experiência, de tal modo que, se possível, a hipótese seja provada e racionalizada.” (6)

(6). Fischer, Ludwig, *The Structure of Thought,* p.361.

Em nosso estado, chegamos ao estágio do processo de controle mental em que devemos prosseguir sobre hipóteses. Apesar disso, não será uma hipótese senão para o materialista, porque as conclusões e o reino de conhecimento penetrado são registradas como verdades e fatos provados por milhares de seres através das idades.

Demos um resumo de um método antigo e experimentado, pelo qual se pretende que a mente possa ser utilizada e empregada à vontade, e assinalamos um caminho no qual os fatores que retiveram a nossa atenção até agora podem ser anulados e um novo campo de percepção viabilizado. Antes de prosseguir com estas instruções, talvez seja útil definir a hipótese sobre a qual nos vamos apoiar:

Há um reino da alma chamado reino de Deus, que é na realidade um outro reino da natureza, um quinto reino. A entrada neste reino é um processo tão natural como o foi a passagem da vida, elevando-se de um reino da natureza para outro, no processo da evolução. Quando os sentidos e tudo o que eles transmitem são focados no "senso comum", que era o nome dado à mente por místicos tais como Meister Eckhart, enriquecem essa mente, tornam-se suscetível de numerosos estados de consciência. Quando estas atividades podem ser negadas e quando a mente rica e sensitiva pode, por sua vez, ser refocada, torna-se um aparelho sensitivo (um sexto sentido, se assim quereis) que registra "as coisas do Reino de Deus" e abre ao homem, em profunda meditação, estados de consciência e degraus do conhecimento que até aí estavam selados para ele, mas que são tanto parte do Todo e do conteúdo mundial como qualquer outro campo de investigação. Eis a nossa hipótese e é dela que partiremos. A percepção instintiva deu lugar, no homem, ao conhecimento intelectual. Será possível que esta percepção intelectual seja, por sua vez, transcendida e ultrapassada por um conhecimento intuitivo?

Neste ponto da nossa argumentação, algumas proposições parecem necessárias e são úteis para elucidar o tema deste livro. São em número de três:

I. No decorrer do longo processo evolutivo que conduziu o homem do estado animal ao estado de ser humano, constatamos que chegamos agora à fase na qual ele é consciente de si ou auto-referenciado. Está no centro do seu próprio mundo e o universo gira à sua volta. Tudo o que acontece tem relação consigo mesmo e com os seus negócios, e com o efeito que a vida e as circunstâncias produzem sobre ele como o fator importante.

II. Á medida que o homem cresce em conhecimento e em percepção intelectual, o cérebro e a mente tornam-se coordenados. O cérebro torna-se simplesmente a ferramenta ou instrumento dos instintos treinados e da mente controlada. Esta mente extrai o que foi chamado de "conteúdo do subconsciente", da memória ativa e do meio ambiente, o que é necessário para fazer avançar o processo de viver num mundo exigente. O homem torna-se um ser humano, eficiente e útil, e toma o seu lugar como uma célula consciente no corpo da humanidade. Começa a ter alguma consciência das relações grupais. Mas há mais ainda.

III. Desde o estado primitivo da existência humana, até o do elevado grau do homem atuando coordenada mente, esteve sempre presente numa consciência de algum Outro, de um fator situado para além da experiência humana conhecida, de um objetivo ou busca de uma Divindade. Esta consciência sutil e indefinível emerge inevitavelmente e faz com que o homem caminhe e procure o que nem a sua mente (tal como a conhece) nem as circunstâncias, nem seu meio ambiente parecem ser capazes de lhe dar. Isto pode ser chamado a procura da certeza, um esforço pela experiência mística, ou o impulso religioso. Mas qualquer que seja o nome que lhe dermos, está infalivelmente presente.

Estas três proposições delineiam grosseiramente o caminho que o homem percorreu

na sua consciência. Descrevem a condição na qual encontramos um grande número de seres humanos intelectuais na atualidade, bem informados, responsáveis mas ao mesmo tempo, insatisfeitos. Interrogam o futuro ou confrontam-se com a inevitabilidade da morte; anseiam por alcançar uma consciência mais vasta e por uma certeza quanto às coisas espirituais e quanto à Realidade última. Este impulso para uma compreensão e um saber maior está sendo demonstrado em larga escala, nesta época, e a continuação do crescimento evolutivo, já estabelecida, persiste visivelmente e deverá assim fazê-lo se um novo reino ou estado de consciência tiver de ser adicionado aos que foram já alcançados.

É aqui que todas as grandes religiões do mundo oferecem aos homens um modo de conhecimento e um processo de desenvolvimento que pode e de fato acelera o trabalho de desenvolvimento. O Dr. Otto, em The Idea of the Holy, diz que o homem "deve ser conduzido e guiado pela consideração e a discussão desta matéria, segundo as vias da sua própria mente, até que atinja o ponto em que o "numinous" nele comece por força a acender-se, a entrar em vida e em consciência." (7)

(7). Otto, Rudolf, *The Idea of the Holy,* p.7.

Diz-nos que a palavra "numinous" vem do latim "numen", que significa poder divino sobrenatural. Representa "a apreensão religiosa específica não racional e o seu objeto, em todos os níveis, desde as primeiras vagas impulsões em que mal se pode dizer que a religião existe, até as formas mais exaltadas da experiência espiritual." (8)

(8). Otto, Rudolf, *The Idea of the Holy,* p.17 do Prefácio do tradutor.

O seu tradutor, o Dr. Harvey, professor de filosofia no Armstrong College, acrescenta que se desenvolve no homem "uma consciência crescente de um objeto, divindade... uma resposta, por assim dizer, ao impacto do "divino" sobre a mente humana, assim que ele se revela, quer seja obscuramente, quer com clareza. O fato principal é a confirmação da mente humana com uma Qualquer coisa, cujo caráter só é gradualmente descoberto, mas que é desde o começo sentido como uma presença transcendente, 'o além', mesmo quando isso é também percebido como 'o interior' do homem". (9)

(9). Do mesmo autor e obra, p.15 do Prefácio do tradutor.

Pela atenção ao propósito da vida, pela concentração no trabalho cotidiano, pelo interesse intenso nas ciências que cativam as nossas melhores inteligências, e pela meditação, tal como ela é praticada por alguns no campo religioso, muitos indivíduos chegaram a um ponto onde duas coisas se produzem: a ideia do sagrado, do Ser e da relação com este Ser entra como fator dominante na vida. Segundo, a mente começa a demonstrar uma nova atividade. Em vez de registrar e de armazenar na memória os contatos que os sentidos lhe comunicaram e de absorver a informação que é a herança comum do presente através dos livros e da palavra falada, reorienta-se para um novo saber e começa a consultar novas fontes de informações. O instinto e o intelecto fizeram o seu trabalho; agora, a intuição começa a desempenhar o seu papel.

É a este ponto que nos trouxe a prática da meditação que estudamos, e para o qual a educação da memória e a catalogação do saber mundial nos prepararam. Estes tiveram o seu tempo. Para muitos milhares de indivíduos está pronta uma neva empresa. Será possível que para estas almas que estão nascendo agora para a experiência mundial, a

velha educação, com o seu desenvolvimento da memória, os seus livros, as suas conferências e suas apropriações dos chamados fatos tenha-se tornado insuficiente? Para elas, ou teremos de formular um novo método, ou modificar a técnica presente e assim encontrar tempo para o processo de reorientação da mente, que permitirá ao homem tornar-se consciente de mais campos de conhecimentos do que ele contata agora. Assim, demonstraremos a verdade das palavras de Mr. Chaplin, no seu precioso livrinho The Soul, que... "é pela alma que os processos corporais atingem o seu significado." (10)

(10). Chaplin, F. K., *The Soul,* p.63.

A conquista da alma amanhece diante do homem. Está próximo o dia em que a palavra Psicologia retomará a sua significação original. A educação terá duas funções. Tornará o homem capaz de manejar com a maior eficiência os assuntos deste mundo e de empregar inteligentemente este aparelho que os "Behavioristas" (11) fizeram tanto para explicar; também iniciá-lo-á no reino que os sempre místicos testemunharam e para o qual a mente corretamente empregada detém a chave.

(11). Participantes da escola de psicologia das reações orgânicas.

No capítulo precedente tratou-se do método pelo qual um homem pode começar a dominar seu instrumento, a mente, e assim aprender a focalizar seu pensamento de tal modo sobre um tema escolhido ou uma ideia, que poderia fechar-se a todo o conceito externo e fechar completamente a porta sobre o mundo fenomenal. Vamos considerar a maneira como poderia levar o seu pensamento focado mais e mais alto (para falar a linguagem dos místicos) até que a própria mente falhe e ele se encontre num pico do pensamento de onde possa visualizar um mundo novo. No processo da meditação até este estado, houve uma atividade intensa, e nenhuma condição de quiescência, de negatividade, ou de receptividade passiva. Esqueceu-se do corpo físico e o cérebro foi mantido num estado de receptividade positiva, pronto a entrar em ação pela mente, quando esta volta de novo a sua atenção para baixo. Devemos lembrar que ao usar palavras tais como "para o alto" e "para baixo", "superior" ou "inferior" estamos falando simbolicamente. Uma das primeiras coisas que o místico aprende, é que não existem dimensões na consciência e que "o interior", o "exterior", o "superior" e o "inferior" são expressões figuradas por onde certas ideias são transmitidas referentes a condições conscientizadas de conhecimento.

O ponto atingido agora leva-nos às fronteiras do transcendente. Prosseguimos sobre hipótese. O tangível e o objetivo são temporariamente esquecidos e não retêm mais a nossa atenção, nem qualquer forma de sensação é o objetivo. De momento, todo sentimento deve ser excluído. Os pequenos aborrecimentos, as penas como as alegrias devem ser esquecidas, pois não estamos à procura das "consolações da religião". A atenção está foca da na mente e as únicas reações registradas são mentais. O pensamento dominou a consciência durante o estágio da "meditação com semente" ou com um objeto, mas mesmo isto tem de ir-se agora. Um escritor místico assim diria: "Como banirei a mente para fora da mente? Pois o meu objetivo não é nem a sensação, nem o sentimento, nem o pensamento." Aqui está o maior obstáculo à intuição e ao estado de iluminação. O esforço para manter qualquer coisa na mente não deve ser mais prolongado, nem mais nada há para ser pensado. O raciocínio deve ser posto de lado e o exercício de uma faculdade superior, até aqui não empregada, deve tomar o seu lugar. O pensamento-semente atraiu a

nossa atenção, despertou o interesse, e isto manteve-a na fase da concentração. Isto prolonga-se novamente na contemplação e o resultado desta última é a iluminação. Aqui, temos um breve resumo de todo o processo: Atenção, Interesse, Atenção Concentrada e Reflexão prolongada, unidirecionada, ou Meditação.

Quais foram, até aqui, os resultados da meditação? Poderiam ser assim resumidos:

1 - A reorganização mental e a sua orientação.

2 - A centralização da atenção de um ser sobre o mundo do pensamento, em vez das emoções; donde a retirada do foco de atração dos sentidos.

3 - O desenvolvimento de uma faculdade de concentração instantânea, como preliminar à meditação, e a capacidade de fixar a mente inquebrantavelmente sobre qualquer assunto escolhido. Evelyn Underhill define esta faculdade da maneira seguinte:

"O ato de perfeita concentração, a fixação apaixonada do eu sobre o ponto único, quando é aplicada na unidade do espírito e nos laços do amor às coisas reais e transcendentes, constitui na linguagem técnica do misticismo, o estado de meditação ou lembrança e... é o prelúdio necessário à contemplação pura." (12)

(12). Underhill, Evelyn, *Mysticism,* p.5a.

III. A etapa da concentração

Penetramos agora num domínio da realização que é muito diminuído por duas coisas: o emprego de palavras, que servem apenas para limitar e distorcer, e os escritos dos místicos que, ainda que cheios de maravilhas e de verdade, estão coloridos pelo simbolismo da sua raça e época e pela qualidade dos sentimentos e das emoções. Regra geral, os místicos flutuam entre momentos de iluminação e de visão e períodos nebulosos de emoção e de aspiração. Tão depressa experimentam a alegria e o êxtase da realização que dura instantes, como a agonia do desejo para que a experiência continue. Parece que não há (na maioria dos casos) nenhuma segurança ou certeza de repetição, mas apenas uma aspiração de atingir-se o estado de santidade que permitirá a tal condição estar presente continuamente.

Na técnica antiga e na meditação ordenada que o Oriente nos dotou ultimamente, parece possível transcender-se a experiência mística pelo conhecimento do caminho e pela compreensão do processo, e suscitar-se à vontade o conhecimento das coisas divinas e a identificação com a Divindade interna. A raça possui agora o equipamento mental necessário e pode acrescentar ao caminho místico o do intelecto consciente.

Mas entre a etapa da concentração prolongada a que chamamos meditação e a da contemplação que é de categoria completamente diferente, vem um período transitório, chamado pelos estudantes orientais "meditação sem semente" ou "sem objeto". Não é contemplação. Não é um processo de pensamento. Isto é passado enquanto que o último estado ainda não foi realizado. É um período mental de firmeza e de expectação. O Fr. Nouet descreve-o talvez tão bem como ninguém da seguinte maneira:

"Quando o homem da oração faz progressos consideráveis em meditação, passa insensivelmente à oração afetiva que, estando entre a meditação e a contemplação,

como a alvorada entre a noite e o dia, desfruta qualquer coisa duma e doutra. Nos seus princípios tem mais da meditação porque faz ainda uso do raciocínio... porque tendo adquirido muita luz pelo emprego prolongado de consideração e de raciocínio, entra imediatamente no seu assunto e vê todos os desenvolvimentos, sem muita dificuldade... Donde resulta que, ao aperfeiçoar-se, afasta-se dos raciocínios... (13)

(13). Nouet, Frêre, *Conduite d l'Homme d'Oreison,* Livro IV, cap. I.

Vimos que a versatilidade da rapidíssima, sensível e responsiva substância mental pode ser posta numa condição estável pela meditação prolongada, o que conduz a uma condição mental que torna o pensador sem respostas às vibrações e aos contatos provenientes do mundo exterior fenomenal e do mundo emocional e torna assim passivos o aparelho sensorial, o cérebro, e a vasta rede do sistema nervoso.

O mundo em que o homem habitualmente é afastado e conserva contudo ao mesmo tempo uma intensa atenção mental e uma orientação unicamente dirigida para o mundo novo em que vive e se move a que chamamos a alma. O verdadeiro aluno aprende a estar completamente desperto mentalmente, poderosamente consciente dos fenômenos, vibrações e estados de ser. É positivo, ativo, confiando em si próprio, e o cérebro e a mente concentrada estão intimamente coordenados. Não é um visionário de sentido prático, contudo o mundo dos negócios e físicos está negado temporariamente.

Se o aluno não é naturalmente do tipo mental positivo, deverá, paralelamente à prática da meditação, submeter-se a um treino intelectual sério, persistente, destinado a criar a agilidade mental e a polarização, pois de outro modo, o processo degeneraria numa fantasia emocional ou num vazio mental. Estes dois estados comportam os seus próprios perigos e, se prolongados, tornariam o homem inapto, impotente, ineficiente às obrigações diárias. A sua vida tornar-se-á cada vez menos útil a si mesmo ou aos outros e encontrar-se-ia cada vez mais presa de imaginações desordenadas e de flutuações emotivas. Num tal terreno, as sementes do egoísmo germinariam e o psiquismo floresceria.

Por conseguinte, a mente positiva, alerta, bem controlada, é levada adiante nas asas do pensamento, e depois estabilizada no mais alto ponto atingível. Ocorre então, na mente, uma condição análoga àquela que ocorrera anteriormente no cérebro. Ela é mantida em uma atitude expectante, enquanto que a consciência do pensador transfere-se para um novo estado de consciência, e ele torna-se identificado com o verdadeiro homem interno e espiritual. A que é tecnicamente chamada "a consciência perceptiva" aguarda.

A estes dois estágios da meditação, um de intensa atividade, outro de intensa expectação, chamou-se os estágios de Marta e Maria, e esta metáfora torna a ideia mais clara. É um período de silêncio em que algo de interior transpira e é talvez a parte mais dura da técnica. É fácil de recair-se na atividade intelectual que a meditação ordinária comporta, porque ainda não se aprendeu a contemplar. O Dr. Bennett descreve este estágio como segue, num comentário sobre Ruysbroeck. Ele diz:

"Aqui, Ruysbroeck distingue duas marcas da "verdadeira" passividade: primeiramente, é "ativamente procurada", isto é, um certo esforço é necessário para a manter. Segundo, difere de toda espécie de calma natural ou automática, pela preparação moral que a precede... Esta expectativa forçada, esta receptividade auto-imposta, que é a marca que define o estágio da contemplação, não é o fim da carreira

mística. É o fim dos seus esforços no sentido de que não pode fazer mais nada, mas está destinada a dar lugar ao estágio de êxtase, quando as coisas são retiradas das mãos do indivíduo e ele se torna o veículo de um poder maior que ele. "Permanece com perseverança em ti mesmo, até que sejas retirado de ti mesmo, sem nenhum ato da tua parte." (14)

(14). Bennett, Charles A., *A Philosophical Study of Mysticism,* p.62.

Mais adiante, no mesmo capítulo, o Dr. Bennett fala da atenção opressa da expectação duramente ganha e duramente mantida para a divina revelação. O antigo sábio da Índia, Patânjali, diz-nos a mesma coisa: "A substância mental torna-se absorvida no que é a Realidade (ou a ideia incorporada na forma) e está inconsciente da separatividade ou do eu pessoal." Isto leva ao estado da contemplação e entra na consciência da alma. Descobre que era a alma que, o tempo todo, o incitava a unir-se a ela. Como? Um outro instrutor hindu diz-nos que "a alma tem os meios. Pensar é o meio. Quando o pensar efetuou a sua tarefa de libertação, fez o que devia ter feito, e cessa." (15)

(15). *The Vishnu Purana,* VI, 7,90.

Na contemplação, um agente superior intervém. É a Alma que contempla. A consciência humana cessa a sua atividade e o homem torna-se o que é na realidade - uma alma, um fragmento da divindade, consciente da sua unidade essencial com a Divindade. O Eu Superior torna-se ativo, e o eu inferior ou eu pessoal permanece inteiramente imóvel e tranquilo, enquanto que a verdadeira Entidade espiritual penetra no seu próprio reino e registra os contatos que emanam daquele reino espiritual de fenômenos.

O mundo da alma é visto como uma realidade; as coisas transcendentais são conhecidas como sendo fatos da natureza; a união com a Divindade é compreendida constituindo-se tanto num fato no processo natural como é a união entre a vida do corpo físico, e aquele corpo.

A consciência do homem, portanto, já não está concentrada na mente expectante, mas saltou a fronteira para o reino do espírito e ele torna-se literalmente a alma, atuando no seu próprio reino, percebendo as "coisas do Reino de Deus", capaz de assegurar a verdade em primeira mão, e consciente num estado de vigília plena da sua própria natureza, prerrogativas e leis. Enquanto o verdadeiro homem espiritual está assim ativo na sua própria natureza e no seu próprio mundo, a mente e o cérebro são mantidos firmes e positivos, orientados para a alma e, de acordo com a facilidade com que isto seja realizado, dependerá a capacidade de ambos registrarem e de reter o que a alma está a perceber.

Na meditação, procuramos receber as impressões do Deus interno, o Eu Superior, diretamente para o cérebro físico, por intermédio da mente. Na contemplação, entramos num estágio ainda mais avançado, e nos esforçamos em receber no cérebro físico o que a própria alma percebe ao voltar-se para estes novos campos de percepção.

No indivíduo comum a alma está ocupada (como o Perceptor) com os três mundos do esforço humano e trata, por conseguinte, dos estados físicos, emotivo e mental. Durante tempos milenares, a alma identifica-se com as formas através das quais o contato deve ser feito se aqueles estados inferiores de consciência deverem ser conhecidos. Mais tarde, quando o homem tenha ganho o controle da sua mente e pode oferecê-lo à alma como um agente transmissor, então uma vasta região de percepção espiritual pode abrir-se. A

própria alma pode então tornar-se um agente transmissor e passar ao cérebro físico, por intermédio da mente, algumas das conscientizações e dos conceitos do aspecto Espírito. Os estudantes fariam bem em relembrar as palavras de A Doutrina Secreta:

> *"A matéria é o Veículo para a manifestação da Alma neste plano da existência e a Alma é o Veículo num plano mais elevado para a manifestação do Espírito, e estes três formam uma Trindade sintetizada pela Vida, que os interpenetra a todos." (16)*

(16). Blavatsky, H.P., *A Doutrina Secreta,* vol.l, p.28.

Esta é, na linguagem acadêmica do ocultismo, a realização do místico. O cardeal Richelieu chama à contemplação "o estado no qual o homem vê e conhece Deus sem usar a imaginação e sem raciocínio discursivo", e Tauler exprimiu-se assim:

> *"Deus deseja permanecer nas faculdades superiores - a memória, o intelecto e a vontade - e operar nelas de forma divina. Esta é Sua verdadeira morada, o Seu campo de ação. É ali que Ele encontra a Sua semelhança. É ali que devemos procurá-lo, se queremos encontrá-Lo e pelo caminho mais curto. Então, o espírito é transportado mais alto que todas as faculdades, para uma solidão imensa da qual nenhum mortal pode falar com exatidão... Quando, mais tarde, estas pessoas voltam a si, elas se encontram possuídas de um conhecimento distinto das coisas, mais luminoso e mais perfeito que o dos demais." (17)*

(17). Citado por Poulain, *Graces of Interior Prayer,* p.272.

A contemplação foi descrita como uma porta psíquica que conduz de um estado de consciência a outro. Jeremy Taylor chamou-a de "uma transição da meditação intensa para essa contemplação que chega à visão das maravilhas de Deus, à medida que a alma humana entra no reino da luz divina." (18)

(18). Puglisi, Mario, *Prayer,* p.181.

François Malaval, que viveu no século XVIII, definiu-a magnificamente:

"Este ato (a contemplação) é também mais perfeito que o raciocínio, porque neste a alma fala, enquanto que naquela, goza. O raciocinar... convence a alma pelos seus princípios, mas aqui a alma está mais iluminada do que convencida e vê mais do que examina. O raciocínio ocupa-se com a consideração de uma palavra, uma proposição ou um discurso; mas esta simples visão de Deus, supondo todos os raciocínios como sendo coisas passadas e conhecidas, contempla o seu objeto no próprio Deus..." (19)

(19). Malaval, F., *A Simple Method of Raising the Soul* to *Contemplation,* p.l02.

Por este portal da visão o homem passa e descobre que ele próprio é a alma; do ponto vantajoso da alma, ele compreende que é o "Perceptor" que pode perceber igualmente o mundo das realidades espirituais e o da experiência diária; pode olhar para qualquer das duas direções, dependendo de qual escolha.

O problema está em adquirir, no trabalho da percepção nos níveis espirituais, uma facilidade igual à que desenvolvemos nos níveis mundanos, e um dos pontos importantes que devemos recordar é que, em ambos os casos, a triplicidade da alma, da mente e do cérebro tem de desempenhar o seu papel, mas com uma orientação e uma atenção diferentes. Torna-se simplesmente uma questão de focalização. O cérebro está ativo de uma forma praticamente subconsciente, relativamente aos instintos e aos hábitos que dirigem a nossa vida e apetites no plano físico. Através de uma educação correta, ele

aprende a ser receptivo às impressões que emanam da mente e, em vez de ser apenas um registrador sensorial ou gravador, aprende a responder às impressões do pensamento. A mente por sua vez tem uma tendência instintiva para registrar todas as informações provenientes do exterior, mas pode ser treinada a tornar-se receptiva à alma e a registrar informações emanantes desta fonte superior. Com o tempo, podemos adquirir a facilidade e a prática de utilizar tanto o cérebro como a mente, ativa ou passivamente, até finalmente produzir uma inter-relação perfeita entre os dois e, finalmente, entre a alma, a mente e o cérebro. Podemos resumir tudo o que sucedeu no decorrer dos três estágios que consideramos nas palavras de Patânjali:

> *"A conquista gradual da tendência da mente de voar de um assunto para outro (isto é, a concentração) e o poder da unidirecionalidade (isto é, a meditação) constituem o desenvolvimento da contemplação." (20)*

(20). Bailey, Alice A., *A Luz da Alma,* III, p.11.

e quando estes três são simultaneamente realizados dizem-nos "este triplo poder da atenção, meditação e contemplação, é mais interior do que os meios de conhecimento precedentemente descritos". É interessante notar que Malaval, no seu segundo tratado, Diálogo III, acentua o mesmo ponto, ao ligar com um ato sintético a fé, a meditação e a contemplação. Os "Conhecedores" orientais e ocidentais pensam semelhantemente.

A contemplação foi também definida por Evelyn Underhill no seu utilíssimo livro Mysticism, como: "Um interlúdio entre duas atividades". Durante esta quietação, um novo método de conhecer e de ser é instituído. Esta talvez seja uma das maneiras mais simples e mais práticas de compreender a contemplação. É o interlúdio durante o qual a alma está ativa. Esta atividade da alma é precedida pelo que poderíamos chamar de uma atividade para o alto. O cérebro físico foi tranquilizado e mantido estável; o aparelho do sentimento ou sensorial igualmente foi acalmado e não é mais permitido registrar informações provenientes do seu campo de percepção habitual: a mente foi focada e conservada ativamente passiva na luz que jorra do reino da alma. Recusamos a passagem de qualquer informação do mundo fenomenal habitual. Isto resulta da concentração e meditação corretas. Uma vez isso realizado, segue-se um interlúdio em que o homem sabe ser ele próprio uma alma, morando no eterno, livre das limitações da forma. No princípio, este interlúdio é necessariamente breve mas, à medida que se realizam progressos no controle, ele se prolonga. A chave do processo reside na concentração sustentada e na atenção mental, "enquanto que a alma, o homem espiritual, o ser que percebe, contempla."

Num livro precedente, tratei mais completamente deste uso da mente como instrumento da alma e vou repetir aqui um parágrafo:

> *"Deve ser claramente entendido, contudo, que o perceptor, no seu próprio plano, esteve sempre consciente do que é agora reconhecido. A diferença está no fato que, agora, a mente está num estado de controle. Por conseguinte, o pensador pode impressionar o cérebro, por intermédio da mente controlada, com o que é percebido. O homem no plano físico* ***também*** *percebe simultaneamente, e pela primeira vez, a meditação e a contemplação verdadeiras tornam-se possíveis. De início, isto não durará senão um breve segundo. Um clarão de percepção intuitiva, um momento de visão e de iluminação, e tudo acabou. A mente recomeça a modificar-se, e é lançada*

em atividade, a visão é perdida de visita, o instante de exaltação passou e a porta que dá para o reino da alma parece ter-se fechado subitamente. Mas ganhou-se a certeza; o cérebro registrou um clarão da realidade e a garantia da futura conquista é reconhecida. (21)

(21). Bailey, Alice A., *A Luz da Alma,* III, p.9.

A segunda atividade refere-se a um trabalho dual realizado pela mente. Mantida firme na luz, registra agora e grava as ideias, impressões, conceitos comunicados pela alma em contemplação, formulando-os em frases e sentenças, modelando-as em pensamentos-forma e construindo imagens mentais claras. E para isto que é necessário um bom instrumento mental. Uma memória bem provida, uma mente treinada e uma mentalidade cuidadosamente cultivada, facilitarão grandemente o trabalho da alma em ganhar uma recepção correta e um registro exato do conhecimento. Então, na sequencia desta atividade mental, efetuar-se-á um processo de transmissão das informações obtidas ao cérebro tranquilo e expectante.

Quando a alma aprende a manejar o seu instrumento, por intermédio da mente e do cérebro, estabelece-se o contato direto e o intercâmbio entre os dois torna-se firme e crescentemente possível, de modo que o homem pode à vontade focar a sua mente nos assuntos terrenos e ser um membro eficiente da sociedade, ou nas coisas celestes e atuar no seu verdadeiro ser como um Filho de Deus. Quando este é o caso, a alma utiliza a mente como um agente transmissor e o cérebro físico é treinado para responder ao que lhe é comunicado. Um verdadeiro Filho de Deus pode viver simultaneamente em dois mundos. E um cidadão da terra e do Reino de Deus. Não posso terminar melhor este capítulo sem algumas palavras de Evelyn Underhill:

"A Plena consciência espiritual do verdadeiro místico é desenvolvida não em uma mas em duas direções, aparentemente opostas, mas, na realidade, complementares... Por um lado, é intensamente consciente e sabe ser ele próprio um com este mundo ativo do futuro... onde se bem que tenha rompido com a escravatura dos sentidos, descobre em todas as manifestações da vida um sentimento sacramental, amoroso, uma beleza, uma significação exaltada que está escondida dos outros homens ... Por outro lado, a plena consciência mística eleva-se àquilo que é, creio, a sua qualidade realmente característica. Desenvolve a capacidade de aprender o Absoluto, o Ser Puro, o profundamente Transcedente... Esta expansão da consciência em todas as direções, com o seu duplo poder de conhecer, pela comunhão, o temporal e o eterno, os aspectos imanente e transcendente da realidade... é a maneira peculiar; *último sigillo* do grande místico." (22)

(22). Underhill, Ewlyn, *Mysticism,* pp.4243.

Consideraremos a seguir os resultados desta dupla atividade e a facilidade de inter-relação. A intuição começa a funcionar, a iluminação é experimentada e a vida de inspiração, com as suas múltiplas características, deve ser estudada, e é o que vamos tentar, no nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO VII

A INTUIÇÃO E A ILUMINAÇÃO

E Deus disse:
Faça-se a Luz e *a Luz*
se fez.

Bíblia.

Esboçamos a premissa geral de que, no Ocidente, os métodos educacionais modernos familiarizaram o homem com a ideia de que ele possui uma mente; levaram-no a uma tal apreciação do intelecto que, para muitos, a conquista de uma habilidade intelectual é a consumação do trabalho de evolução. Sugerimos, além disso, que quando a técnica oriental da meditação (com suas etapas de concentração, meditação e contemplação) tenha sido aplicada pelo intelectual ocidental, os processos mentais podem ser treinados para atingir o seu mais alto ponto de desenvolvimento e podem depois ser superpostos por uma faculdade ainda mais alta, a da intuição. No Ocidente, constatamos também que, pelo intenso interesse e esforço, nossas mais finas inteligências alcançaram o mesmo padrão de conquista que a meditação leva ao aspirante oriental. Mas aqui se rompe o paralelismo. A educação, no Ocidente, não consegue conduzir seus expoentes ao reino da intuição ou da iluminação. De fato, sorrimos ante a ideia de uma consciência iluminada e atribuímos muito dos testemunhos a alucinações de místicos hiperestimulados ou a casos psicóticos com os quais os nossos psiquiatras lidam constantemente.

Mas pode-se, creio, provar que uma percepção espiritual desenvolvida e um intelecto iluminado podem ser parte do equipamento de um cientista ou de um homem de negócios são e equilibrado, sem indicar necessariamente uma falta de equilíbrio psíquico ou uma instabilidade emocional. A luz da iluminação e da inspiração é inteiramente compatível com o cumprimento das tarefas quotidianas e isso foi-nos sido dito há séculos por um antigo ensinamento chinês, datado do século VIII.

Mestre Lao Tsé diz:

> *"Quando há um sucesso gradual em produzir a circulação da Luz, um homem não deve renunciar às suas ocupações ordinárias. Os antigos diziam: quando as ocupações vêm devemos aceitá-las; quando as coisas vêm para nós, devemos compreendê-las desde a base. Se as ocupações são reguladas por pensamentos corretos, a Luz não é dispersa pelas coisas externas e circulam segundo a sua própria lei." (1)*

(1). Wilhelm, Richard e Jung, C.G., *The Secret of the Golden Flower,* p.57.

Estas características e resultados da iluminação são encontradas operando na consciência do homem que progrediu através dos estágios que delineamos e formam o tema deste capítulo. A iluminação é uma etapa no processo da meditação, porque requer um controle cuidadoso da mente e uma abordagem científica do assunto; é um resultado do verdadeiro estado contemplativo e do contato com a alma, e indica a instauração - com

os seus efeitos subsequentes - da segunda atividade da mente, examinadas nas páginas precedentes.

Segundo os pioneiros no reino da alma, a condição da iluminação sobrevém diretamente ao estágio da contemplação, e poderia ser descrita, por sua vez, como produzindo três efeitos: uma iluminação do intelecto, uma percepção intuitiva e uma vida inspirada no plano físico da existência. Esta condição é reconhecida por todos os místicos e por todos os escritores que trataram da revelação mística. O pensamento de uma Luz que entra e reflete sobre o nosso caminho, o simbolismo de uma irradiação intensa, ou de uma radiação que cega e que acompanha a fase do contato divino, são de um emprego tão geral que chegamos a vê-los simplesmente como coisas enroupadas na fraseologia mística, que significa relativamente pouco mais do que uma tentativa da parte do visionário aspirante de exprimir em palavras as maravilhas que sentiu.

Parece, contudo, depois de investigação, que nesta terminologia especial e nestas frases simbólicas há uma significação mais profunda. A uniformidade da linguagem, a multidão de testemunhas dignas de fé, a semelhança dos fatos relatados parecem indicar qualquer coisa do caráter de um acontecimento fenomenal autêntico. O Dr. Overstreet, em The Enduring Quest, cita um grande número destas grandes individualidades que foram chamadas iluminadas e assinala que "estes homens não raciocinavam as suas conclusões, se bem que a razão - à procura da verdade - aparentemente tenha tido papel visível na preparação para a sua visão interna final". "Em cada caso", acrescenta, "estes homens experimentaram o que, à falta de melhor termo, chamamos a 'iluminação'...", mas acrescenta, advertindo-nos: "podemos, para termos certeza, pôr estas experiências de lado como aberrações...". Ele prossegue: "estes homens não agem como sofrendo aberrações. Deles emanou uma grande parte da sabedoria espiritual da humanidade. Estão, como parece, entre os iluminados da humanidade. Se 'pelos seus frutos os conhecemos', estes homens mostraram frutos tão acima do normal que se tornaram condutores espirituais da humanidade." (2)

(2). Overstreet, H. A., *The Enduring Quest,* pp.238, 239 e 240.

O problema surge do fato que, à excursão das grandes figuras às quais o Dr. Overstreet faz alusão, os místicos comuns, em geral, foram incapazes de definir claramente o estado de iluminação. Nas conferências de Bompton (1930) ele nos diz que "o místico não pode explicar, mas sabe o que conheceu e não simplesmente sentiu, e muitas vezes este conhecimento permanece uma posse alicerçada que nenhuma crítica pode tocar... ainda que os místicos pareçam incapazes de comunicar aos outros qualquer parte da verdade que não possa ser atingida pelas vias mais ordinárias de experiência e raciocínio, é contudo possível que a intensidade da sua apreensão especial da realidade possa servir para estabelecer mais claramente o nosso problema, como os casos extremos servem para provar a verdade de um teorema geométrico geral." (3)

(3). Grensted, Red. L. W., *Psychology and God,* pp.203, 204.

É aqui que intervém o Oriente e nos mostra o sistema pelo qual a iluminação pode ser alcançada, submetendo à nossa apreciação um método e processo ordenado que conduz o homem ao estado de identificação com a alma. Postula como resultado desta identificação e dos seus efeitos subsequentes uma percepção iluminada e uma apreensão intuitiva da

verdade. As escrituras orientais dizem-nos que é a mente que reflete a luz e o conhecimento onisciente da alma, e o cérebro é que, por sua vez, é iluminado. Isto só é possível quando a ligação entre os três fatores, a alma, o intelecto e o cérebro, é completa. Patânjali nos seus Aforismos de Ioga, diz que:

"O Senhor da Mente, o Perceptor está sempre consciente da substância mental constantemente ativa.

"Porque pode ser vista e conhecida, é evidente que a mente não é a fonte da iluminação.

"Quando a inteligência espiritual que permanece só e livre dos objetos, se reflete na substância mental, então vem a consciência do Eu.

"Então a substância mental, refletindo ao mesmo tempo o conhecedor e o conhecível, torna-se onisciente.

"A mente tende então para o discernimento e para a iluminação crescente.

"Quando os meios para a União foram perseverantemente praticados e quando a impureza foi ultrapassada, tem lugar um esclarecimento que conduz à iluminação completa.

"O conhecimento (ou iluminação) alcançado é sétuplo e se o adquire progressivamente." (4)

(4). Bailey, Alice A., *Luz da Alma,* pp.172, 178, 408, 409, 415, 416, 422.

Patânjali assinala mais adiante que depois de uma concentração, meditação e contemplação apropriadas "aquilo que obscurece a Luz é removido gradualmente", e acrescenta:

"Quando o que vela a Luz desaparece, segue-se um estado de Ser chamado "desencarnado" ou desincorporado, livre das modificações do princípio pensante.

"Este é o estado de iluminação." (5)

(5). Mesma obra e autor, pp.118, 240.

Por consequência, é possível que quando o Cristo disse aos seus discípulos que deviam "deixar brilhar a luz deles" não estivesse de modo algum falando simbolicamente, mas sim alertando-os para a necessidade de chegarem a um estado de liberdade de consciência corporal a fim de que a luz da alma pudesse derramar-se pelo cérebro por intermédio da mente e produzir essa iluminação que permite ao homem dizer que "nesta Luz, veremos Luz."

O caminho que conduz a esta liberação foi compreendido pela Igreja cristã que o chama de "Caminho de Purificação." Requer a purificação ou a rarefação da natureza corporal inferior e o despir-se do véu da matéria, que esconde a Luz dentro de cada ser humano. O véu deve ser perfurado e há muitas maneiras de o fazer. O Dr. Winslow Hall, em lluminanda, (6) indica-nos três: o caminho da Beleza, o caminho do Intelecto e o caminho da Alma. Através da beleza e da busca da realidade que a produziu, o místico força-se para além da forma exterior e descobre o bem e o maravilhoso. O Dr. Otto (7) trata disto na sua exegese da faculdade de "divinização", esta capacidade de reconhecer com admiração e espanto o essencial sagrado e belo escondido por detrás de todas as formas. O seu capítulo merece a nossa consideração atenta. Assim o místico "diviniza" (pelo que é divino nele) a realidade velada pela matéria. Este é o caminho dos sentidos. Depois, há o caminho do

intelecto, da intensa focalização da mente sobre um problema e sobre o aspecto forma, a fim de chegar à causa da sua existência. Assim os homens de ciência fizeram tanto progresso e penetraram tanto no véu, que chegaram a algo a que chamam "energia". O Dr. Winslow Hall define o terceiro caminho como segue:

"O caminho da alma é ao mesmo tempo o mais antigo e o mais vasto dos três caminhos... porque a alma faz mais do que perfurar o véu de matéria; ela identifica-se tanto com o véu quanto com a Realidade por detrás do véu. Assim a alma, o véu e a Realidade são sentidos como sendo um." (8)

(6). Hall, W. Winslow M.D., *Iluminanda,* p.93.

(7). Otto, Rudolf, *The Idea of the Holy,*

(8) Hall, W. Winslow M.D., *Iluminanda,* p.94.

Somos assim reconduzidos à ideia da Totalidade e da Unidade com o Universo, à qual fizemos alusão anteriormente; o Dr. Hall acrescenta: "Eu definiria a iluminação como um sentido exaltado de unidade com o Todo." (9)

(9). Hall, W. Winslow M.D., *Illuminanda,* p.21.

Chegados a este ponto, experimentemos exprimir tão simplesmente quanto possível aonde nos levaram as nossas conclusões e ver o que aconteceu ao homem que levou a sua educação do estágio do treinamento da memória e da captação de informação, ao do emprego do intelecto e, daí, ao reino do conhecedor consciente.

Pela concentração e meditação conseguiu uma larga medida de controle mental e aprendeu como "manter a sua mente firme na luz". A consciência sai então rapidamente do eu inferior (para fora do reino da consciência cerebral e mental) e o místico passa ao estado contemplativo, no qual atua como alma e identifica-se como o Conhecedor. A natureza da alma é conhecimento e luz e o seu reino de existência é o reino de Deus. Todo o tempo em que esta identificação com a alma continua, o intelecto é mantido firme e recusa-se a todos os contatos emanantes dos outros planos de consciência, tais como os que vêm dos mundos físico e emocional. Absorvido na união com Deus, transportado ao "Terceiro Céu", (como São Paulo) e contemplando a beatífica visão da Realidade, não conhece nada, não vê nada e nada ouve, exceto os fenômenos próprios do mundo em que vive. Mas neste mundo, ouve, vê e conhece; torna-se consciente da verdade sem véu e liberta da fascinação que o véu da matéria deita sobre ele; ele ouve a Sabedoria que está guardada em sua alma insondável e é esta mesma Sabedoria que está armazenada na sua alma, porque objeto e sujeito já não existem para ele: ele é um e outro, e sabe-o. Penetra na Mente de Deus - este receptáculo universal de conhecimento cuja porta está sempre aberta às mentes individuais suscetíveis capazes de serem suficientemente pacificadas e controladas, de modo a visualizar a porta e passar através dela. E contudo, através de todo este processo transcendental, a mente foi mantida firme na Luz.

Presentemente, contudo, o estado contemplativo chega ao fim e a mente é lançada numa atividade renovada, uma atividade baseada na sua reação à luz e no seu poder de registrar e de gravar a informação que a alma procura transmitir-lhe. As energias da alma exteriorizaram-se no mundo das realidades divinas. Agora o foco da atenção muda e a Divindade lança os seus olhos sobre o instrumento expectante e procura imprimir sobre ela tanta Sabedoria e Conhecimento quanto ela é capaz de receber e refletir.

Há uma propensão, entre os escritores que não aprofundaram devidamente a técnica do Oriente, que se ocupam da via puramente mística mas que não estudaram adequadamente a técnica do Oriente, de confundir a iluminação com o sentimento. Evelyn Underhill, por exemplo, escreve: "...0 estado de iluminação assegura uma visão do Absoluto: um sentido da Presença Divina; mas não a união verdadeira com Ela." "E", diz ela, "um estado de felicidade". (10) A iluminação da mente, com o conhecimento e com a conscientização da união com a Divindade e a sua apreensão das leis que governam o reino espiritual pode, em última análise, engendrar felicidade, mas esta felicidade é um efeito posterior e não uma parte do estado de iluminação. A verdadeira iluminação está relacionada com o intelecto e deveria ser - no seu aspecto mais puro - separada de todo o sentimento. É uma condição de conhecimento, um estado em que a mente é posta em relação com Deus, e quanto mais tempo esta condição fica livre de reações emocionais, mais direta será a comunicação entre a alma e o seu instrumento e mais livres de toda a deteriorização serão as verdades comunicadas.

Uma comparação entre o caminho do "Conhecedor" e o caminho do "místico" pode ser útil aqui. O místico, em particular no Ocidente, ganha o seu lampejo de visão interior; vê o Bem-Amado; ele atinge os cumes da consciência, mas a sua aproximação, na maioria dos casos, foi a aproximação do coração e envolveu sentimento, percepção sensorial e emoção. O resultado foi o êxtase. A sua técnica foi a da devoção, da disciplina, uma aspiração emocional para diante, "a elevação do coração para o Senhor", a visão do "Bem-Amado" e "o casamento nos Céus", o transvazar da natureza amorosa aos pés do Bem-Amado, e o êxtase consequente. Depois, se acreditarmos nos escritos dos próprios místicos, segue-se um período de reajustamento à vida quotidiana e, frequentemente, uma fase de depressão e de desapontamento em virtude da brevidade do êxtase, acompanhado de uma incapacidade de falar com clareza o que foi a experiência. Inicia-se então um novo ciclo de devoção e de disciplina, prolongado até a repetição da visão e o contato com o Bem-Amado. Sob certos ângulos, o egocentrismo do místico ocidental é notório e a sua falência no uso do intelecto muito clara. Devemos contudo excetuar os místico tais como Boehme, Ruysbroeck ou Meister Eckhart, em cujos escritos o elemento intelectual é realçado fortemente e a qualidade do conhecimento muito evidente.

Vêde o que diz Meister Eckhart:

> *"Há um poder na alma: o intelecto, de importância primordial para a tornar consciente, para descobrir Deus... Os argumentos mais sólidos estabelecem expressamente (o que é a verdade) que o núcleo da vida eterna está antes no conhecimento do que no amor... A alma não está na dependência das coisas temporais, mas na exaltação da sua mente na comunicação com as coisas de Deus." (11)*

(10). Underhill, Evelyh, *Mysticism,* p.206.

(11). Pfeitfer, Franz, *Meister Eckhart,* pp.83, 114, 288.

O Conhecedor possui um método que difere do do místico. É o de dirigir o intelecto sobre o objeto da sua busca; é o caminho da mente, a sua disciplina e controle. Ele estabiliza a mente; põe fim à sua versatilidade e a focaliza; ele procura Deus; separa-se do sentimento e não está interessado na sua própria satisfação pessoal, porque a mente é o

"senso comum" e, no seu mais alto uso, está dotada com a faculdade de síntese, de Totalidade. Como diz o Dr, Muller-Freienfels: O conhecedor não fala mais da "sua" alma, mas da alma universal que se manifesta nele e que desabrocha nele como em todas as outras criaturas, e que persistirá ainda que esta ilusão de individualidade pereça... Viverá a sua vida como "vida", isto é como auto-conscientização, como auto-aperfeiçoamento do eu, com a consciência que não é apenas o seu próprio ser que está sendo conscientizado e aperfeiçoado, mas o universo, a divindade, de quem este eu aparente é uma parte." (12)

(12). Muller-Freienfels , R., *Misteries of the Soul,* p.336.

O sentimento pessoal é afastado. O aspirante é senhor da sua mente, mantém-na firme na luz e então vê e conhece. Então segue-se a etapa da ILUMINAÇÃO. Meister Eckhart resume da forma seguinte a diferença entre os dois caminhos:

> *"O conhecimento eleva a alma ao nível de Deus; o amor une a alma com Deus; o exercício aperfeiçoa a alma e eleva-a para Deus. Os três transportam a alma diretamente do tempo para a eternidade." (13)*

(13). Pfeiffer, Franz, *Meister Eckhart,* p.286.

Estas distinções devem ser registradas cuidadosamente. Para muitos, atualmente, a conquista do conhecimento de Deus é de maior importância que o amor de Deus. Isto já eles possuem; é o suporte do seu esforço mas não do seu objetivo e disciplina atuais. Para a vasta maioria de seres que não pensam talvez seja verdade que a via mística do amor e da devoção deveria ser o objetivo; mas para os pensadores do mundo a consecução da iluminação deveria ser a meta dos seus esforços.

No homem verdadeiramente iluminado temos aquela rara combinação do místico e do conhecedor; temos o produto dos métodos místicos orientais e ocidentais; a união da cabeça e do coração; do amor e do intelecto. Isto produz o que se chama no Oriente o logue (o conhecedor da união) e, no Ocidente, o místico prático - o que, em nossa maneira bastante insatisfatória de designar o místico que combinou o intelecto e o sentimento e é, portanto, um ser humano coordenado - com o cérebro, a mente e a alma atuando na mais perfeita unidade e síntese.

A iluminação da mente pela alma e a precipitação do conhecimento e da sabedoria que é prerrogativa da alma, na substância mental expectante e atenta, produzem no homem verdadeiramente unificado e coordenado, resultados que variam de acordo com a parte do seu instrumento com a qual o contato foi efetuado, Deixando para mais tarde o estudo da União e do desenvolvimento dos poderes transcendentais, contentar-nos-emos em examinar os efeitos diretos da iluminação. Para mais clareza, podemos resumir os resultados da forma seguinte:

O efeito sobre a mente é a percepção direta da verdade e uma compreensão direta de um conhecimento de tal modo vasto e sintético no seu alcance, que englobamo-lo sob o termo nebuloso de Mente Universal. Este gênero de conhecimento é às vezes chamado "Intuição" e é uma das principais características da iluminação. Um segundo efeito sobre a mente é a resposta à comunicação telepática e uma sensibilidade às mentes dos outros seres que conquistaram a capacidade de atuar nos níveis da alma. Não me refiro aqui à assim-chamada comunicação telepática nos níveis psíquicos, ou à que se estabelece de cérebro a cérebro, na vida diária com que estamos familiarizados. Refiro-me à inter-relação

que pode ser estabelecida entre as almas, sintonizadas divinamente, e que resultou, no passado, na transmissão das mensagens inspiradas, nas Escrituras mundiais e nas declarações divinas emanadas de alguns grandes Filhos de Deus, tais como o Cristo e o Buda. A intuição e a telepatia nas suas formas mais puras são dois efeitos da iluminação sobre a mente.

Na natureza emocional, ou, em linguagem esotérica, no corpo de desejos ou das sensações, temos o registro de alegria, de felicidade e da experiência de êxtase. Há um sentido de realização, de satisfação e uma alegre expectativa, de modo que o mundo é visto numa luz nova e as circunstâncias tomam uma cor mais feliz.

"O Céu em cima está em azul mais luminoso,
A Terra em baixo está em verde mais doce,
Algo vive em cada tonalidade
Que os olhos sem Cristo jamais viram."

Há no corpo físico certas reações muito interessantes. Estas formam duas categorias principais: primeiro, um estímulo para uma atividade intensa, que tem um efeito preciso sobre o sistema nervoso, e segundo, há frequentemente a aparição de uma luz no interior da cabeça, que pode ser vista mesmo com os olhos fechados, ou na obscuridade.

O Dr. Winslow Hall, no seu livro sobre a iluminação, trata deste aspecto da luz, e diz que deseja provar que a "Iluminação não é só um fato psicológico, mas também, um fato fisiológico." (14) Estes resultados sobre o tríplice instrumento - mental, sensorial e físico - que designamos como um ser humano, são apenas as manifestações da mesma energia básica à medida que é transferida de um veículo para outro. E a mesma consciência divina fazendo sentir a sua presença nas diferentes esferas de percepção e do comportamento humanos.

(14). Hall, Winslow M.D., *Iluminanda,* p.19.

Tratemos primeiramente da reação mental. O que é esta misteriosa coisa a que chamamos intuição? E interessante notar que a palavra é completamente ignorada em certos livros sobre psicologia, e esses, muitas vezes, escritos pelos maiores homens nestes assuntos. A intuição não é reconhecida. Poderíamos defini-la como uma apreensão direta da verdade, separada da faculdade do raciocínio ou de qualquer processo intelectual. É a emergência, na consciência, de qualquer verdade ou beleza jamais percebida antes. Não emerge do subconsciente, nem da memória, racial ou individual, mas cai na mente diretamente do super-consciente, ou da alma onisciente. Ela é reconhecida imediatamente como infalivelmente verdadeira e não suscita qualquer questão. Todas as soluções repentinas de problemas na aparência complexos ou insolúveis, assim como grande número de invenções revolucionárias, classificam-se nesta categoria. Evelyn Underhill fala disso nos seguintes termos:

"...esta apreensão iluminada das coisas, esta limpeza das portas da percepção, é certamente o que poderíamos esperar ocorrer à medida que o homem se mova para os centros de consciência mais elevados. A sua inteligência de superfície, purificada pela dominação dos sentidos, é invadida cada vez mais pela dominação dos sentidos, é invadida cada vez mais pela personalidade transcendente, o 'Homem Novo' que é pela natureza um cidadão do mundo espiritual independente, e cujo destino, em linguagem

mística, é um 'retorno à sua Origem.' Dar, um afluxo de vitalidade nova, poderes estendidos da visão e uma exaltação enorme dos seus poderes intuitivos." (15)

(15). Underhill, Ewlyn, *Mysticism,* p.311.

Este acesso imediato à Verdade é o último destino de todos os seres humanos, e parece provável que um dia a própria mente esteja abaixo do limiar da consciência como estão hoje os instintos. Atuaremos então no reino da intuição e falaremos em termos intuicionais tão facilmente como hoje nos exprimimos em termos da mente e esforçamo-nos por funcionar como seres mentais.

O padre Joseph Marechal, em Studies in the Psychology of the Mystics, descreveu assim a percepção intuitiva:

"A intuição, definida de uma maneira geral, é a assimilação direta de uma faculdade de conhecimento com o seu objeto. Todo conhecimento é de certo modo uma assimilação: a intuição é uma informação imediata sem intermediário objetivamente interposto; é o único ato pelo qual a faculdade de conhecer se modela, não sobre uma semelhança abstrata do objeto, mas sobre o próprio objeto; é, se quereis, a coincidência estrita, a linha comum de contato entre o sujeito conhecedor e o objeto." (16)

(16). Maréchal, Joseph, S.J., *Studies in the Psychology of the Mystics,* p.98.

Um dos livros mais notáveis e sugestivos sobre o assunto da intuição e que se ajusta notavelmente às posições orientais e ocidentais, é o livro do Dr. Dibblee, do Colégio Oriel de Oxford, Instinct and Intuition. Nesta obra, ele nos dá várias definições interessantes da intuição. Ele observa que a "intuição atua para o pensamento assim como a sensação para o sentimento, ao apresentá-lo com certo material" (17), e cita o Dr. Jung, ao dizer que é um processo mental extraconsciente, do qual somos de tempos a tempos vagamente consciente. Dá-nos também a definição do professor Wildon Carr: "A intuição é a apreensão, pela mente, da realidade diretamente tal qual é, e não sob a forma de uma percepção ou concepção (nem como ideia ou objeto da razão), todos os quais, por contraste, são apreensão intelectual." (18) A intuição, diz-nos ele, "interessa-se por resultados puramente intangíveis e se não considera o tempo, é também independente do sentimento." (19) Numa passagem particularmente clara, define (talvez sem intenção, porque o seu tema refere-se a outras matérias) o coordenado místico-prático ou conhecedor:

"...a inspiração intuitiva e a energia intuitiva são finalmente domesticadas e unificadas no eu completo, que forma finalmente uma só personalidade." (20)

(17). Dibblee, George Binney, *Instinct and Intuition,* p.85.

(18). Carr, H. Wildon, *Philosophy of Change,* p.21.

(19). Dibblee, George Binney, *Instinct and Intuition,* p 132.

(20). Dibblee, George Binney, *Instinctand tntuition,* p.130.

Aqui temos o mecanismo guiado e dirigido nas suas relações e reações físicas pelo aparelho dos instintos, trabalhando através dos sentidos, e o cérebro, e por seu turno a alma, guiando e dirigindo a mente através da intuição e tendo o seu ponto de contato físico no cérebro superior. Esta ideia o Dr. Dibblee resume assim: "O ponto a que cheguei é a definitiva aceitação de dois órgãos distintos da inteligência no ser humano, o tálamo, que é

a sede do instinto, e a córtex cerebral, que é a sede das faculdades aliadas, do intelecto e da intuição." (21)

(21). Dibblee, George Binney, *Instinct and Intuition,* p.165.

Esta posição é muito paralela à do ensinamento oriental que postula que o centro ativo de coordenação da inteira natureza inferior é a região do corpo pituitário, e que o ponto de contato com o Eu superior e a intuição é a região da glândula pineal.

A situação é, portanto, a seguinte: A mente recebe a iluminação da alma, sob a forma de ideias que são precipitadas nela ou de intuições que comunicam conhecimento direto e exato, pois a intuição é sempre infalível. Este processo, por sua vez, é repetido pela mente ativa, que passa ao cérebro receptivo as intuições e os conhecimentos transmitidos pela alma. Quando isso prossegue automaticamente e de forma apurada, temos o homem iluminado, o sábio.

A segunda atividade resulta da iluminação à qual a mente responde é a telepatia. Diz-se que a "iluminação pode ser considerada como o exemplo mais elevado da telepatia; porque, no decorrer do resplandescimento daquela suprema iluminação, a alma humana é quem percebe e o Pai das Luzes, o agente." O agente pode trabalhar por intermédio de muitas mentes, porque o mundo da alma é o da consciência grupal e isto abre-nos a um campo de contatos sem dúvida vasto. Não só a alma do homem está em relação com a Mente Universal, mas também com todas as mentes através das quais o Propósito Divino a que chamamos Deus pode estar trabalhando. Assim se explica a corrente contínua de escritos iluminados e das mensagens mundiais que, através dos tempos, guiaram os pensamentos e o destino dos homens, levando-os no caminho da realização desde o estágio do animismo e do fetichismo até o nosso atual conceito de uma Divindade imanente. Do ponto de vista do homem e da natureza progredimos até o de um Todo divino no qual vivemos, nos movemos e temos nossa existência, e com o qual nos identificamos em consciência. Reconhecemo-nos divinos. Um após outro, os Filhos de Deus entraram na sua herança e descobriram-se sensíveis ao plano mundial. Pela perseverança na contemplação, equiparam-se para agir como intérpretes da Mente Universal e como intermediários entre a multidão não telepática e a eterna fonte da sabedoria. Aos iluminados deste mundo, aos pensadores intuitivos em todos os campos de saber, aos transmissores telepáticos e inspirados, pode-se fazer remontar tudo o que o homem agora conhece de melhor, a origem das grandes religiões mundiais e os triunfos da ciência.

Esta comunicação telepática não deve ser confundida com a mediunidade nem com a massa de escritos por assim dizer inspirados que inundam os mercados atualmente. A maior parte destas comunicações têm um caráter medíocre, não trazem nada de novo, nem qualquer mensagem suscetível de conduzir o homem a um degrau mais alto na Nova Era, ou de guiar os seus passos enquanto sobe as escadas que conduzem aos Lugares Celestes. O Contato com o subconsciente, as enunciações de mentalidades valiosas ou de alto grau, representarão 98% dos trabalhos que aparecem agora. Indicam que o homem realizou muito e que está a se tornar coordenado. Não indicam o funcionamento da intuição, nem a atuação da faculdade de telepatia espiritual. As pessoas têm de distinguir muito cuidadosamente entre intuição e o instinto; entre o intelecto nos seus aspectos inferiores e a mente superior ou abstrata. É preciso manter a linha de demarcação entre os

enunciados inspirados da alma em contato com a Realidade e com outras almas, e os chavões de uma mentalidade agradável e cultivada.

O efeito do processo iluminativo na natureza emocional toma duas formas e - por paradoxal que pareça - são formas diametralmente opostas. Em alguns tipos produzirá uma tranquilizarão da natureza, de tal modo que todas as ansiedades e preocupações mundanas cessam, e o místico entra na paz que ultrapassa toda a compreensão.

Pode dizer então:

"Há uma chama dentro de mim que permaneceu
Imóvel, imperturbável através da névoa dos anos,
Não conhecendo amor nem riso, esperança nem medos,
Nem tremores tolos de doença, nem vinho bom.
Não sinto a tristeza dos ventos que pairam,
Não ouço qualquer murmúrio de uma maré que vira,
Não teço qualquer pensamento de paixão, ou de lágrimas,
Sem cadeias me mantenho, do tempo e do hábito.
Não conheço o nascimento, nem a morte que arrepia.
Não temo o destino, nem a moda, causa ou credo.
Eu sonharei mais que os sonos das colinas
Eu sou o botão, a flor, Eu a semente,
Pois sei que em tudo que porventura eu vir
Eu sou a parte, e esta a minha alma." (22)

(22). Muirhead, John Spencer, *Quiet, (The Oxford Book of English Mystical Verse),* p.629.

Pelo contrário, pode produzir o êxtase místico, esta elevação e efusão de coração para Deus, de que a literatura mística apresenta um testemunho constante. É um estado de exaltação e de alegre certeza, quanto às realidades sentidas. Leva o seu possuidor nas asas da felicidade, de tal modo, que temporariamente, nada pode tocá-lo ou feri-lo. Figurativamente, seus pés voam de encontro ao Bem-Amado e a relação entre o Amante e o Amado é grande, mas sempre há o sentimento de dualidade, de uma qualquer outra coisa além daquilo que foi atingido. Deve-se manter isto tanto tempo quanto possível na consciência, sem o que a visão extática desaparecerá, as nuvens encobrirão o sol e o mundo, com todos os seus problemas,obscurecerá os céus. Em Mysticism, Evelyn Underhill diz-nos que o êxtase, fisicamente considerado, é um transe, um estado de enleio que pode ser bom ou mau. Cita o Padre Malaval:

"Os grandes autores da vida mística ensinam que há duas espécies de enlevo, entre os quais é preciso cuidadosamente distinguir. O primeiro produz-se entre as pessoas pouco adiantadas no Caminho e ainda cheias de egoísmo; seja pela força de uma imaginação superaquecida, que apreende vivamente um objeto sensível, seja pelos artifícios do demônio... A outra espécie de enlevo é, ao contrário, o efeito de uma visão puramente intelectual naqueles que têm um amor puro e generoso por Deus. Às almas generosas que renunciaram totalmente a si mesmas, Deus nunca deixa de comunicar altas coisas nestes êxtases." (23)

(23). *Underhill,Evelyn,Mysticism,* p.431

O mesmo autor prossegue dizendo-nos o que é o êxtase, psicologicamente. “A absorção do Eu na ideia única, no desejo único, é tão profundo - e no caso dos grandes místicos, tão apaixonada que todo o resto é apagado." (24) Notar-se-á como a ideia do desejo, de sentimento e de dualidade caracteriza a condição extática. Paixão, devoção e um voo encantado para a fonte da realização, estão sempre presentes, e o que os experimenta deverá fazer uma discriminação clara, sob pena de os ver degenerar em morbidez. Fundamentalmente, não temos nada a ver com esta percepção sensorial. O nosso fim é uma alta e constante intelectualização, num firme controle mental, e é apenas nos primeiros estágios da iluminação que encontramos esta condição. Mais tarde, veremos que a verdadeira iluminação expulsa automaticamente todas as reações desta espécie. A própria alma sabe que está livre dos pares de opostos - do prazer tanto quanto da dor - e firmemente no ser espiritual. A linha ou canal de comunicação é finalmente direta e eliminativa, da alma para a mente e da mente para o cérebro.

(24). Underhill, Evelyn, *Mysticism,* p.434.

Quando chegamos ao nível físico da consciência e da reação até a iluminação que jorra para o cérebro, temos habitualmente dois efeitos predominantes. Há um sentido ou a percepção de uma luz na cabeça e, frequentemente, também um estímulo que engendra uma atividade anormal. O homem parece impelido pela energia que passa através dele, e os dias são muito curtos para o que procura realizar. Está tão ansioso de cooperar com o Plano que contatou, que o seu juízo é temporariamente alterado e trabalha, fala, escreve com um ardor incansável que, contudo, desgasta o seu sistema nervoso, e afeta a vitalidade. Todos aqueles que trabalharam no domínio da meditação e que procuraram ensinar segundo esta linha conhecem bem esta condição. O aspirante penetra no reino da energia divina e encontra-se intensamente pronto para responder a ela; pressente as suas relações grupais e responsabilidades e sente como se devesse fazer o máximo para se dedicar a elas. O registro deste afluxo constante de força vital é eminentemente característico, porque a coordenação entre a alma e o seu instrumento, e a reação subsequente do sistema nervoso à energia da alma é tão próxima e tão exata, que é preciso um certo tempo para o homem aprender a efetuar os reajustamentos necessários.

Como vimos, um segundo efeito da iluminação é o reconhecimento de uma luz na cabeça. Este fato está tão bem estabelecido que precisa de pouco reforço para se insistir. O Dr. Jung refere-se a ela da maneira seguinte:

> *"...a visão da luz é uma experiência comum a muitos místicos, e algo indubitavelmente de grande significado, porque em todos os tempos e lugares aparece como a coisa incondicional, que une em si mesmo o mais alto poder e a significação mais profunda. Hildegarde von Bingen, uma personalidade marcante mesmo fora do seu misticismo, exprime-se de maneira semelhante quanto à sua visão central. 'Desde a minha infância', diz ela, 'vejo sempre uma luz na minha alma, mas não com os meus olhos exteriores, nem através dos pensamentos no meu coração; nem os meus cinco sentidos externos tomam parte nesta visão... A luz de que me apercebo não é de uma espécie local, mas muito mais brilhante que a nuvem que suporta o sol. Não posso distinguir nela altura, largura ou comprimento... O que vejo ou aprendo numa tal visão permanece muito tempo na minha memória. Eu vejo, ouço e conheço ao mesmo tempo*

e aprendo o que sei no mesmo momento... Não consigo reconhecer qualquer espécie de forma nesta luz, ainda que às vezes veja nela uma outra luz que conheço como a luz viv ... Enquanto desfruto o espetáculo desta luz, toda a tristeza e amargura desaparecem da minha memória..."

"Conheço uns poucos indivíduos familiarizados com este fenômeno por experiência pessoal. Tanto quanto possa compreendê-lo, este fenômeno parece devido a um estado de consciência agudo, tão abstrato como intenso, uma consciência 'desapegada'... que, assim como Hildegarde observa pertinentemente, traz à consciência regiões dos acontecimentos psíquicos ordinariamente cobertos de obscuridade. O fato de que, em conexão com isto, as sensações corporais gerais desaparecem, mostra que sua energia específica foi retirada delas, afim de, aparentemente, elevar a clareza da consciência. Regra geral, o fenômeno é espontâneo, aparecendo e desaparecendo por sua própria iniciativa. O seu efeito é assombroso nisso que quase sempre traz a solução de complicações psíquicas e, portanto, liberta a personalidade interior de embaraços emotivos e imaginários, criando assim uma unidade de ser que é universalmente sentida como uma 'libertação'!" (25)

(25). Wilhelm, Richard e Jung, C.G., *The Secret of the Golden Flower,* pp.104-105.

Qualquer professor experimentado de meditação pode endossar estas palavras. O fenômeno é dos mais familiares e prova certamente que há uma estreita correspondência física com a iluminação mental. Centenas de casos poder-se-iam citar se as pessoas consentissem em relatar as suas experiências, mas muitas recusam-se por causa da zombaria e do ceticismo do homem pouco informado. Esta luz na cabeça toma formas variadas e desenvolve-se frequentemente por estágios sucessivos. Primeiramente, vê-se uma luz difusa, algumas vezes fora da cabeça e, mais tarde, no cérebro, quando em pensamento profundo ou em meditação; depois torna-se mais focalizada e parece, como alguns a descrevem, como um sol radiante e muito brilhante. Mais tarde, no centro da radiação, um ponto azul elétrico muito vivo aparece (talvez a luz viva indicada mais acima) e deste um caminho de luz dourada conduz para fora. Este foi algumas vezes chamado "O Caminho" e é possível que o profeta não tenha falado apenas simbolicamente quando disse que "o Caminho do justo é como uma luz resplandescente que brilha cada vez mais até o dia estar conosco."

Nesta luz na cabeça, que parece um acompanhamento universal do estado de iluminação, está provavelmente também a origem do halo que se descreve, rodeando a cabeça de todos os iluminados do mundo.

Ficam por fazer, neste domínio, muitas pesquisas e muita reticência e preconceito devem ser ultrapassados. Mas muitos seres estão começando a registrar as suas experiências e não são os psicopatas da humanidade, mas trabalhadores respeitáveis e substanciais pertencentes a todos os campos da atividade humana. Está próximo o tempo em que o fato da iluminação será reconhecido como um processo natural, e a luz na cabeça será considerada como o sinal de um estágio definido de relação e coordenação entre a alma, o homem espiritual e o homem do plano físico. Então a humanidade terá alcançado o ponto em que o instinto, o intelecto e a intuição poderão ser empregados à vontade pelo

homem treinado e plenamente educado e a "luz da alma" poderá ser projetada sobre qualquer problema. Assim a onisciência da alma será manifestada na terra.

Deixem-me fechar este capítulo com algumas palavras escritas por um místico hindu e outras por um moderno místico cristão, exemplos típicos dos dois pontos de vista do místico e do conhecedor. O hindu diz:

"São chamados Brahmanes apenas aqueles que têm uma luz interior trabalhando neles... a alma humana é uma lâmpada que não se esconde sob o alqueire. A lâmpada emite, não os raios da carne mas raios de luz mental para iluminar toda a humanidade e é portanto o canal para o mundo da alma. Os raios da luz mental ajudam toda a humanidade no seu crescimento e expansão mental, e portanto, a lâmpada é do Eterno Mundo dos Brahmanes. Dá luz ao mundo mas não toma nada do que o mundo pode dar."

O cristão escreve:

"Eu vi uma vida ardente em Deus!
Meu Pai, dá-me
A bênção de uma vida consumada por Deus
A fim de que eu possa viver para Ti.
Uma vida de fogo! Uma vida ardente com Deus,
Alumiada pelos fogos do amor pentecostal!
Uma vida em fogo! Em fogo com amor pelos homens
Acesa pela compaixão divina do alto.
Uma vida ardente, que Deus pode tomar e deixar
Em casa, na rua, ou onde quer que Ele por Sua vontade determine.
Para pôr outra vida alumiada por Ele,
E o fogo assim mais ainda espalhar."

Então teremos demonstrado a etapa final do processo da meditação, a que chamamos Inspiração. A possibilidade de tal vida é testemunhada pelos Grandes Seres de todos os tempos. Eles reconheceram-se como Filhos de Deus e trouxeram este saber até sua plena realização na encarnação física. São os Proclamadores inspirados da realidade da verdade, da imortalidade da alma e do fato do reino de Deus. São luzes colocadas num lugar obscuro a fim de alumiar o caminho de retorno à Casa do Pai.

CAPÍTULO VIII

A UNIVERSALIDADE DA MEDITAÇAO

"Para cada homem se abre
Um Caminho, e Caminhos, e um Caminho.
E a Alma Superior ascende ao Caminho Superior
E a Alma Inferior tateia às apalpadelas o Inferior;
E no meio, nos pântanos nebulosos,
Os restantes vegetam para cá e para lá.
Mas para todo homem se abre
Um Caminho Superior e um Inferior,
E todo homem decide
Qual o Caminho que a sua Alma deve seguir."

JOHN OXENHAM

Esboçamos o método pelo qual o místico pode tornar-se o conhecedor consciente e definimos as etapas sucessivas do desenvolvimento que suscita finalmente a iluminação do cérebro físico e o modo de vida inspirado na terra. Começamos com um homem que, tendo esgotado os recursos e as satisfações da existência física, e enfrentando o inevitável de uma grande transição para uma outra dimensão da vida, procura o caminho do conhecimento e da certeza. Ele descobre - quando investiga com imparcialidade - que em todos os tempos houve os que sabiam, os que penetraram até o coração do mistério do ser, e que voltaram trazendo a certeza da imortalidade da alma e da realidade do Reino de Deus. Falam, igualmente, de um método por meio do qual chegaram a esta apreensão da Verdade divina e de uma técnica que tornou possível a sua transição do quarto para o quinto reino da natureza.

Descobrimos que, em todos os tempos, estes homens iluminados testemunham a mesma verdade e afirmam que este método universal traz para eles certos resultados que podem ser assim enumerados:

Primeiro: Eles conquistam a experiência direta das realidades divinas, das verdades transcendentais e do mundo sobrenatural. Estas, ao serem contatadas, parecem ser um processo tão natural, uma parte do desenvolvimento evolutivo tão vital como qualquer dos processos que as ciências da biologia, da física e da química testemunham. Do mesmo modo que estas três grandes ciências são ocultas e praticamente inatingíveis para o aluno comum de nível médio, assim também a metafísica superior é oculta e inatingível mesmo para o acadêmico, a quem falte a abertura de espírito necessária, o treino específico e o equipamento.

Segundo: Um outro efeito do desenvolvimento é a retirada do véu do Eu. Pela educação mental e espiritual, que a prática de meditação avançada confere, o problema dos psicólogos quanto à natureza do Eu, da alma, da psique, resolve-se, e a palavra pode

retomar o seu significado original - Psique, o nome da alma. O processo foi o de uma gradual remoção do véu, e de uma aproximação por etapas, cada vez mais próxima da alma. A psique emerge na sua verdadeira natureza.

Por detrás da matéria, pode-se encontrar um fator imanente e poderoso que é responsável pela coerência da forma e que constitui a personalidade que age no mundo físico. Isto pode ser considerado como o aspecto vida, e os estudiosos lutam continuamente com o problema da vida, tentando chegar à sua origem e à sua causa. Mais profundamente enraizado ainda, pode-se encontrar o aspecto emocional do Eu, sensitivo, sofredor e experimentador, trabalhando através do sistema nervoso e do cérebro e governado muito poderosamente através de todas as atividades no mundo dos assuntos humanos. Ele sente o prazer e a dor; está ocupado com reações temperamentais e emocionais, com preocupações e desejos de toda ordem. Isso constitui a vida pessoal comum para a maioria de nós, porque sentimos mais do que pensamos, neste estágio de desenvolvimento humano. A razão para isso nos deu Patânjali claramente:

> *"O sentido de personalidade é devido à identificação do conhecedor com os instrumentos do conhecimento... A ilusão de que o Percebedor e o que é percebido são uma e a mesma coisa é a causa dos efeitos geradores da dor, que deve ser repelida." (1)*

(1). Bailey, Alice A., *A Luz da Alma,* pp.115-116.

Ele nos diz em outro lugar que a experiência da vida e o processo da vida e do sentimento no plano físico provêm da "inabilidade da alma em distinguir o eu pessoal, do espírito. As formas objetivas existem para uso e experiência do homem espiritual. Pela meditação sobre isso nasce a percepção intuitiva da natureza espiritual." (2)

(2). Da mesma obra e autor, p.239.

Através desta experiência vital e do processo do desejo sensorial e pelo conhecimento subsequente, o homem esgota este aspecto de sua natureza e penetra mais profundamente, até que chega a um terceiro fator, a mente. O homem permanece agora neste ponto da sua investigação, e a consideração atenta dos processos mentais e o estudo das ações mentais, de suas causas e objetivos ocupam a atenção dos psicólogos por toda parte. Entre eles há numerosas escolas de pensamento, que sustentam pontos de vista em grande parte opostos, mas a existência de algo chamado mente e que ela está cada vez mais influenciando a humanidade, é hoje em dia universalmente reconhecido.

Até onde iremos deste ponto? Houve, no decorrer dos tempos, uma constante progressão da consciência humana em evolução, um contínuo crescimento da compreensão da natureza, do mundo no qual o homem vive, e um cada vez maior alcance do Todo e hoje o mundo inteiro está ligado pelo rádio, o telégrafo e a televisão. O homem é onipresente e a mente é o fator principal na realização deste aparente milagre. Adquirimos uma compreensão das leis que governam o mundo natural e de algumas das que regem o psíquico. As leis do reino chamado espiritual permanecem por serem descobertas e utilizadas cientificamente. São conhecidas de um pequeno número de seres que a respeito falaram à humanidade, mas são utilizadas apenas pelos pioneiros da nossa humanidade. Entre esses poucos que figuram como os Conhecedores eminentes encontram-se o Buda, o Cristo, Platão, Aristóteles, Pitágoras, Eckhart, Jacob Boehme, Spinosa. A lista é longa.

Atualmente começamos a fazer a pertinente pergunta: não será possível que centenas de seres estejam agora no ponto em que podem coordenar o cérebro, a mente e a alma, e assim cruzar o portal da percepção mental e penetrar no reino da luz, da percepção intuitiva, até o mundo das causas? Do ponto de vista do mundo mental no qual penetramos presentemente, deixando para trás de nós os véus do corpo físico e da natureza psíquica, não seremos capazes, agora, de passar para o nosso desenvolvimento evolutivo seguinte? Tendo até certo ponto compreendido a natureza da humanidade e da mente, não podemos começar a assenhorear-nos da natureza da intuição e, deste modo, a atuar num outro reino da natureza, com uma compreensão e uma facilidade iguais às que vemos funcionar em nós como seres humanos? Os Conhecedores dizem-nos que podemos e indicam-nos o caminho.

Terceiro: Na linguagem de alguns dos pioneiros do reino do espírito, o terceiro resultado da meditação é que encontramos Deus. O que entendemos, em detalhe, por esta pequena palavra de quatro letras, é relativamente sem importância. Não é senão um símbolo da Realidade. Todas as religiões do mundo afirmam uma vida que é imanente na forma, e uma Causa que trouxe à existência todas as coisas. Cada ser humano é consciente em si mesmo de vagos esforços (que se tornam mais ardentes à medida que o intelecto se desenvolve) para conhecer, compreender e responder às questões Por quê e Como. A maioria dos homens, qualquer que seja a sua teologia, quando estão diante do portal da morte, afirmam a sua crença no Pai de todos os Seres, e aceitam tudo o que essa Paternidade implica. Consideremos Deus como o "Propósito Superior e Desconhecido" que pode ser reconhecido como a soma de todas as formas que exprimem a Vida, a totalidade de todos os estados de consciência, e como a própria Vida; consideremos a Divindade como aquilo em que vivemos, nos movemos e temos a nossa existência, e que realiza através de todas as formas da natureza (aí compreendendo a forma humana) o seu próprio Plano inclusivo e sintético. Os Conhecedores dizem-nos que quando chegaram a um Caminho, graças a um método, e que tendo seguido esse caminho, entraram num novo estado de ser, o Propósito e o Plano Divinos lhes foi revelado. Podem participar ativamente ar e tornarem-se trabalhadores conscientes e inteligentes ao lado da evolução. Sabem o que está ocorrendo, porque viram as representações divinas desenhadas.

Quarto: Nas palavras de todas as escolas místicas, tanto orientais como ocidentais, esses resultados são resumidos como: União com Deus, ou Unificação com a Divindade. Deus e o homem são um. O Eu e o Não-Eu estão unificados. Tauler exprime-se sobre este tema, da seguinte maneira:

> *"Nesta união... o homem não atinge Deus pelas imagens ou meditações, nem pelos esforços mentais superiores, nem por um sabor ou uma luz. Mas é verdadeiramente Ele próprio que recebe interiormente, e de uma maneira que ultrapassa grandemente toda a luz dos seres criados, toda a razão, toda a medida e toda a inteligência." (3)*

(3). Citado de Poulain R. P., *Graces of Interior Prayer,* p. 80.

Todos os fatores abaixo da realidade espiritual não são senão caminhos para o centro e devem ser inteiramente anulados no estado contemplativo, em que o homem foge da consciência da forma para a da realidade espiritual, a alma. Esta, sendo uma parte consciente e indivisível da Alma Universal (por paradoxal que isso pareça), é desprovida de todo sentido de separatividade;

dar a União com Deus ser uma conscientização de um fato na natureza que sempre existiu. A alma conscientemente sabe que é uma com Deus. Tendo isto presente em nossas mentes e compreendendo o papel que desempenhou a intelecção, as palavras de São Paulo tomam um novo significado: "Deixai que a mente que estava em Jesus Cristo esteja também em vós, Ele que, estando na forma de Deus, não considerou roubo ser igual com Deus".

Os resultados desta união (realizada em estado contemplativo) são a iluminação da mente e do cérebro, mantidos que tenham sido, um e outro, positivamente estáveis e numa condição expectante. A iluminação, quando se torna frequente e pode ser finalmente provocada à vontade, produz definitivamente a vida da inspiração.

Se esses estágios forem alcançados e dominados e se se puder encontrar homens e mulheres desejosos de se submeterem à técnica aqui descrita, muitos de entre eles surgirão, e darão testemunho desta ciência divina. Descobrir-se-á quanto são verdadeiras as palavras que escrevi no livro "A Alma e Seu Mecanismo", que "Uma nova raça surgirá, possuindo novas capacidades, novos ideais, novos conceitos concernentes a Deus e à matéria, à vida e ao Espírito. Através dessa raça e da humanidade futura ver-se-ão não apenas um mecanismo e uma estrutura, mas ainda uma alma, uma entidade, que, servindo-se do mecanismo, manifestará a sua própria natureza que é amor, sabedoria e inteligência." (4)

(4). Bailey, Alice A., A *Alma* e *seu Mecanismo,* p.130.

Aqui é interessante notar a uniformidade do ensinamento de todas as religiões e raças, quanto à técnica da entrada no reino da alma. Em certo ponto do caminho da evolução, parece que todos os caminhos convergem e todos os peregrinos chegam a uma posição idêntica. A partir desta junção percorrem o mesmo caminho, empregam os mesmos métodos e servem-se de uma fraseologia curiosamente semelhante. O amplo estudo das religiões comparadas e as permutações entre as raças, evidenciam a chegada do tempo para as realizações disto. Estes dois fatores estão quebrando firmemente as velhas barreiras e demonstram a unidade da alma humana.

Falando na generalidade, este Caminho comporta quase universalmente três divisões, que se encontram por exemplo nas três grandes religiões: o Cristianismo, o Budismo e o Hinduísmo. A Igreja cristã fala do Caminho de Provação, do Caminho da Santidade e do Caminho de Iluminação. O Dr. Evans-Wentz, de Oxford, na sua obra Tibet's Great Vagi, Milarepa, cita um mestre hindu, nestes termos:

> *"Para mim, as três principais escolas tibetanas marcam três etapas no Caminho da Iluminação ou do progresso espiritual. Na primeira, o devoto está sujeito às imposições e às proibições... Está 'ligado pelas ordenanças'; na segunda, adere a caminhos tradicionais... em que as restrições ordinárias são até certo ponto relaxadas, conquanto o devoto não esteja ainda completamente livre. Na terceira, a Adi-loga, quando pelas práticas da ioga, a Luz é vista, não há já qualquer restrição, pois o estágio de Buda... foi alcançado. Estes três estágios correspondem, grosseiramente, ao que se referem os Tantras como... o Estado do Homem-Animal... o Estado do Herói e o Estado do Divino ou Iluminado." (5)*

(5). Evans-Wentz, W. Y., *Tibet's Greet Yogi, Milarepa,* p.5.

O Método no Budismo Tibetano

Estudando a vida de Milarepa, o Santo do Tibete, que viveu nos séculos XI e XII, vemos que se afirma ter ele alcançado a união pelo método da disciplina da meditação e da prática e, finalmente, a Iluminação. Lemos o que se segue:

"Ele foi quem, tendo dominado a ciência mística e oculta, lhe comunicou... continuamente os quatro estados abençoados da comunhão no êxtase...

Ele foi quem, tendo alcançado a onisciência, a boa vontade que tudo permeia, e o amor ardente, juntamente com a aquisição de poderes e virtudes transcendentais, se tornou um Buda, por seu próprio esforço, que se elevou acima de todas as opiniões opostas conflitantes e dos argumentos das diferentes seitas e crenças...

Era um ser dos mais diligentes e perseverantes na meditação sobre o Caminho Excelso... Tendo adquirido pleno poder sobre os estados mentais e sobre as faculdades internas, superou todos os perigos dos elementos externos... Era um Ser perfeito na prática dos quatro estágios da meditação, (análise, reflexão, profundo amor, bem-aventurança. Estes são os quatro estágios mentais progressivos, que conduzem à completa concentração da mente, produzindo a iluminação pelo êxtase)... Era um sábio professor da Ciência da Mente, tendo provado sem discussão possível que a Mente é o Começo e o Fim de todos os fenômenos visíveis, tanto materiais como espirituais, cujos Raios, ao poderem brilhar sem obstrução, se desenvolveram, como ele sabia, na tríplice manifestação do Ser Divino Universal, pelo seu próprio poder,livre e inerente." (6)

(6). Evans.Wentz, W. Y., *Tibet's Great Yogi, Milarepa,* pp.32, 33, 35, 38.

Assim temos o mesmo processo: atividade mental, contemplação, união e iluminação.

O Método no Budismo Chinês

Uma das principais contribuições para o processo de iluminação é uma compreensão da maneira pela qual o Buda encontrou a Luz. Isso demonstra notavelmente a utilidade da mente para dominar a ignorância e a sua subsequente futilidade para conduzir um homem ao reino da Luz e do ser espiritual. O Dr. Suzuki, professor de Budismo Zen na Faculdade Budista de Kyoto, fala-nos disso nos luminosos parágrafos seguintes. Diz-nos que foi pelo "conhecimento perfeito e supremo" que Buda alcançou a sabedoria que o fez passar do estado de Bodhisattva ao de Buda. Este conhecimento é:

"...uma faculdade ao mesmo tempo intelectual e espiritual, por cuja operação a alma fica habilitada a quebrar os grilhões da intelectualidade. Esta última é sempre dualista, na medida em que conhece o sujeito e o objeto, mas no Prajñâ que se exerce "em uníssono com a apreciação de um único pensamento", não há separação entre o conhecedor e o conhecido, sendo estes todos vistos num só pensamento, e a iluminação brota disso...

"Assim, vemos que a iluminação é um estado mental absoluto, no qual "discriminação" alguma... tem lugar, e a realização deste estado no qual todas as

coisas são vistas "num pensamento" necessita de um grande esforço mental. Com efeito, a nossa consciência lógica, bem como a nossa consciência prática, entregam-se muito à análise e à ideação; isto é, separamos as realidades em elementos para os compreendermos; mas, quando são reunidos para compor o todo original, seus elementos salientam-se muito conspicuamente definidos e nós não vemos o todo "num pensamento."

Como é apenas quando o "pensamento único" é alcançado que obtemos a iluminação, deve ser feito um esforço para se ir além da nossa consciência empírica relativa... O fato mais importante que se encontra por detrás da experiência da Iluminação, portanto, é o de Buda ter feito as tentativas mais vigorosas para resolver o problema da Ignorância e ter empenhado ao máximo sua força de vontade para sair vitorioso da luta... Portanto, a Iluminação deve envolver tanto a vontade como o intelecto. É um ato de intuição nascido da vontade... O Buda alcançou este objetivo quando lhe ocorreu uma nova visão interior no final do seu raciocínio sempre circulante em torno da decrepitude e da morte até à Ignorância e desde a Ignorância até a decrepitude e à morte...

Mas ele possuía uma vontade indomável; queria, com os esforços extremos da sua vontade, alcançar a plena verdade nesta matéria; bateu e bateu até as portas da Ignorância se abrirem; e elas abriram-se bruscamente para uma nova visão panorâmica jamais presenciada pela sua visão intelectual." (7)

(7). Suzuki, Daisetz Taitaro, *Essays in Zen Buddhism,* pp.113-115.

Anteriormente, o Dr. Suzuki fez-nos notar que o alcançar do Nirvana é, no fim de contas, essencialmente, a afirmação e a conscientização da unidade. No mesmo ensaio, diz-nos:

"Eles (os Budistas) descobriram finalmente que a Iluminação não era uma coisa exclusivamente pertencente ao Buda, mas que cada um de nós podia alcançá-lo se conseguisse desembaraçar-se da ignorância, abandonando a concepção dualista da vida e do mundo; mais tarde, concluíram que o Nirvana não era o desaparecer num estado de absoluta não-existência, o que era uma impossibilidade visto termos de contar com os fatos reais da vida, mas que o Nirvana, no seu significado último, era uma afirmação - uma afirmação para além dos opostos de qualquer espécie." (8)

(8). Suzuki, Daisetz Taitaro, *Essays in Zen Buddhism,* p. 47.

O termo "prâjña" empregado acima é muito interessante. É "a" presença de uma faculdade em qualquer indivíduo... Este é o princípio que possibilita a Iluminação em nós tão bem como em Buda.

Sem Prâjña não haveria Iluminação, que é o mais alto dos poderes espirituais em nosso poder. O intelecto... é relativo na sua atividade. Buda, antes da sua Iluminação, era um comum dos mortais e nós, simples mortais, seremos Budas quando os nossos olhos mentais Se abrirem na Iluminação." (9) Assim, temos o intelecto concentrado e empregado até o máximo das suas capacidades e, depois, a cessação do seu trabalho. Em seguida vem o uso da vontade para conservar a mente firme na luz, e então - a Visão, a Iluminação!

(9). Suzuki, Daisetz Taitaro, *Essays in Zen Buddhism,* pp.52-53

O Método na Ioga Hindu

Os hindus analisaram o processo de aproximação mental à Realidade e o papel que a mente desempenharia, talvez mais claramente do que qualquer outro grupo de pensadores. Shankarâchârya diz-nos que:

"O logue, cujo intelecto é perfeito, contempla todas as coisas como se residissem dentro de si próprio (no seu próprio "Eu", sem distinção alguma entre o exterior e o interior) e, assim, pelo olho do Conhecimento (Jñana-Chaksus, uma expressão que pode ser traduzida de forma bastante exata por: "intuição intelectual"). ele percebe (ou melhor, concebe, não racional nem discursivamente, mas por uma percepção direta e um 'assentimento' imediato) que tudo é Atmâ.".(10)

O logue, ou aquele que alcançou a união (porque a Ioga é a ciência da união) conhece-se tal qual é na realidade. Quando a ignorância é substituída pelo conhecimento transcendente, verifica que está identificado com Brahma, a Causa Eterna, o Um e o Único. Conhece-se como sendo Deus, para além de qualquer controvérsia - Deus imanente e Deus transcendente. O observador prossegue e diz-nos:

"Ele é 'o Supremo Brahma, que é eterno, puro, livre, só (na Sua perfeição absoluta). incessantemente pleno de Beatitude, sem dualidade, Princípio (não condicionado) de toda a existência, conhecedor (sem que este conhecimento implique qualquer distinção entre sujeito e objeto, o que seria contrário à 'não dualidade'), e sem fim'.

"Ele é Brahma, por quem são iluminadas todas as coisas (compartilhando da Sua essência segundo os seus graus de realidade), a Luz que é a causa do sol brilhar e de todos os corpos luminosos, mas que não se tornou manifestado pela luz dos mesmos."

O "Eu" estando iluminado pela meditação... ardendo então com o fogo do Conhecimento (concebendo a sua identidade essencial com a Luz Suprema) está livre de qualquer acidente; ...e brilha com o seu próprio esplendor como o ouro que é purificado pelo fogo.

"Quando o Sol do Conhecimento espiritual se eleva no firmamento do coração (isto é, no centro do ser...). dissipa as trevas (da ignorância que encobre a única Realidade absoluta), tudo permeia, tudo envolve e tudo ilumina." (11)

(10). Citado por Guénon, René, em *Man and His Becoming,* p.254.

(11). Guénon, *René, Man and His Becoming,* pp.356, 258,259,260.

O Padre Maréchal diz-nos que:

"...a experiência psicológica vivida pelo contemplativo atravessa as duas fases da concentração mental e da inconsciência, descritas por M. Oltramare, segundo o Sarvadarsanasangraha: 'É em duas fases sucessivas que o logue escava, por antecipação, a base das futuras existências e apaga as impressões que determinam a existência presente. Na primeira está consciente...; o pensamento está então, exclusivamente atento ao seu próprio objeto e todas as modificações do princípio estão suspensas na medida em que dependem de coisas exteriores; os frutos que recolhe, sob

esta forma são, ou visíveis - a cessação do sofrimento - ou invisíveis - a percepção imediata do Ser que é o objeto da meditação... O segundo período da Ioga é aquele em que está inconsciente... o órgão pensante está dissolvido na sua causa... o sentimento de personalidade está perdido; o indivíduo que medita, o objeto no qual o seu pensamento se apoia, o próprio ato de meditar, não fazem senão uma coisa...” (12)

(12). Maréchal, Joseph, S.J., *Studies in the Psychology of the Mystics,* pp.312, 313.

Patânjali, O maior mestre da ciência da Ioga, resumiu as últimas etapas no seu quarto Livro com as seguintes palavras:

"O estado de unidade isolada (retirada para a verdadeira natureza do Eu) é a recompensa do homem que pode discriminar entre a substância mental e o Eu, ou homem espiritual.

"O estado de unidade isolada torna-se possível quando as três qualidades da matéria (as três gunas ou potências da natureza) não têm já qualquer domínio sobre o Eu. A pura consciência espiritual retira-se para o Um.

"Quando a inteligência espiritual que se mantém só e livre de objetos, se reflete na substância mental, então, vem a consciência do Eu... A mente tende então para... uma iluminação crescente...” (13)

(13). Bailey, Alice A., *The Light of the Soul,* IV, 25, 34,22.

Aqui ainda temos a mesma ideia. O emprego da mente, retirada afinal da consciência mental; e a conscientização da unidade. Isto tende para a firme iluminação.

O Método do Sufismo

Os escritos dos Sufis estão muito velados por fantasias e simbolismos e têm um sentido de dualidade mais forte do que talvez em qualquer outro sistema religioso esotérico, à exceção dos escritos místicos Cristãos. Mas aí ressalta também a mesma expressão da verdade e o mesmo método fundamental. É o que extratos do vetusto Tratado Persa sobre o Sufismo nos demonstra. É interessante notar que os escritos mais extensos e que apresentam a maior utilidade tiveram origem naqueles que são os Conhecedores, capazes de contar as suas experiências da divindade de tal modo que podem ensinar e delinear, assim como declarar e afirmar.

"O primeiro passo para a unificação é o aniquilamento da separação porque a separação é a declaração de que se está separado das imperfeições, enquanto que a unificação é a declaração da unidade de uma coisa... Por conseguinte, o primeiro passo para a unificação é negar que Deus tenha um associado e pôr de lado tal associação...

"Temos cinco princípios de unificação: o afastamento da fenomenalidade, a afirmação da eternidade, o abandono dos laços familiares, a separação dos irmãos e o esquecimento do que é conhecido e desconhecido.

"O afastamento da fenomenalidade consiste em negar que os fenômenos tenham conexão com a unificação ou que lhes seja possível alcançar a Sua santa essência; a afirmação da eternidade consiste na convicção de que Deus existiu sempre... ; o abandono dos laços familiares significa, para o noviço, a separação dos prazeres

habituais da alma inferior e das formas deste mundo e, para o adepto, a separação das posições sublimes e dos estados gloriosos e dos milagres exaltados; a separação dos irmãos significa o afastar-se da sociedade da espécie humana e o dirigir-se para a sociedade de Deus, dado que qualquer pensamento que não seja o de Deus é um véu e uma imperfeição e, quanto mais os pensamentos de um homem estão associados a outrem que não Deus, mais Deus lhe está velado, porque está universalmente reconhecido que a unificação é a concentração dos pensamentos, enquanto que estar satisfeito com outro que não Deus é um sinal de dispersão do pensamento..." (14)

(14). Nicholson, Reynold A., *The Kashf AI-Mahjúb,* pp.281, 282.

Encontramos ainda estas palavras:

"Um dos Shaykhs diz: são necessárias quatro coisas àquele que ora: a aniquilação da alma inferior, a perda dos poderes naturais, a pureza do coração interno e a perfeita contemplação. A aniquilação da alma inferior não pode ser alcançada senão pela concentração do pensamento; a perda dos poderes naturais apenas pela afirmação da Majestade Divina, o que implica a destruição de tudo o que é diferente de Deus; e pureza do coração interior unicamente pelo amor; e a perfeita contemplação apenas pela pureza do coração interior." (15)

(15). Nicholson, Reynold A., *The Kashf AI·Mahjúb,* pp.302, 303.

Uma vez ainda, temos a mesma verdade.

O Método do Cristianismo

É naturalmente fácil encontrar grande número de textos que ligam o caminho do Conhecedor Cristão ao do seu irmão do Oriente. Eles testemunham a mesma eficácia do método no qual o intelecto é igualmente empregado até aos limites do seu poder e, depois, todo o esforço é suspenso, até se estabelecer uma nova condição do ser e sobrevir um novo estado de consciência. Santo Agostinho diz: "Assim como é inefável, na primeira procissão, donde o Filho sai do Pai, assim também existe qualquer coisa de oculto por detrás da primeira procissão, intelecto e vontade". Meister Eckhart une-se aos Conhecedores Orientais pelas seguintes palavras:

"O intelecto é o mais forte poder da alma e, com isso, a alma assenhoreia-se do bem divino. O livre arbítrio é o poder de saborear o bem divino que o intelecto lhe faz conhecer. A chispa da alma é a luz do reflexo de Deus, que sempre Se volta para observar Deus. O arcano da mente é, por assim dizer, a soma de todo o bem divino, de todos os dons divinos, na essência mais íntima da alma, que é como um poço insondável de bondade divina.

"Os poderes mais inferiores da alma deveriam estar consagrados aos poderes superiores da mesma, e estes a Deus; os seus sentidos externos aos internos e estes à razão, o pensamento à intuição, e todos eles à unidade afim de que a alma possa estar só sem que coisa alguma flua para ela que não seja pura divindade, refluindo neste momento para dentro de si mesma.

"Quando a mente de um homem perdeu o contato com todas as coisas, então, e somente então, entra em contate com Deus.

"No influxo desta graça aparece de imediato aquela luz da mente para a qual Deus envia um raio de Seu Esplendor sem mácula. Nesta poderosa luz um mortal está tão acima dos seus semelhantes quanto um homem vivo está acima de sua sombra projetada na parede.

"O homem da alma, transcendendo o seu modo angélico e guiado pelo intelecto, abre caminho até a fonte de onde a alma brotou. O intelecto é deixado de lado com todas as coisas que têm um nome. Assim a alma é absorvida na pura unidade." (16)

(16). Pfeiffer, Franz, *Meister Eckhart,* pp.338, 144, 101, 66.

Assim, todas as grandes escolas de meditação intelectual (privadas, nos últimos estágios, de emoções e de sentimento) conduzem ao mesmo ponto. No ponto de vista do Budismo, do Hinduísmo, do Sufismo e do Cristianismo, o fim é fundamentalmente o mesmo: a Unificação com a Divindade; há a mesma transcendência dos sentidos, a mesma concentração da mente no seu mais alto ponto para conduzir o aspirante ao seu objetivo; a mesma entrada no estado de contemplação da Realidade, a mesma fusão em Deus e a consciência da identidade com Deus e a mesma subsequente Iluminação.

Todo sentimento de separatividade desapareceu. A Unidade com o Universo, a Identidade com o Todo conscientizado, a percepção consciente do Eu e a assimilação em plena consciência desperta, quer com a Natureza exterior, quer com a interior - tal é a meta definida do investigador do conhecimento.

O eu, o não-eu e a relação entre ambos são conhecidos como um fato, sem diferenciação. Deus, o Pai, Deus, o Filho e Deus, o Espírito-Santo, são conscientizados como trabalhando harmonicamente em conjunto com uma Identidade - os Três em Um e o Um em Três. Este é o objetivo de todas as escolas onde o místico transcende o sentimento e, em última análise, até o pensamento, para ficar unido ao Todo. Entretanto, a individualidade persiste na consciência, mas está tão identificada com o Todo que desaparece o sentido da separatividade.

Nada mais subsiste senão a Unidade conscientizada.

CAPÍTULO IX

A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO

> *''É de notar que* a *Doutrina ensinada neste livro não instrui todas as espécies de Pessoas, mas somente aquelas que mortificam bem os Sentidos e as Paixões, que já avançaram e progrediram na Oração e são chamadas por Deus para* o *Caminho Interno, onde Ele as encoraja e guia, libertando-as dos obstáculos que retardam* a *sua marcha para* a *perfeita Contemplação."*
>
> MICHAEL DE MOLINOS, *The Spiritual Guide*

Até aqui a nossa discussão foi acadêmica, comparativa, discursiva e indicativa. Mostramos o Caminho seguido por muitos e consideramos o Caminho para a Iluminação. Convém agora aplicar-nos em compreender o trabalho prático que devemos cumprir pessoalmente. De contrário todo o objetivo do nosso estudo de meditação se perderia e não faríamos senão aumentar a nossa responsabilidade, sem termos realmente progredido no Caminho.

Põem-se de imediato duas questões pertinentes que merecem atenção.

I. Poderá qualquer um, desde que tenha o desejo, tirar proveito e dominar a técnica da Meditação?

II. Os 'Conhecedores do Oriente alcançaram a Iluminação retirando-se do mundo e permanecendo na reclusão e no silêncio. Dadas as condi*ções* de vida na civilização ocidental, isso não é possível. Poderá haver esperança de sucesso sem desaparecerem as solicitações do mundo, como nas florestas ou selvas, ou na reclusão monástica?

Vamos considerar cada uma das questões e trabalha-lhas. Elas têm de ficar resolvidas e respondidas antes de podermos prosseguir no delineamento do trabalho de meditação e indicar o método aconselhável a seguir.

Respondendo à primeira questão, quanto à sua adaptabilidade geral a todos os aspirantes para este trabalho árduo, é preciso recordar, de início, que o próprio desejo em si de empreendê-lo pode ser tomado como um apelo da alma, para o Caminho do Conhecimento. Ninguém deverá desencorajar-se se concluir estar deficiente em certas qualificações essenciais. Na maior parte dos casos, estamos mais adiantados, somos mais sábios e estamos melhor equipados do que imaginamos. Todos podemos começar imediatamente a concentrar-nos, se de imediato nos decidirmos a isso. Possuímos um grande saber, capacidades e uma força mental que nunca passaram do reino do subconsciente à utilidade objetiva; quem já tiver apreciado o efeito da Meditação num iniciante confirmará estas afirmações - muitas vezes para confusão mental do principiante, que não sabe o que fazer das suas descobertas. Os resultados do primeiro passo na disciplina de Meditação, isto é, da Concentração, são amiúde surpreendentes. As pessoas

"reencontram-se", descobrem dons ocultos e uma compreensão nunca aplicados antes; ganham uma consciência, mesmo do mundo fenomenal, num grau para elas miraculoso; verificam repentinamente a existência da mente, a possibilidade de utilizá-la e a distinção entre o conhecedor e o instrumento do conhecimento torna-se-lhes estável e reveladoramente cada vez mais autêntica. Ao mesmo tempo registra-se uma sensação de perda. Os antigos estados sonhadores de bem-aventurança e de paz, que alcançavam na oração mística e na meditação, desaparecem; e, temporariamente, experimentam uma aridez, uma ausência e um vazio muito deprimentes com frequência. Isto provém do fato da atenção estar desviada das coisas dos sentidos, por muito belas que sejam. As coisas que o intelecto conhece e de que pode guardar recordação não estão ainda registradas, nem o aparelho sensorial causando seus impactos familiares sobre a consciência. E um penedo de transição, que é preciso suportar até o momento em que o mundo novo comece a impressionar o aspirante. Esta é uma razão por que a persistência e a perseverança são essenciais, particularmente nos estágios iniciais do processo de meditação.

Um dos primeiros efeitos do trabalho da meditação é o aumento da eficiência na vida diária, seja em casa, no escritório ou em qualquer outro domínio da atividade humana. A aplicação mental nas coisas da vida é, em si, um exercício de concentração que conduz a notáveis resultados. Quer um homem alcance, ou não, a Iluminação final pela prática da concentração e da meditação, ele terá pelo menos aprendido muito e enriquecido grandemente a sua vida; e a sua utilidade e poder serão enormemente acrescidos e a sua esfera de influência expandida.

Do ponto de vista puramente mundano é útil, portanto, aprender a meditar. Quem poderá afirmar que um acréscimo das capacidades, na vida corrente e no serviço, não são tanto um degrau do caminho do progresso espiritual como as visões do místico? Os resultados espirituais do esforço mental de que faz prova o mundo dos negócios do ocidente podem ser, em última análise, uma contribuição vital no esforço espiritual total como qualquer outro efeito notado no mundo da realização religiosa organizada. Confúcio ensinou-nos, há séculos, que os instrumentos da civilização eram de natureza altamente espiritual, por serem os resultados de ideias e Hu Shih, naquele interessante simpósio, Whither Mankind, diz-nos:

"...que a civilização que faz o mais profundo uso da engenhosidade e da inteligência humana na busca da verdade, a fim de controlar a natureza e transformar a matéria para o serviço da humanidade; para libertar o espírito humano da ignorância, da superstição e da escravidão às forças da natureza; para reformar as instituições sociais e políticas em benefício do maior número - uma tal civilização é altamente idealista e espiritual." (1)

(1). Beard, Charles A., *Whither Mankind,* p.41.

A nossa ideia quanto ao que constitui a espiritualidade engrandeceu-se com solidez. Pelo uso do desejo, dos sentidos e das reações da natureza emocional vimos muitos milhares de seres alcançarem o ponto em que foram incitados a transmutar o desejo em aspiração, o sentido em sensibilidade para as coisas do espírito e o amor do eu em amor de Deus. Assim emerge o místico.

Pelo emprego da mente no mundo dos negócios no trabalho profissional, na ciência e na arte, vimos produzirem-se duas coisas surpreendentes: a despeito dos interesses

egoístas e ideias materialistas, o grande negócio organizado chegou a uma condição em que se tornou consciente do grupo; pela primeira vez, o intercâmbio grupal e os interesses do maior número estão sendo seriamente considerados. Estes são resultados puramente espirituais; eles indicam uma percepção crescente da alma e são o tênue sinal da vinda da Fraternidade de almas. Em todos os domínios a ciência aplicada foi agora desenvolvida a tal ponto que entrou no domínio da energia e da metafísica pura. O estudo da matéria fez-nos desembarcar no reino do misticismo e do transcendentalismo. A Ciência e a Religião dão-se as mãos no mundo do invisível e do intangível.

Estes são os passos na boa direção. Quando as faculdades mentais forem-se desenvolvendo na raça, graças à nossa técnica ocidental no mundo dos negócios (uma vasta escola de concentração), uma transmutação análoga à que tem lugar no domínio da natureza do desejo deve-se produzir inevitavelmente. Houve frequentes exemplos disso. A mente pode ser então reorientada para valores mais reais e superiores e ser focada numa outra direção que não a da existência material. Assim emergirá o conhecedor.

Portanto, todo aquele que não for puramente emocional, que recebeu uma sólida educação e que quer trabalhar com perseverança, pode abordar com bastante coragem o estudo da meditação. Pode começar a organizar a sua vida de modo a dar os primeiros passos no caminho da iluminação e esta organização é um dos degraus mais difíceis. É bom recordar que todos os degraus iniciais são penosos porque temos de modificar os hábitos e os ritmos de muitos anos. Cumprido e dominado isto, o trabalho torna-se mais fácil. É muito mais duro aprender a ler que dominar um livro árduo.

A antiga ciência de Meditação, chamada a "estrada real para a União", poderia igualmente intitular-se a ciência de coordenação. Por meio do processo evolutivo, já aprendemos a coordenar a natureza emocional sensitiva de desejos e o corpo físico, ao ponto destes estados serem automáticos e muitas vezes irresistíveis; o corpo físico é agora um simples autômato, a criatura do desejo, elevado ou vil, bom ou mau, segundo o caso. São muitos os que agora coordenam a mente com aqueles dois; graças aos atuais e tão difundidos sistemas educacionais, estamos fundindo numa unidade coerente aquela totalidade que constitui um ser humano; as naturezas mental, emocional e física. Esta coordenação é rapidamente acelerada pela concentração e pelos aspectos iniciais do trabalho da meditação e, ulteriormente, é seguida pela unificação com a trindade do homem de um novo fator: o da alma. Esta tem estado sempre presente, tal como a mente está sempre presente nos humanos (que não sejam idiotas), mas mantém-se inativa até que chegue a hora e o trabalho necessário seja realizado. É inteiramente uma questão de consciência. No livro Theosophy or Psychological Religion o professor Max Müller diz-nos:

> *"Devemos recordar que o princípio fundamental da filosofia Vedanta não era 'Tu és Ele', mas 'Tu és Aquilo' e não era Tu serás, mas Tu és. Este 'Tu és' exprime qualquer coisa que é, que foi e sempre será, não qualquer coisa ainda a ser realizada ou, por exemplo, a ser seguida depois da morte... Pelo verdadeiro conhecimento, a alma individual não se torna Brahma, mas é Brahma, logo, o que ela é verdadeiramente e o que sempre foi." (2)*

(2). Müller, Max, *Theosophy or Phychological Religion,* p.284.

São Paulo realça a mesma verdade quando fala do "Cristo em mim, esperança de

glória". Pela mente exercitada e concentrada se conhece esta Realidade inerente e os Três em Um e o Um em Três são fatos comprovados na evolução natural da vida de Deus no homem.

Por conseguinte, torna-se evidente que a resposta à nossa primeira questão é a seguinte:

Primeiramente: aceitamos a hipótese da existência da alma e que esta alma pode ser conhecida do homem que sabe educar e controlar a sua mente.

Segundo: baseando-nos nesta hipótese, começamos a coordenar os três aspectos da natureza inferior e a unificar a mente, a emoção e o corpo físico num Todo inclusivo e organizado. Alcançamos isso pela prática da concentração.

Terceiro: à medida que a concentração se funde na meditação (que é o ato da concentração prolongada), a imposição da vontade da alma sobre a mente, começa a fazer-se sentir. Pouco a pouco, a alma, a mente e o cérebro são postos em estreita relação. Primeiro, a mente controla o cérebro e a natureza emocional. Depois a alma controla a mente. Como primeiro destes resultados, alcança-se a concentração; como segundo, a meditação.

Fora desta sequencia de atividades, o investigador interessado se dará conta de que há um verdadeiro trabalho a ser realizado e que a primeira das qualidades necessárias é a perseverança. Poder-se-á assinalar aqui que duas coisas facilitam o trabalho de coordenação; primeiro, o esforço para ganhar o controle da mente, através do esforço de viver uma vida concentrada. A vida de consagração e dedicação, bem característica do místico, dá lugar a uma vida de concentração e de meditação - característica do conhecedor. A organização da vida mental, sempre e em qualquer lugar, e, em segundo lugar, a prática regular da concentração cada dia, se possível à mesma hora, contribui para a atitude uni-direcionada, a estes dois elementos reunidos significam o sucesso. A primeira leva certo tempo, mas podemos logo atingi-la. A segunda exigência, de períodos de concentração fixa, também pode ser alcançada, mas o seu sucesso depende de duas coisas: da regularidade e da persistência. O sucesso da primeira depende largamente da persistência, mas também do uso da imaginação. Pela imaginação tomamos a atitude do Observador, do Perceptor. Imaginamo-nos como sendo Aquele que pensa (não que sente) e guiamos com firmeza os nossos pensamentos a todo o instante, segundo certas linhas escolhidas, sujeitando-nos a pensar o que escolhemos para pensar, e refutando a entrada dos pensamentos que determinamos excluir, não por um método de inibição, mas por meio de um interesse dinâmico em algo mais. Recusamos permitir às nossas mentes divagar pelo mundo à vontade, ou serem ativadas pelos nossos sentimentos ou emoções, ou pelas correntes de pensamento provenientes do mundo exterior. Obrigamo-nos a estar atentos a tudo o que fazemos, quer seja ler um livro, tratar dos nossos assuntos em casa ou no escritório, na vida social ou profissional, no falar com um amigo, ou qualquer que seja a atividade do momento. Se a ocupação for tal que possa ser conduzida instintivamente e não necessite do uso ativo do pensamento, poderemos escolher uma linha de atividade mental ou uma série de raciocínios e segui-los compreensivelmente, enquanto as nossas mãos ou olhos se ocupem com o trabalho em questão.

A verdadeira concentração decorre de uma vida governada pelo pensamento e, para o

aspirante, o primeiro passo consiste em começar a organizar a sua vida quotidiana, em regular as suas atividades e em tornar-se focalizado e uni-direcionado na sua maneira de viver. Isto é possível para todos os que se ocuparem o suficiente para fazer o esforço necessário e mantê-lo com perseverança. Este é o primeiro princípio básico e essencial. Quando podemos organizar e reorganizar a nossa vida, provamos o nosso ardor e a fortaleza do nosso desejo. Ver-se-á, portanto, que é impossível qualquer negligência no dever para o homem uni-direcionado. Os seus deveres para com a família, os amigos e os negócios ou o trabalho serão mais perfeita e eficientemente cumpridos e ele encontrará tempo para os deveres acrescidos que a sua aspiração espiritual lhe confere, porque começa a eliminar as coisas não essenciais da sua vida. Não se eximirá de qualquer obrigação porque a sua mente, estando focalizada, lhe permitirá efetuar muito mais em menos tempo do que até aqui e obter melhores resultados dos seus esforços. As pessoas dominadas pelas suas emoções perdem muito tempo e energia e fazem menos trabalho que uma pessoa polarizada mentalmente; é muito mais fácil a um indivíduo treinado pela técnica dos negócios, que tenha alcançado um lugar executivo, praticar a meditação, do que um trabalhador mecânico que não pense, ou uma mulher que leve uma existência puramente familiar ou mundana. Estes últimos têm que organizar a sua existência e eliminar tudo o que não é essencial. São eles que estão sempre muito ocupados para não fazer coisa alguma e para quem, encontrar vinte minutos, diariamente, para meditar, ou uma hora para estudar, apresenta dificuldades insuperáveis. Estão tão absorvidos pelas cortesias sociais ou pelos cuidados mecânicos da lida da casa, com uma multidão de atividades medíocres ou conversações sem finalidade, que não conseguem compreender que a prática da concentração os tornaria capazes de fazer tudo aquilo que têm feito até agora, e mais, e fazê-lo melhor. O executivo treinado, com uma vida ocupada e plena, parece encontrar mais facilmente o tempo suplementar requerido pela alma. Tem sempre tempo para mais uma coisa. Aprendeu a concentrar-se e muitas vezes a meditar; tudo que necessita fazer é mudar o foco de sua atenção.

A resposta à segunda questão, referente à necessidade de se retirar na solidão, a fim de evocar a alma, sugere uma ou duas observações interessantes. Do exame das condições, pode parecer que o aspirante moderno ocidental deva, ou renunciar à cultura da natureza da alma até o momento em que se possa conformar à antiga regra do retiro, ou então, lhe seja preciso formular um novo método e tomar uma nova posição. Poucos de nós estamos em condições de poder renunciar à família e às responsabilidades e desaparecer do mundo humano para meditar e buscar a iluminação sob a nossa particular árvore "Bo". Vivemos no meio duma multidão em tropel e numa situação caótica que deixa totalmente fora de hipótese a visão de um local calmo e pacífico. O problema será insolúvel? Não haverá um meio de superar a dificuldade? Devemos renunciar a toda esperança de alcançar a iluminação por não podermos (devido às circunstâncias, ao clima e a causas econômicas) retirar-nos do mundo dos homens para procurar o reino da alma?

A solução não está certamente na renúncia das possibilidades as quais os homens das raças antigas e de há séculos nos testemunharam. A solução reside na compreensão exata do nosso problema e no privilégio que nos é conferido de manifestar um mais novo aspecto da velha verdade. Pertencemos, no Ocidente, a uma raça mais jovem. No velho Oriente,

alguns pioneiros aventureiros procuraram a reclusão e determinaram para nós as oportunidades bem como nos salvaguardaram as regras. Retiveram para nos em segurança a técnica até que as grandes massas dos homens estivessem prontas para avançar em grupos, não mais um ou dois de cada vez. Este tempo chegou agora. Mau grado a tensão e a agitação da vida moderna, na selva das nossas grandes cidades, no clamor e na azáfama da existência quotidiana e dos contatos humanos, por toda parte os homens e mulheres podem e por certo descobrem o centro de paz em seu próprio íntimo e conseguem realmente penetrar naquele estado de concentração positiva e silenciosa que lhes permite alcançar o mesmo objetivo, obter o mesmo conhecimento e entrar na mesma Luz como outrora testemunharam grandes Seres da humanidade. O lugar retirado, para o qual um homem se retira, ele descobre estar dentro dele próprio; o lugar silencioso onde tomamos contato com a vida da alma é aquele ponto no interior da cabeça onde a alma e o corpo se encontram; trata-se daquela mesma região a que anteriormente nos referimos, onde a luz da alma e a vida do corpo se misturam e se fundem. O homem que pode treinar-se para ficar suficientemente uni-direcionado, pode a qualquer momento e em qualquer lugar, retirar o seu pensamento para um centro onde é no interior da cabeça conduzido o grande trabaho de unificação. Isto implica uma atenção mais dinâmica e uma meditação mais poderosa, mas a raça progrediu e cresceu em poder mental e em força no decurso dos últimos três mil anos e pode realizar o que era impossível aos videntes de outrora.

Aqui põe-se uma terceira questão: que acontece realmente ao aspirante, sob o ponto de vista psicológico e fisiológico, durante a meditação? A resposta é: muita coisa. Falando psicologicamente, a mente torna-se controlada e fica sob o domínio da alma; ao mesmo tempo, as faculdades mentais ordinárias não estão anuladas. Podem ser empregadas mais facilmente e a mente fica mais aguçada do que nunca. Há uma capacidade de pensar com clareza. O aspirante descobre que além de ser capaz de gravar as impressões do mundo fenomenal, ele é também capaz de registrar as do mundo espiritual. Ele é mental em duas direções e a sua mente torna-se um agente de coesão e de unificação. Por sua vez, a natureza emocional está controlada pela mente e pacificada e não perturbada e, portanto, não apresenta qualquer obstáculo ao afluxo de conhecimento espiritual ao cérebro. Quando estes dois efeitos se tenham produzido, mudanças ocorrem no mecanismo do pensamento e na consciência cerebral humana - assim nos dizem os conhecedores orientais e assim a evidência parece indicar. Os pensadores orientais adiantados, como já vimos neste livro, situam as faculdades mentais superiores e a sede da intuição no cérebro superior e as faculdades mentais inferiores assim como as reações emocionais mais elevadas, no cérebro inferior. Isto acompanha os ensinamentos orientais de que a alma (com o conhecimento superior) e a faculdade de percepção intuitiva) tem sua sede num centro de força situado na região da glândula pineal, enquanto que a personalidade tem a sua sede num centro de força situado na região do corpo pituitário.

A hipótese em que se apoia a mais nova escola, no domínio da educação (se as teorias apresentadas neste livro têm de fato uma base) podem ser expressas pelas seguintes proposições:

I - O centro de energia pelo qual a alma age se acha no cérebro superior. No decorrer da meditação, se é efetiva, a energia da alma inunda o cérebro e atua de forma definida

sobre o sistema nervoso. Mas, se a mente não está controlada e predomina a natureza emocional (como no caso de um místico puro), os efeitos fazem-se sentir em primeiro lugar no aparelho do sensorial, os estados de ser emocionais. Quando a mente é o fator dominante, então o aparelho do pensamento, no cérebro superior, entra em atividade organizada. O trabalho adquire uma nova faculdade de pensar clara, sintética e poderosamente, à medida que descobre novos reinos de conhecimento.

II - Temos, na região do corpo pituitário, a sede das faculdades inferiores quando coordenadas no tipo humano superior. É aí que estão coordenadas e sintetizadas e - como nos indicaram certas escolas reputadas de psicologia e endocrinologia - se encontram as emoções e os aspectos mentais mais concretos (nascidos dos hábitos da raça e dos instintos herdados e, por conseguinte, não necessitando do exercício da mente criativa ou superior). Este foi o tema do meu recente livro, A Alma e o seu Mecanismo, e não pode ser ampliado aqui.

III - Quando a personalidade - a soma total dos estados mental, emocional e físico - é de ordem elevada, então o corpo pituitário funciona com uma eficácia aumentada e a vibração do centro de energia situado na sua vizinhança torna-se extremamente potente. Devemos registrar que, segundo esta teoria, quando a personalidade é de um tipo inferior, quando as suas emoções são sobretudo instintivas e a mente praticamente não funciona, então o centro de energia encontra-se na região do plexo solar e a natureza do homem é sobretudo animal.

IV - O centro na região da glândula pineal e o cérebro superior entram em atividade através do aprendizado da focalização da consciência atenta na cabeça. Nos livros orientais isto é designado pelos interessantes termos de "retirada correta", "abstração correta". Isto significa o desenvolvimento da faculdade de subjugar as tendências que têm os cinco sentidos em se voltarem para o exterior. Assim, ensina-se ao aspirante a retirada correta ou abstração da consciência, que está voltada para o mundo fenomenal e deve aprender a centrar esta consciência no grande ponto central da cabeça; ponto este de onde a energia pode ser conscientemente distribuída enquanto ele participa no grande trabalho, ponto de onde pode entrar em contato com o reino da alma e no qual pode receber as mensagens e impressões dimanadas daquele reino. Este é um estágio de definida conquista espiritual e não uma maneira simbólica de exprimir um interesse uni-direcionado.

As diversas avenidas da percepção sensorial são conduzidas a uma condição de quietação. A consciência do homem real não mais se apresenta voltada para as suas cinco avenidas de contato. Os cinco sentidos estão dominados pelo sexto, a mente, e toda a consciência e a faculdade perceptiva do aspirante estão sintetizadas na cabeça e voltadas para o interior e para o alto. A natureza psíquica está desse modo subjugada e o plano mental torna-se o campo da atividade humana. Este processo de retirada ou de abstração comporta-se por etapas:

1 - A retirada da consciência física ou da percepção pela audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato. Estes modos de percepção tornam-se temporariamente adormecidos, a percepção torna-se simplesmente mental e a consciência cerebral é a única coisa ativa no plano físico.

2 - A retirada da consciência para a região da glândula pineal, de tal modo que o ponto

de conscientização do homem fique centralizado na região entre o meio da fronte e a glândula pineal. (3)

(3). Bailey, Alice *A., A Luz da Alma,* pp.229, 230.

V - Estando isto realizado e tendo o aspirante adquirido a capacidade de se concentrar na cabeça, o resultado deste processo de abstração é o seguinte:

Os cinco sentidos encontram-se firmemente sintetizados pelo sexto sentido, a mente. Este é o fator de coordenação. Mais tarde compreende-se que a alma tem uma função análoga. A personalidade tripla é assim levada a uma linha de comunicação direta com a alma e, por conseguinte, com o tempo, o homem perde a consciência das limitações da natureza corporal e o cérebro pode ser, por intermédio da mente, diretamente impressionado pela alma. A consciência cerebral é mantida numa condição de expectativa positiva, com todas as suas reações ao mundo fenomenal totalmente suspensas, se bem que de modo temporário.

VI - A personalidade altamente desenvolvida intelectualmente, em que o foco da atenção está na região do corpo pituitário, começa a vibrar em uníssono com o centro superior na vizinhança da glândula pineal. Então estabelece-se um campo magnético entre o aspecto positivo da alma e a personalidade expectante tornada receptiva pelo processo de focalização da atenção. Então, é-nos dito, irrompe a luz, e encontramo-nos em presença do homem iluminado, e do aparecimento da luz na cabeça. Tudo isto resulta de uma vida disciplinada e da concentração da consciência na cabeça. Isto, por seu turno, é realizado à custa do esforço de concentração na vida cotidiana e também através de exercícios de concentração definidos. Estes são seguidos pelo esforço de meditação e, mais tarde - muito mais tarde - faz-se sentir o poder da contemplação.

Esta é uma breve exposição, necessariamente sucinta e incompleta, do mecanismo do processo. Estas ideias, não obstante, deverão ser aceitas experimentalmente antes de poder haver uma inteligente aproximação ao trabalho da meditação. E também tão legítimo aceitar como base do trabalho de investigação e de conduta uma hipótese tal como a supracitada, como quaisquer outras. Isto é talvez mesmo mais legítimo, pois tantos milhares de seres têm procedido apoiados nestas suposições e preencheram as condições requeridas e como resultado as suas pressuposições mudaram-se em certezas e, como recompensa, colheram os frutos de uma abertura de mente da persistência e do poder de investigação.

Com a nossa hipótese formulada e temporariamente aceita, vamos prosseguir o trabalho até prova de erro ou até o momento em que a nossa atenção se disperse. Uma hipótese não é necessariamente falsa porque não se demonstre no tempo que julgamos conveniente. Frequentemente, pessoas renunciam ao propósito de prosseguir nas suas buscas neste campo do conhecimento por falta da necessária perseverança ou porque o seu interesse se deslocou para algures. Contudo, estamos resolvidos a seguir em frente em nossa investigação, dando às antigas técnicas e fórmulas, tempo para se demonstrarem. Vamos, portanto, cumprir as primeiras exigências e esforçarmo-nos por levar uma vida de atitude mental mais concentrada, praticando diariamente a meditação e a concentração. Se somos principiantes, ou se possuídos de uma mente desorganizada, fluida, versátil e instável, começaremos por praticar a concentração. Se temos intelectos treinados ou se

possuímos a atenção concentrada que a prática dos afazeres desenvolve, será suficiente reorientar a mente para um novo campo de consciência e começar verdadeiramente a meditar. É fácil ensinar a meditação ao executivo de negócios interessado.

Em seguida, será empreendido o trabalho regular de meditação e será reservado um período, em cada dia, para esta particular atividade. No princípio, quinze minutos chegam e não se deve tentar mais durante um ano pelo menos. Se, no decurso de mil quatrocentos e quarenta minutos que compõem um dia, alguém clamar que é incapaz de encontrar quinze minutos, não se pode dizer com certeza que não está interessado? Podem encontrar-se sempre quinze minutos se se quiser fazer tal esforço; é sempre possível cada manhã levantarmo-nos quinze minutos mais cedo, ou adir aquela tagarelice matinal com a família, ou retirar o tempo necessário de uma leitura, ou do cinema ou de qualquer mexerico mais tarde no mesmo dia. Sejamos sinceros conosco mesmos e reconheçamos as coisas como elas são. O pretexto "não tenho tempo", é absolutamente fútil; indica simplesmente falta de interesse. Consideremos, agora, as regras que vamos aplicar.

Primeiramente, tratemos de obter o tempo para o trabalho da meditação cada manhã cedo. Há uma razão para isso: quando participamos dos acontecimentos do dia no toma lá dá cá da vida, a mente fica num estado de vibração violenta; não é este o caso, quando começamos o nosso dia pela meditação. Então há ainda uma relativa tranquilidade e podemos adaptar-nos mais rapidamente aos estados de consciência superiores. Além disso, começando o dia com a concentração da atenção sobre coisas espirituais e sobre as questões da alma, viveremos o dia de uma maneira diferente. Quando isto se torna um hábito, descobriremos em breve que mudam as nossas reações aos problemas da vida e que começamos a pensar segundo os pensamentos da nossa alma. Isto se torna o processo da atuação de uma lei, segundo a qual "conforme um homem pensa, assim ele *é".*

Em seguida, faremos por encontrar um lugar realmente tranquilo, ao abrigo de qualquer intrusão. Por tranquilo não quero dizer livre do ruído, porque o mundo está cheio de sons e, à medida que desenvolvermos a nossa sensibilidade, estaremos aptos a encontrá-lo mais cheio do que pensávamos, mas livre da aproximação de pessoas ou do chamado de outrem. Gostaria de sublinhar aqui uma atitude que o principiante deveria assumir. É a atitude de guardar silêncio. Os aspirantes falam demasiado da oposição que encontram na sua família e entre os seus amigos; o marido faz objeções por a esposa meditar ou vice-versa; os filhos são estouvados e descuidados ao interromperem as devoções dos pais; os amigos não mostram simpatia por estas tentativas. As pessoas falam demasiado. Na maioria dos casos, a falta é do próprio aspirante e as mulheres, neste sentido, são as mais pecadoras. O que fazemos cada manhã nos nossos quinze minutos não diz respeito a pessoa alguma, não há necessidade de falar nisso às nossas donas de casa, ou de lhes impor o silêncio porque queiramos meditar. Isto suscitará inevitavelmente reações hostis. Guardemos segredo quanto à maneira como procuramos desenvolver a nossa consciência espiritual; isso só diz respeito a nós mesmos. Fiquemos calados quanto ao que fazemos; coloquemos os nossos livros e papéis fora do alcance das outras pessoas e não entulhemos a sala de estar da família com toda uma literatura que não lhes desperta o menor interesse. Se nos é impossível encontrar tempo para a meditação antes da família se dispersar para os afazeres do dia ou antes de nos entregarmos às nossas próprias

ocupações, procuremos esse tempo mais tarde durante o dia. Há sempre uma maneira de contornar uma dificuldade, se quisermos uma coisa muito firmemente, e um meio que não implique a omissão de qualquer dever ou de alguma obrigação. Isto envolve apenas organização e silêncio.

Tendo encontrado o tempo e o lugar, sentemo-nos confortavelmente e comecemos a meditar. Surgem então as perguntas: como nos devemos sentar? Será melhor com as pernas cruzadas, ou devemor ajoelhar-nos, ou sentarmo-nos ou ficarmos de pé? A posição mais fácil e normal é sempre a melhor. A posição mantendo as pernas cruzadas foi, e ainda é, muito empregada no Oriente; muitos livros foram escritos respeitando as posturas, que são em número aproximado de oitenta. Mas porque isso foi muito praticado no passado, e no Oriente, não é uma razão para que seja o melhor para nós, agora, no Ocidente. Estas posturas são os restos duma época em que a raça estava sendo treinada psicológica e emocionalmente e muitas assemelhavam-se à disciplina imposta às crianças quando as colocamos num canto e lhes ordenamos que fiquem quietas. Algumas destas posturas também têm relação com o sistema nervoso e com a estrutura interna dos nervos mais delicados, que os hindus chamam de nadis e que estão subjacentes ao sistema nervoso tal como é reconhecido no Ocidente.

O problema com estas posturas é que conduzem a duas reações bastante indesejáveis: conduzem o homem a concentrar a mente na mecânica do processo e não sobre o seu objetivo e, em segundo lugar, conduzem frequentemente a um sentido delicioso de superioridade que repousa no fato de tentarmos empreender fazer algo que a maioria não faz e que nos coloca à parte, na qualidade de conhecedores poderosos. Ficamos absorvidos pelo lado forma da meditação e não como o Criador da forma; ocupamo-nos do Não-Eu em vez do Eu. Escolhamos aquela posição que nos permita esquecer mais facilmente que temos um corpo físico. Para o Ocidental é provavelmente a posição sentada; as exigências principais são o estar ereto, com a coluna dorsal formando uma linha reta; o sentar-se relaxado (sem nos afundarmos) para evitar tensão em qualquer parte do corpo; manter o queixo ligeiramente caído, para diminuir qualquer tensão da parte posterior do pescoço. Muitas pessoas sentam-se, para meditar, olhando para o teto com os olhos bem fechados, como se a alma estivesse nalgum lugar acima delas; olham como quem engoliu um fantasma e cerram bem os dentes (talvez para evitar que se escape alguma palavra inspirada, sem dúvida carda da alma). Todo o corpo está suspenso, em tensão e firmemente paralisado. Depois ficam surpreendidas quando nada ocorre, exceto a fadiga e as dores de cabeça. A retirada da consciência dos canais dos sentidos não implica o afluxo do sangue para a cabeça, nem a aceleração descontrolada das reações nervosas. A meditação é um ato interior que só pode ser realizado com sucesso se o corpo estiver relaxado, em correto equilíbrio e, portanto, esquecido.

As mãos devem estar enlaçadas sobre o colo e os pés cruzados. Se o cientista ocidental tem razão quando diz que o corpo humano é realmente uma bateria elétrica, sem dúvida o seu irmão oriental tem igualmente razão ao declarar-nos que durante a meditação a energia positiva e a energia negativa se aproximam e que, por este meio, produzimos a luz na cabeça. E, portanto, correto fechar o circuito.

Tendo realizado as condições de conforto físico e de relaxamento e estando abstraídos

da consciência do corpo, em seguida prestaremos atenção à nossa respiração e vigiaremos para que esteja calma, regular e rítmica. Gostaria de fazer aqui uma advertência no que respeita à prática de exercícios respiratórios, exceto por aqueles que durante anos se entregaram a uma meditação correta e purificaram a sua natureza corporal. Estes exercícios são muito perigosos quando faltam a experiência e a pureza. E impossível realçar isto suficientemente. Nos dias de hoje muitas escolas dão instruções relacionadas com a respiração e apresentam-na como um meio de desenvolvimento espiritual. Ela nada tem a ver com o desenvolvimento espiritual. Tem, isso sim, muito a ver com o desenvolvimento psíquico, e sua prática pode conduzir a grandes dificuldades e perigos. Por exemplo, é possível tornar-se clariaudiente ou clarividente pela prática de certos exercícios respiratórios, mas quando não houver compreensão verdadeira do processo ou correto controle pela mente da versátil "natureza psíquica", o praticante consegue apenas forçar a entrada em novos campos de fenômenos. Desenvolveu faculdades que é totalmente incapaz de controlar e, muitas vezes, é-lhe impossível pôr fim aos sons e às visões que aprendeu a registrar; é assim incapaz de escapar aos contatos, quer do mundo físico, quer do psíquico, é arrastado para as duas direções e não encontra a paz. Os sons e visões físicos constituem a sua herança normal, impressionando naturalmente os seus sentidos, mas, quando o mundo psíquico - com os seus sons e visões próprios - também o impacta, fica sem defesa; não pode fechar os olhos e subtrair-se ao envolvimento psíquico indesejável.

Um Doutor em Teologia e pastor de uma grande igreja escreveu-me, não há muito tempo, dizendo que tinha empreendido exercícios respiratórios, ensinados por um professor que chegara à sua cidade, com vistas a melhorar a saúde. O resultado da sua ignorância bem intencionada foi a abertura da audição interior num sentido psíquico. Dizia-me na sua carta: "Enquanto vos escrevo à máquina posso ouvir toda espécie de vozes, palavras e sons que não são físicos. Não posso detê-los e temo pela minha razão. Não podereis dizer-me o que fazer, para os afastar? "Durante estes dez últimos anos, centenas de pessoas vieram pedir-me para as ajudar, devido aos efeitos da sua obediência cega aos conselhos de certos professores de exercícios respiratórios. Estas pessoas estão completamente desesperadas e muitas vezes num sério estado psíquico. Algumas podem ser auxiliadas, mas somos impotentes para um pequeno número delas, as quais acabam em asilos para dementes ou em sanatórios para desequilibrados. A grande experiência nestes casos me incita a fazer estas advertências porque, na maioria dos casos, as perturbações psíquicas incontroláveis são devidas a exercícios respiratórios.

Nos ensinamentos antigos do Oriente, o controle respiratório só era permitido depois que os primeiros três "meios de união", como eram chamados, houvessem sido realizados até certo ponto na vida corrente. Estes "meios" são: primeiro, os cinco mandamentos: inofensividade, veracidade para com todos os seres, abstenção do roubo, da incontinência e da avareza. Em segundo lugar, as cinco regras: purificação interna e externa, contentamento, aspiração ardente, leitura espiritual e devoção. Em terceiro lugar, verdadeiro equilíbrio. Quando um indivíduo é inofensivo em pensamento, palavra e ação, quando é altruísta e conhece o significado do equilíbrio - tanto da atitude emocional como da física - então pode, na verdade, praticar exercícios respiratórios, sob adequada instrução e com segurança. Mesmo neste caso, ele apenas conseguirá ser bem sucedido na unificação

das energias vitais do corpo e em tornar-se um psíquico consciente, embora isto possa ter o seu lugar e o seu propósito se se qualificar como experimentador de pesquisa.

Por não se conformarem com as exigências preliminares, muitos investigadores de mérito se veem em dificuldades. É perigoso, para uma pessoa emotiva e fraca, empreender exercícios respiratórios a fim de acelerar o desenvolvimento e qualquer professor que procure ensinar tais exercícios a um grupo numeroso - e é frequentemente o caso - suscitará sérias dificuldades para si e seus seguidores. Era unicamente aqui ou ali que um mestre, outrora, escolhia um homem para esta forma de instrução; a ela se juntava um ensinamento que já tinha produzido, em certa medida, um contato com a alma, de modo a que esta pudesse guiar as energias evocadas pela respiração, para o progresso destes objetivos e para o serviço mundial.

Por conseguinte, cuidaremos simplesmente para que a nossa respiração seja calma e regular e desviaremos, então, o nosso pensamento, de todo o conjunto do corpo e começaremos o trabalho de concentração.

O passo seguinte na prática da meditação é o uso da imaginação; visualizamos para nós próprios o homem triplo inferior alinhado ou em comunicação direta com a alma. Isto pode ser feito de várias maneiras. Chamamos a isso o trabalho na visualização. Parece que a visualização, a imaginação e a vontade são três poderosos fatores em todos os processos criativos. São eles as causas subjetivas para grande número dos nossos efeitos objetivos. No começo, a visualização é principalmente uma questão de fé experimental. Sabemos que pelo processo de raciocínio podemos chegar a uma tal compreensão que, dentro e para além de todos os objetos manifestados, se encontra um Objeto ou Modelo Ideal, que procura manifestar-se no plano físico. A prática da visualização, o uso da imaginação e o exercício da vontade, são atividades com as quais se conta para acelerar a manifestação deste Ideal.

Quando visualizamos, empregamos a concepção mais alta que esse Ideal possa ter, revestido duma substância determinada, em geral mental, na falta de podermos conceber formas ou tipos de substância superiores com os quais revestir as nossas imagens. Quando construímos uma representação mental, a substância mental da nossa mente gera uma certa gama de vibrações que atraem para elas uma qualidade de substância mental, onde a mente se encontra inversa. É pela vontade que esta imagem persiste com firmeza e lhe dá vida. O processo continua, quer sejamos ou não capazes de o ver com o nosso olho mental. Pouco importa, se conseguimos vê-lo ou não, pois o trabalho criativo realiza-se do mesmo modo. Tempo virá, talvez, em que possamos seguir o processo inteiro e executá-lo conscientemente.

Nesta empresa, no estágio de principiante, algumas pessoas podem apresentar os três corpos (os três aspectos da natureza forma) como que ligados a um corpo de luz radiante, ou visualizar três centros de energia vibratória, estimulados por um outro centro mais elevado e poderoso; podem também conceber a alma como um triângulo de força ao qual se prende o triângulo da natureza inferior - ligados pelo "cordão prateado" mencionado na Bíblia Cristã, o "sutratma" ou fio da alma das Escrituras Orientais, ou a "linha de vida" de outras escolas de pensamento. Outros ainda preferem conservar o pensamento de uma personalidade unificada, ligada à Divindade residente dentro dela, e ocultando-se nela, o

Cristo em nós, a esperança de glória. Seja qual for a imagem escolhida isso é relativamente secundário, desde que partamos da ideia básica do Eu à procura do contato e uso do Não-Eu, o seu instrumento nos mundos de expressão humana, e vice-versa, com o pensamento desse Não-eu sendo incitado a voltar-se para a sua fonte de existência. É assim que, pelo emprego da imaginação e da visualização, o corpo de desejos, a natureza emocional, é alinhado com a alma. Quando isto se realiza, podemos continuar com o nosso trabalho de meditação. O corpo físico e a natureza do desejo, por seu turno, descem abaixo do nível de consciência, ficamos centrados na mente e procuramos submetê-la à nossa vontade.

É precisamente aqui que nos confrontamos com o nosso problema. A mente recusa moldar-se aos pensamentos que escolhemos para pensar e vagabundeia pelo mundo, na sua habitual busca de substância. Pensamos no que hoje vamos fazer e não no nosso "pensamento-semente", recordamo-nos de alguém que temos de conseguir ver, ou de qualquer linha de ação que nos chama a atenção; começamos a pensar num ser a quem amamos e voltamos a mergulhar de imediato no mundo das emoções, sendo necessário recomeçar todo o trabalho. Assim, tornamos a reunir os nossos pensamentos e recomeçamos de novo com muito êxito durante meio minuto mas, depois, lembramo-nos de um encontro combinado ou de outro negócio que alguém está fazendo para nós e eis-nos de volta ao mundo das reações mentais esquecendo a nossa linha de pensamento escolhida. Mais uma vez reagrupamos nossas ideias dispersas e recomeçamos a faina de subjugar a nossa caprichosa mente.

Will Livington Comfort, na sua centésima terceira Carta resume-nos isto da seguinte maneira:

> *"A nossa fragmentada atenção - nós não fazemos ideia o quão fragmentada até começarmos a concentrar-nos, até desta prática começar a surgir uma nova integridade e estabilidade, no meio da efervescente ineficácia da vida pessoal. Nas nossas precedentes tentativas de meditação, transpusemos os ensinamentos vulgarizados referentes à escolha do tema ou à necessidade de nos concentrarmos fiel e estreitamente sobre ele; passamos por tudo isso, apaixonamo-nos pelo êxtase, pela iniciação, pelos meios que nos permitiriam brilhar e dominar os nossos semelhantes. Deixamo-nos pastar nas campinas pantanosas da emoção, que confundimos com os claros campos do espírito; permitimo-nos crer que pensávamos... até que, na adversidade por carência ou por abatimento da nossa importância, nos foram reveladas as empolgantes incertezas e instabilidades do nosso campo de trabalho. Enfim, convencidos, tornamo-nos muito zelosos no recomeçar do fundo tudo de novo, uma vez mais, e a palavra Estabilidade aparece." (4)*

(4). Cornfort, Will Levington, *Letters.*

Diz-nos mais, nesta mesma carta, que:

> *"As nossas concentrações são ansiosas ao princípio devido ao próprio esforço que aplicamos nelas. Esta rigidez afasta de nós, por um tempo, os resultados procurados mas, com um pouco de prática, tornamo-nos finalmente hábeis em manter uma unidirecionalidade mental, com uma certa espécie de contentamento fácil que pode com segurança ser fortalecida." (5)*

(5). Ibid, *Letters.*

Como é possível esta condição de fortalecimento? Seguindo uma forma ou plano de meditação, que fixa automaticamente a nossa mente dentro do círculo-não-se-passa e lhe diz : "Até aí podes ir e mais não". Traçamos deliberadamente e com intenção inteligente os limites da nossa atividade mental, de tal maneira que somos forçados a reconhecer o momento em que vagueamos para além desses limites. Sabemos então que devemos retirar-nos outra vez para dentro do muro de abrigo que elevamos para a nossa proteção. Em geral, o emprego deste plano de meditação é necessário durante vários anos, a menos que tenhamos tido um treino anterior; e até mesmo aqueles que já atingiram a etapa de contemplação, põem-se frequentemente à prova, servindo-se de uma forma de modo a assegurar que não estão caindo de volta num estado passivo, emocional e negativo.

Eu usei formas tais como a seguinte, ao trabalhar com aproximadamente três mil estudantes da técnica da meditação durante os últimos sete anos, e ela se mostrou tão útil em tantos casos que eu a incluo aqui.

FORMA DE MEDITAÇAO
Para o desenvolvimento da concentração

Estágios:

1 - Obtenção de conforto e controle físicos.

2 - Estabelecimento de uma respiração regular e rítmica.

3 - Visualização do eu inferior triplo (físico, astral e mental) Como estando

a) em contato com a alma;

b) como um canal para a energia da alma, que vai direto ao cérebro por intermédio da mente. A partir daqui pode ser controlado o mecanismo físico.

4 - Estabelecimento de um ato definido de concentração, apelando para a vontade. Isto envolve um esforço para conservar a mente imóvel sobre certos tipos de palavras, de maneira que Seu significado fique claro em nossa consciência, e não as palavras em si, ou o fato de que estamos tentando meditar.

5 - Dizer, em seguida, com a atenção firme:

"Mais radioso que o sol, mais puro que a neve, mais sutil que o éter, é o Eu, o Espírito que dentro de mim está. Eu sou o Eu. Esse Eu, Eu sou."

6 - Concentrar-se depois nas palavras: "Oh Deus, Tu me vês." A mente não deve vacilar ao concentrar-se no seu significado, intenção e implicação.

7 - Então, com determinação, concluir o trabalho de concentração e dizer - outra vez com a mente focada nas ideias subjacentes - a seguinte afirmação conclusiva:

"Existe uma paz que ultrapassa toda a compreensão; ela habita nos corações daqueles que vivem no Eterno. Existe um poder que renova todas as coisas; ele vive e move-se naqueles que conhecem o Eu como uno."

Esta é, em definitivo, uma meditação de principiantes. Comporta vários pontos focais, onde são empregados um processo de rememoração e um método de re-focalização.

Existem muitos outros esquemas de meditação que podem Conduzir aos mesmos resultados e outros mais para praticantes mais avançados. Há planos de meditação que são traçados para produzir certos resultados específicos em certos indivíduos, mas é evidente que não podem ser incluídos num livro como este. Só uma forma de meditação geral e sem perigo pode ser comunicada. Em todos os casos, entretanto, a primeira coisa a reter é que a mente deve estar ativamente ocupada com ideias e não com o esforço para ficar concentrada. Por detrás de cada palavra pronunciada e de cada fase seguida deve haver a vontade de compreender, acompanhada de uma atividade mental uni-direcionada.

No sexto estágio, onde é realizado um esforço para meditar definidamente sobre um conjunto de palavras que velam uma verdade, nada de automático deve haver no processo. É muito fácil induzirmo-nos a um estado hipnótico pela repetição rítmica de certas palavras. Conta-se que Tennyson se induzia a um estado de consciência elevada pela repetição do seu próprio nome. Não é este o nosso objetivo. O transe, ou condição automática, é perigoso. A maneira segura é a de uma atividade mental intensa, confinada nos limites das ideias, aberta por qualquer particular "pensamento-semente" ou objeto de meditação. Esta atividade exclui todos os pensamentos estranhos, à exceção dos nascidos das palavras consideradas. As palavras usadas nesta forma particular podem ilustrar isso e o processo descreve a sucessão de pensamentos como segue:

Oh Deus, tu me vês.
Este Deus é o divino em mim, o Cristo imanente, a Alma.
Durante longas eras, esta alma percebeu-me e observou-me
Agora, pela vez primeira, estou em situação de ver Deus.
Até agora, tenho sido negativo em relação a esta Realidade Divina.
A relação positiva está-se tornando possível.
Mas isso parece envolver a ideia de dualidade.
Contudo, Eu e Deus somos um.
Eu sou Deus e tenho-o sido sempre.
Portanto, tenho sido visto pelo meu Eu.
Eu sou aquele Eu, Aquele Eu, Eu sou.

Isto é facilmente escrito mas, se se tiver de concentrar ativamente a mente no seu sentido e significado, muito esforço terá de ser feito e muito pensamento concentrado desenvolvido e muita dificuldade enfrentada para eliminar todos os pensamentos que não se reportem ao assunto da meditação. Pude, algumas vezes, ajudar o principiante desencorajado pela sua inaptidão em pensar quando e como queria, dando-lhe o conselho seguinte: "Imaginai que tende de proferir uma conferência sobre as palavras da vossa meditação. Visualizai-vos a formular as notas segundo as quais ireis falar mais tarde, Conduzi a vossa mente de etapa em etapa e descobrireis que se passaram cinco minutos sem que a vossa atenção tenha vagueado, tal foi o vosso interesse."

Devem ser escolhidos versos de efeito positivo. Devem ser evitados os que suscitem um estado mental expectante e negativo. Uma certa dose de experiência e realização é necessária antes que palavras tais como (tantas vezes escolhidas por principiantes bem intencionados) "ficai em silêncio e sabei que Eu sou Deus". Se uma personalidade não treinada apelar para uma tão grande tranquilidade e evocar demasiada energia, isso leva ao

estímulo da natureza psíquica. O Sr. Comfort sublinha isto magnificamente na carta já citada:

"Creio que se uma meditação tal como "ficai em silêncio e sabei que Eu sou Deus", for praticada com muito ardor isso pode ter efeitos desastrosos. Mais de uma personalidade imatura abriu em seu íntimo a receptividade a uma força que agiu sobre os fatores negativos ao seu desenvolvimento, despertando paixões secretas e ambições que não estava em condições de enfrentar. A meditação: "Eu sou Deus" pode por isso ser considerada como muito direta e eficaz até que o trabalhador saiba exatamente o que quer fazer. Não se pode brincar com o Ego e continuar muito tempo a representação diante dos homens. O fim disso é a doença, a fadiga desesperada e a perda do caminho, enquanto gritamos aos outros. Não se trata de adquirir qualquer coisa para revelar aos homens. É uma questão de compreender do que somos feitos, enquanto personalidades; de discernir a Chave de uma força nova e de se lançar, com uma ardente integridade, toda a natureza humana no jogo de alcançar e girar esta Chave. Compreendo que este parágrafo referente à meditação "Eu sou Deus" contém tanto um logro como uma advertência. É bem verdade que virá para todos o tempo em que cada um operará da posição do Ego, em vez da personalidade; mas uma fina integridade da personalidade deve ser estabelecida, antes de podermos conduzir o poder." (6)

(6). Comfort, Will Levington, *Letters.*

O método sequencial sugerido acima é um caminho seguro para o neófito. Existem outros que se oferecerão à mente do aluno inteligente. Mundos inteiros de pensamento abrem-se, os quais a mente pode percorrer à vontade (notai estas palavras) contanto que tenham uma relação com o pensamento-semente e estejam em relação direta com a ideia escolhida, sobre a qual procuramos concentrar-nos. É evidente que cada pessoa seguirá a tendência da sua própria mente - artística, científica ou filosófica - que constituirá para ela a linha de menor resistência. Cada um formulará os seus próprios conceitos à sua própria maneira. Mas, a atitude "ficai em silêncio" não é uma atitude para nós. Inibimos outras atividades mentais por um interesse profundo, não por um atordoamento mental de nós próprios no silêncio, ou pela adoção de um método que induz ao transe ou à total supressão do pensamento. Nós estamos decididamente pensando. Todo aquele que tenha ensinado a meditação sabe quanto é difícil induzir o místico a deixar a sua atitude passiva (que resulta de um esforço para tornar a natureza emocional uni-direcionada) e forçá-lo a começar a empregar a mente. Quantas vezes ouvimos esta queixa: "Não gosto desta técnica; é muito intelectual e mental e nem um pouco espiritual." Na realidade, eles querem dizer mais ou menos isso: 'Sou demasiado preguiçoso para me servir da minha mente; sofro de inércia mental; prefiro mais as rapsódias emocionais e a imposição de um estado de paz à minha natureza emocional. Sinto-me melhor então. Esse outro método implica trabalho muito difícil'. Por que é a espiritualidade confundida com as emoções? E por que o conhecimento não será tão divino como o sentimento? Naturalmente, este caminho envolve um trabalho árduo, sobretudo no começo. Mas ele pode ser feito, se a preguiça inicial puder ser vencida e aqueles que tiveram êxito conhecem o seu supremo valor.

Concluindo esta tentativa para indicar o trabalho inicial que o aspirante a este

caminho deve empreender, é bom notar que a chave do sucesso reside na prática constante e ininterrupta.

Muitas vezes, em nosso trabalho com estudantes do mundo inteiro, verificamos as mentes brilhantes vindo em segundo lugar, porque a perseverança nos seus esforços falta, e assim a mente mais comum de repente penetra no reino do conhecimento apurado e deixa para traz seu irmão mais brilhante, por ela ser capaz de persistir e prosseguir. Os esforços esporádicos não conduzem o aspirante a parte alguma; com efeito, são definitivamente prejudiciais, visto que engendram um sentimento de fracasso constante. Algum trabalho consistente e fiel, feito cada dia, durante um longo período, conduzirá a resultados infinitamente maiores que os esforços entusiastas mas espasmódicos. Alguns minutos de concentração e de meditação feitos com regularidade levarão o aspirante muito mais longe do que várias horas de trabalho realizados três ou quatro vezes por mês. Foi dito, com toda a verdade, que *"a* meditação, para ser efetiva na produção de resultados, não deve ser simplesmente um esforço esporádico, empreendido quando nos sentimos dispostos, mas sim uma pressão ininterrupta e firme da nossa vontade."

Recordemos também que a última pessoa a julgar os resultados do seu trabalho é o próprio aluno. O objetivo que fixou para si próprio é tão maravilhoso que ele tem muito mais tendência a perder coragem do que a mostrar-se satisfeito. A única coisa prudente que tem a fazer é, de uma vez para sempre, tirar da mente todo pensamento de resultados finais e seus efeitos fenomenais, e simplesmente seguir as regras antigas. Isto deve ser feito sem darmos constantes puxões nas próprias raízes para ver como estão a crescer. Os que nos rodeiam saberão segura e verdadeiramente dos nossos progressos, pelo aumento de nossa competência, do nosso autodomínio da nossa estabilidade e da nossa capacidade de servir. Julgamos ser prudente avaliar o desenvolvimento de um aluno de meditação pela extensão do seu campo de serviço e por aquilo que os seus amigos dizem dele, do que pelos seus próprios relatórios. A nossa tarefa é caminhar firmemente para diante, realizando a tarefa solicitada "sem apego", como a denomina o aspirante hindu.

Para obter sucesso, é preciso um desejo sincero e persistente, uma visão precisa do valor dos resultados, uma compreensão de que o objetivo pode ser alcançado e um conhecimento exato da técnica do método. Isto, juntamente com uma pressão incessante da vontade, é tudo de que se necessita, e isto é possível para cada leitor deste livro.

CAPÍTULO X

A NECESSIDADE DO CUIDADO NA MEDITAÇÃO

"Uma vida limpa, uma mente aberta, um coração puro, um intelecto vivo, uma percepção espiritual sem véu, um sentimento de fraternidade para com seu condiscípulo, uma prontidão para dar e receber conselhos e instrução, ... uma obediência voluntária nos ditames da verdade, ... um suportar corajoso das injustiças pessoais, uma declaração intrépida de princípios, uma defesa valente dos que são injustamente atacados, e um olhar constante para o ideal do progresso e da perfeição humana que a ciência secreta nos descreve; eis a escada dourada por cujos degraus o aprendiz pode subir até o Templo da Sabedoria Divina."

H. P. BLAVATSKY

O trabalho de meditação esquematizado no capítulo anterior constitui um bom exercício de concentração para o principiante e conduzi-lo-á finalmente - se ele possuir persistência - à prática genuína da meditação.

Uma concentração que dure um minuto é difícil de realizar, mas é um verdadeiro passo no caminho para a meditação, que é o ato de concentração prolongada. O esquema ajudará a produzir a condição de uma atenção ativa. Encontram-se muitos esquemas como este, e podem ser relacionados pelos que conhecem as regras e são bons psicólogos, de acordo com as necessidades de diferentes tipos de pessoas. Encontrar-se-ão, ao final do livro, alguns esquemas, mas é óbvio que num livro deste gênero não há lugar para a descrição das práticas mais avançadas e para o trabalho mais intenso. Só quando os estágios precedentes tiverem sido dominados é que se pode avançar com prudência.

Deve-se notar que qualquer processo de pensamento, seguido com uma atenção indesviável, que conduza "para o interior" da forma externa, para a energia ou aspecto vida dessa forma, e que permita ao pensador identificar-se com ela, servirá a um propósito similar a um esquema técnico. Qualquer substantivo, por exemplo, quando compreendido corretamente como o nome de uma coisa e, portanto de uma forma, servirá como pensamento-semente na meditação. A forma será estudada quanto à sua qualidade e propósito e todas elas poderão ser remontadas a uma ideia, e todas as verdadeiras ideias emanam do reino da alma. Se for portanto assumida a atitude correta e os processos esquematizados no capítulo V forem seguidos, o pensador encontrar-se-á transportado do mundo fenomenal para o mundo das Realidades Divinas. A medida que se ganha prática na concentração, a consideração da forma exterior, da sua qualidade e aspecto pode ser omitida e o ato da concentração, tendo-se tornado, através da persistência e da prática, automático e instantâneo, o estudante pode começar com o aspecto propósito ou ideia

subjacente que trouxe à existência a forma exterior. Este conceito foi-nos expresso por Plutarco nas seguintes palavras:

"Uma ideia é um Ser incorpóreo, que não tem subsistência em si mesmo, mas que dá figura e forma à matéria informe e torna-se a causa da manifestação.'; (De Placit Philos.)

São palavras significativas e contêm muita informação sobre esta antiga técnica de meditação, para o estudante.

O objetivo da meditação, do ângulo da mente, poderia considerar-se como sendo, portanto, atingir o mundo das ideias; do ângulo da alma, é a identificação da alma individual com o mundo originador de todas as ideias. Através do controle mental tornamo-nos conscientes das ideias que estão por detrás da evolução mundial e da manifestação (através da matéria) da forma que elas tomam. Através da meditação, contatamos uma parte do Plano; vemos os modelos do Grande Arquiteto do Universo e é-nos dada oportunidade de participar da sua emergência à existência objetiva através do nosso contato com as ideias que conseguimos contatar na meditação e de uma interpretação correta das mesmas.

E assim notória a necessidade do aspirante possuir uma mente bem treinada e provida, para poder interpretar com exatidão o que vê; é evidente que deve estar apto a formular com clareza os pensamentos com os quais procura vestir as ideias nebulosas, e por sua vez, através deste pensar claro, impressionar o cérebro expectante. Pode ser que seja verdade que "Deus", muitas vezes, desenvolve os Seus planos através da ação dos seres humanos, mas precisa de agentes inteligentes; precisa de homens e mulheres que não sejam mais estúpidos que os escolhidos para participar em seus próprios empreendimentos, pelos líderes da raça. Não é completamente suficiente amar somente a Deus. É um passo na direção certa, mas a devoção, não equilibrada pelo bom senso e argúcia, provoca muitas ações estúpidas, bem como esforços desnecessários. Deus procura os que têm mentes treinadas e altamente desenvolvidas, bem como cérebros finos (para agirem como registradores sensíveis de impressões superiores), a fim de que o trabalho possa ser levado adiante corretamente. Talvez possa ser dito que os santos e os místicos revelaram-nos a natureza da Vida Divina e a qualidade das ideias que governam as Suas atividades no mundo dos fenômenos, e que os conhecedores e intelectuais da humanidade devem, por sua vez, revelar ao mundo o Plano sintético e o Propósito Divino. Assim encontraremos o fio de ouro que nos tirará, do labirinto da nossa condição caótica mundial, para a luz da verdade e da compreensão.

Deve-se lembrar que vivemos num mundo de energias e de forças. Conhece-se bem a força da opinião pública habitualmente emocional e frequentemente posta em ação por certas ideias básicas, formuladas por pensadores, bons, maus e indiferentes, e que é uma forma de energia, produtora de grandes resultados. O efeito devastador da emoção incontrolada, outra demonstração de força, por exemplo, é também conhecido. A expressão constantemente usada "as forças da natureza" mostra-nos que desde que o homem começou a pensar realmente, conheceu que tudo é energia. Os cientistas dizem-nos que todas as coisas são manifestações de energia. Não há senão energia derramando-se através de nós e nela estamos imersos. Todas as formas são constituídas por átomos e estes são unidades de energia. Portanto, o homem é, ele próprio, energia, formado de

unidades energéticas e vivendo num mundo constituído semelhantemente, e trabalhando com energias permanentemente.

A lei fundamental que governa todo o trabalho de meditação é a antiga, formulada pelos videntes da Índia séculos atrás, que "a energia segue o pensamento". Do nível das ideias (ou do conhecimento da alma) a energia derrama-se. A "opinião pública" do reino da alma penetra pouco a pouco nas mentes densas dos homens, e todos os atuais movimentos progressistas, de bem estar público e de melhoria grupal, podem ser atribuídos a ela, bem assim os conceitos religiosos e os conhecimentos exteriores das Causas que produzem objetividade. Estas ideias assumem uma forma mental, primeiro que tudo, e algumas mentes captam-nas e refletem sobre elas ou passam-nas para algum grupo de pensadores, e o trabalho do "pensar através" prossegue. A qualidade do desejo começa então a entrar e há uma reação emocional aos pensamentos que as ideias evocaram e a forma é gradualmente construída. Assim o trabalho prossegue e a energia da alma e da mente e a da natureza do desejo ligam-se com a energia da matéria, e uma forma definida nasce. Qualquer forma, seja a de uma máquina de costura, seja a de uma ordem social ou de um sistema solar, pode ser enunciada como a materialização do pensamento de algum pensador ou grupo de pensadores. É uma forma de trabalho criativo e as mesmas leis do aparecimento na vida governam o processo totalmente, tendo sido todo o trabalho concentrado com energia de uma espécie ou outra. O estudante de meditação deve portanto lembrar-se que está sempre a trabalhar com energias e que estas várias energias terão um efeito preciso nas energias de que ele próprio é composto (se tal expressão é permissível).

Torna-se evidente, portanto, que o homem que está aprendendo a meditar deve esforçar-se por fazer duas coisas:

Primeiro: Aprender a "trazer através de" até sua mente e depois interpretar corretamente o que viu e contatou, e mais tarde transmiti-lo correta e precisamente ao cérebro impressionável e atento. Assim, o homem no estado de vigília física torna-se consciente das coisas do Reino de Deus.

Segundo: Deve apreender a natureza das energias que contata e treinar-se a utilizá-las corretamente. Pode-se dar aqui uma ilustração prática e universalmente reconhecida. Somos varridos pelo ódio ou irritação. Instintivamente começamos a berrar. Por quê? Porque a natureza emocional tem-nos nas suas garras. Aprendendo a controlar a energia da palavra falada, começamos a demonar este tipo particular de energia emocional.

A história completa do trabalho da meditação está condensada nestas duas ideias de interpretação e transmissão exatas da energia e do uso certo da energia. Torna-se também evidente qual o problema com que se confronta o estudante, e por que todos os professores prudentes da técnica da meditação insistem com seus pupilos sobre a necessidade de proceder lenta e cuidadosamente.

É essencial compreendermos que a meditação pode ser muito perigosa e pode pôr uma pessoa em sérias dificuldades. Pode ser destrutiva ou provocar rupturas; pode fazer mais mal do que bem, e levar uma pessoa à catástrofe se ela entrar no Caminho do Conhecedor sem uma compreensão própria do que está a fazer e aonde ela o levará. Ao mesmo tempo, pode ser, sem dúvida, "o trabalho de salvação" e tirar um homem de todas

as suas dificuldades; pode ser construtiva e libertadora e guiar uma pessoa pelos métodos sãos e certos ao longo do caminho que conduz das trevas à luz, da morte à imortalidade e do irreal ao Real.

Talvez seja útil considerarmos mais atentamente estes dois pontos.

Vimos que a necessidade profunda do aspirante é ver se consegue trazer até à consciência física cerebral, com exatidão, os fenômenos do mundo espiritual que tenha chegado a contatar. A probabilidade é, contudo, que haja um espaço de tempo longo, antes que consiga penetrar neste mundo realmente. Portanto, tem de aprender a discriminar entre os campos de consciência que se lhe podem abrir, à medida que se torna mais sensitivo e conheça a natureza do que vê e ouve. Deitemos uma olhadela, por alguns momentos, a alguns dos fenômenos de mente inferior, que os estudantes tão constantemente interpretam erradamente.

Registram, por exemplo, um encontro enlevante com o Cristo ou com alguma Grande Alma, que lhes apareceu quando meditavam, sorrindo-lhes e dizendo: "sede de ânimo elevado. Estais a fazer bons progressos. Sois um trabalhador escolhido e a verdade revelar-se-vos-á" , ou algo igualmente fátuo. Rejubilam-se com o acontecimento; registram-no no seu diário e escrevem-me alegremente dizendo que a ocorrência é um dos acontecimentos mais importantes das suas vidas. Pode ser, se a manejarem corretamente, e aprenderem a sua lição. Que aconteceu, realmente? Terá o estudante realmente visto o Cristo? Lembremo-nos aqui do truismo que "os pensamentos são coisas" e que todos os pensamentos tomam forma. Duas coisas produziram a ocorrência, se é que aconteceu realmente e não é o resultado de uma vívida imaginação superestimulada. O poder da imaginação criativa está apenas começando a ser pressentido, e é possível ver-se justamente o que se quer ver mesmo que nada haja lá. O desejo do aspirante de fazer progressos e o seu esforço incansável, forçaram-no a despertar ou tornar-se consciente no plano psíquico, o plano das imaginações vãs, do desejo e das suas satisfações ilusórias. Nesse reino, contata um pensamento-forma do Cristo ou de algum grande e reverenciado Instrutor. O mundo da ilusão está cheio destes pensamentos-forma, construídos pelos pensamentos amorosos dos seres através das épocas, e o homem, trabalhando através de sua natureza psíquica (a linha de menor resistência para a maioria) entra em contato com tal pensamento-forma, torna-o como real e o imagina dizendo tudo o que quer ouvir. Ele necessita de encorajamento; procura, como muitos, a justificação de fenômenos para o seu esforço; aquieta o cérebro e mergulha gentilmente numa condição negativa e psíquica. Enquanto nesta condição, a sua imaginação começa a funcionar e vê o que quer ver, e ouve as palavras de reconhecimento magnificentes pelas quais anseia. Não lhe ocorre que os Guias da humanidade estão demasiado ocupados com atividades grupais e com a preparação dos pensadores avançados e dos líderes da humanidade, através dos quais Eles podem trabalhar, para perder tempo com as crianças da raça. Estas últimas podem ser entregues, com êxito, a seres menos altamente evoluídos. Nem lhes ocorre que, estando tão avançados e evoluídos para merecerem o privilégio de fazerem tal contato, que o Mestre não desperdiçaria o Seu tempo e o deles com palmadinhas nas costas, e a pronunciar trivialidades ocas em alto som. Aproveitaria, pelo contrário, o breve momento, para apontar alguma fraqueza a eliminar, ou algum trabalho construtivo a ser realizado.

Ainda, alguma "força" - palavra frequentemente usada - ou alguma entidade aparece ao estudante, enquanto medita, e descreve-lhe alguma obra grandiosa para cuja realização foi ele escolhido; alguma mensagem mundial, que tem de dar e para a qual o mundo inteiro deve ouvir, ou alguma grande invenção que ele apresentará um dia a um mundo ansioso, se ele continuar a ser bom. Reconhecido, apanha a manta do profeta e com uma crença inabalável na sua capacidade, na habilidade de influenciar milhares, mesmo se ele é relativamente impotente para influenciar os que estão presentemente à sua volta, ele prepara-se para levar a cabo a sua missão divina. Num ano, pediram admissão ao grupo a que estou associada, três "Instrutores Mundiais", que tinham estudado meditação em uma escola qualquer. E fizeram isto, não porque quisessem levar a meditação adiante, mas porque sentiam que nós ficar íamos felizes por eles terem "alimentado" o grupo com alguns das muitas centenas para quem eles foram instrumentos de salvação. Tive de declinar a honra e eles desapareceram, e nada mais se ouviu deles. O mundo ainda espera por eles. Da sua sinceridade não há dúvida, absolutamente. Acreditavam no que diziam. Como também não há qualquer dúvida de estarem alucinados. Todos nós estamos em perigo de ser iludidos da mesma maneira, quando começamos a meditar, se a nossa mente discriminadora não estiver alerta ou se tivermos uma aspiração secreta de proeminência espiritual, ou sofrermos de algum complexo de inferioridade que tem de ser expulso. O fato destas pessoas terem feito talvez um contato real com a alma é outra das causas da sua desilusão. Tiveram um lampejo da onisciência dele e são varridos dos seus pés pela maravilha de visão contatada e do conhecimento. Mas superestimam em demasia a sua capacidade; o instrumento da alma é totalmente incapaz de arcar com os requisitos; há aspectos das suas vidas sobre os quais a luz pode não brilhar; há faltas secretas que conhecem mas não podem quebrar; há o desejo de fama; há ambição. Não são ainda a alma em atividade funcionante. Tiveram apenas a visão duma possibilidade. E o seu esmagamento provém de falha em verem a personalidade tal como ela é.

Contudo, apesar dessa verdade, lembremo-nos sempre que é privilégio do verdadeiro conhecedor, trabalhar em estreita cooperação com os Guias da Humanidade, mas que o método da cooperação não será o que enganará o aspirante. Somente quando começarmos a funcionar como almas, e apenas quando estivermos ocupados com o serviço que nos faz esquecer de nós próprios - um serviço que é auto-iniciado, e levado adiante porque a alma está consciente do grupo, e é da natureza da alma servir - faremos tal contacto. O Cristo é o Filho de Deus em plena atividade funcionante; “O Primogênito numa grande família de irmãos". Tem uma consciência de alcance universal e através Dele o amor de Deus derrama-se, e os propósitos divinos estão em atividade para dar seus frutos. E o Mestre de todos os Mestres e o Instrutor tanto dos Anjos como dos homens. Quando Ele e Os que Lhe estão associados, encontram um aspirante que está ocupado com o trabalho a ser feito em auto-disciplina, fiel e conscienciosо em seu esforço, olham para ver se a luz interna nele atingiu o ponto de "brilhar mais". Se encontram alguém que esteja tão ansioso para servir os seus companheiros, que não esteja à procura de contatos fenomenais para ele próprio, nem interessado em receber palmadinhas nas costas, alimentando deste modo o seu orgulho e auto-satisfação, então podem revelar-lhe o trabalho que pode fazer na sua própria esfera de influência para avançar o Plano Divino. Mas ele terá de começar de onde

está; terá de fazer a sua demonstração primeiro que tudo na sua casa ou emprego; terá de provar-se nas coisas pequenas antes que possa ser encarregado com segurança das grandes. A arrogância burlesca de alguns dos livros que registram os contatos psíquicos dos escritores, quase excede os limites. Certamente, falta-lhes pelo menos um senso de humor.

O ponto que cada estudante de meditação deve sempre conservar na mente, é que todo conhecimento e instruções são enviados para a mente e para o cérebro pela sua própria alma; é a alma que ilumina o seu caminho. Os Instrutores e os Mestres da raça trabalham através das almas. Nunca será demais repeti-lo. Portanto, o primeiro dever de cada aspirante deve ser a realização perfeita da meditação, serviço e disciplina, e não contatar alguma Alma elevada. É menos interessante, mas preserva-o da ilusão. Se ele fizer isto, os resultados mais elevados tratarão de si. Portanto, caso lhe surja uma aparição ou uma entidade lhe faça grandiloquentes comentários, ele fará uso do mesmo julgamento que faria nos negócios ou na vida quotidiana caso alguém lhe viesse dizer: "Um grande trabalho está nas suas mãos, você o está fazendo bem. Nós vemos e sabemos, etc. etc..." Provavelmente rir-se-ia e continuaria com a atividade ou o dever do momento.

Outro efeito da meditação, muito prevalescente nesta época, é a inundação dos escritos pseudo-inspirados que têm surgido com grandes pretensões por toda a parte. Homens e mulheres estão atarefadíssimos a escrever automaticamente, sob o império da inspiração e profeticamente, dando ao público o resultado dos seus exercícios. Estes escritos distinguem-se por certas características uniformes e podem explicar-se de vários modos. Emanam de diferentes fontes interiores. São curiosamente semelhantes; indicam um espírito amoroso de aspiração; não dizem nada de novo, e repetem o que já se disse tantas vezes antes; estão cheios de afirmações e frases que os ligam com os escritos dos místicos ou com o ensinamento cristão; podem conter profecias quanto a acontecimentos futuros (geralmente sombrios e terríveis, e raras vezes, se é que alguma vez, de natureza feliz); trazem muito conforto ao escritor e fazem-no sentir que é uma alma maravilhosa e grande; e são afortunadamente inócuos geralmente. O seu nome é legião e tornam-se excessivamente cansativos depois de termos mourejado através de alguns desses manuscritos. Alguns -, poucos, são definitivamente destrutivos. Preveem cataclismos enormes e imediatos e criam o medo no mundo. Uma pessoa é tentada a perguntar, mesmo supondo que as predições sejam verdadeiras, se se ganha alguma coisa em assustar-se o público e se não será mais construtivo apoiar a realização nas pessoas do seu destino imortal do que dizer-lhes que vão ser afogadas num grande maremoto, ou que serão destruídas numa catástrofe que vai varrer a sua particular cidade do mapa. Que são estes escritos - bons e inócuos, ou prejudiciais, destrutivos e subversivos da ordem pública? Caem, grosso modo, em duas classes. Primeira, há os escritos das almas sensitivas que podem sintonizar - com a massa das aspirações, anseios e ideias dos místicos de todos os tempos, ou igualmente sintonizar com os medos das eras, os medos raciais e hereditários, ou os medos engendrados pelas condições mundiais que prevalecem na atualidade. Isto eles gravam e escrevem-nos e passam aos amigos. Nesta categoria vêm os escritos dos que são sensitivos de uma maneira mais mental e podem sintonizar telepaticamente com o mundo mental; são responsivos à mente de algum pensador poderoso, ou aos conceitos massificados do mundo religioso; registram, nos níveis mentais, o medo, o ódio e a

separatividade das massas. Quer o material que registram seja bom ou mau, quer seja de natureza feliz, o que raramente é, ou infeliz, e quer traga uma vibração de presságio e de medo, é sempre substância psíquica, e de modo algum indica a qualidade reveladora da alma. As profecias nos Livros de Daniel e nas Revelações foram responsáveis pela criação de uma forma de pensamento de medo e de temor que levou a demasiados escritos de natureza psíquica e a exclusividade da religião organizada levou muitos a separarem-se do resto da humanidade e a se considerarem os eleitos do Senhor, com a marca de Cristo na testa, e a assumirem, portanto, a posição de que estão salvos e que o resto do mundo perecerá, a menos que venham a interpretar a verdade e o futuro nos termos exclusivos dos ungidos e seletos.

Segundo: estes escritos podem indicar um processo de auto-desenvolvimento e um método pelo qual o místico introvertido torna-se extravertido. O escritor pode estar tocando nos frutos do conhecimento subconsciente que é seu, e que acumulou através de leituras, pensamentos e contatos. Sua mente registrou e armazenou muita coisa de que ele permanece totalmente alheio durante anos e anos. Depois ele começa a meditar e, subitamente, contata as profundezas da sua própria natureza, penetra até as fontes do seu próprio subconsciente e na informação que desceu abaixo do limiar da sua consciência normal. Começa a escrever assiduamente. É um enigma porque considera estes pensamentos como emanações de Cristo ou de algum grande Instrutor. Provavelmente alimenta o seu orgulho - outras vezes, bastante inconscientemente - até sentir que é um canal através do qual o Cristo pode manifestar-se. Não *me* refiro aqui à massa de escritos automáticos hoje em dia tão populares. Suponho que o estudante de meditação recuse-se a ter qualquer relação com este tipo perigoso de trabalho. Nenhum aspirante verdadeiro, nos seus esforços para tornar-se mestre de si próprio, entregará as rédeas do governo e submeter-se-á ao controle de qualquer entidade encarnada ou desencarnada; nem sujeitará cegamente suas mãos para que qualquer força as use. Os perigos deste tipo de trabalho estão-se tornando demasiado conhecidos e fizeram muitas pessoas aterrissarem nas enfermarias para psicopatias ou necessitarem de serem libertadas de obsessões ou de "ideias fixas", que não há necessidade de *me* alargar aqui sobre o assunto.

Como distinguir, perguntar-se-á muito oportunamente, os escritos verdadeiramente inspirados do conhecedor verdadeiro, dessa massa literária que inunda as mentes do público presentemente? Primeiro direi que o escrito verdadeiramente inspirado será inteiramente sem auto-referências; ressoará uma nota de amor e será livre de ódios e barreiras raciais, transmitirá um conhecimento real e trará consigo uma nota de autoridade pelo seu apelo à intuição; responderá à lei das correspondências e estará em harmonia com a visão do mundo; acima de tudo, trará a marca da Sabedoria Divina e conduzirá a raça um pouco mais para a frente. Quanto aos seus aspectos mecânicos: os escritores deste tipo de ensinamento terão uma compreensão real dos métodos que empregam. Ter-se-ão tornado mestres da técnica do processo; estarão aptos a evitarem a ilusão e a intrusão das personalidades, e terão um conhecimento prático do equipamento com que trabalham. Se estiverem recebendo ensinamentos de entidades desencarnadas, e de grandes Mestres, saberão como recebê-los e saberão, então, tudo que se relacione com o agente que transmite o ensinamento.

Os verdadeiros servidores da raça e os que contataram o mundo da alma através da meditação não têm tempo para tolices; estas podem ser deixadas com segurança para os papagaios do mundo; estão muito ocupados em serviço construtivo para se ocuparem em erguerem capas que são apenas um véu para o orgulho; não estão interessados na boa opinião de qualquer pessoa encarnada ou desencarnada, e preocupam-se apenas com a aprovação da própria alma e estão vitalmente interessados no trabalho dos pioneiros do mundo. Nada farão que alimente ódio e separatividade ou que desenvolva o medo. Há inúmeras pessoas no mundo perfeitamente prontas para tal. Atiçarão a chama do amor onde quer que vão. Ensinarão a fraternidade na sua verdadeira inclusividade, e não um sistema que ensine a fraternidade a uns poucos e deixe os restantes de fora. Reconhecerão todos os homens como filhos de Deus e não se colocarão num pedestal de retidão e conhecimento de onde proclamarão a verdade como a veem, nem consagrarão à destruição os que não veem ou que não agem como eles sentem que deveria ser, colocando-os fora da cena; não considerarão uma raça como melhor que qualquer outra, ainda que possam reconhecer o plano evolutivo e o trabalho que cada raça tem para fazer. Em suma, ocupar-se-ão em elevar os caracteres dos homens e não desperdiçarão o seu tempo deitando abaixo personalidades e tratando de efeitos e resultados. Trabalham no mundo das causas e enunciam princípios. O mundo está cheio dos que só deitam abaixo e que alimentam os ódios presentes, e que alargam as divisões entre raças e grupos, entre ricos e pobres. Que o estudante íntegro da meditação lembre-se que quando contata com a sua alma e se torna unificado com a Realidade, entra num estado de consciência grupal que rompe todas as barreiras e não deixa nenhum dos filhos de Deus fora do seu campo de conhecimento.

É possível mencionar outras formas de ilusão, pois o primeiro mundo que o aspirante contata é usualmente o psíquico e este é o mundo da ilusão. Este mundo tem os seus usos e entrar nele é uma experiência muito valiosa desde que se mantenham as regras do amor e da não-auto-referência, e se todos os contatos forem feitos com a mente discriminadora e o senso comum. Muitos são os estudantes a quem falta um senso de humor e que se tomam demasiado a sério. Parecem deixar para trás, ao entrarem num novo campo de fenômenos, o seu bom senso. É útil tomar nota de que se viu e ouviu e depois esquecer até à altura em que começamos a atuar no reino da alma; não estaremos então mais interessados na sua recordação. Devemos também evitar as personalidades e o orgulho, pois não têm lugar na vida da alma, que é governada por princípios e pelo amor para com todos os seres. Não haverá perigo de um estudante de meditação ser despistado ou atrasado, se desenvolveu estas coisas; entrará um dia, inevitavelmente, no mundo do qual se diz: "os olhos nunca viram, nem os ouvidos ouviram as coisas que Deus revelou aos que o amam" dependendo o tempo da sua persistência e paciência.

O segundo tipo de dificuldade que devemos considerar pode ser interpretado em termos de energia.

Os estudantes queixam-se frequentemente de superestimulações e de um tal aumento de energia que ficam incapazes de a controlar. Dizem-nos que quando tentam meditar, têm uma inclinação para chorar, ou para ficarem impropriamente inquietos; têm períodos de intensa atividade em que se surpreendem andando de um lado para outro, a servir, falar, escrever, e trabalhar de tal modo que no fim sofrem uma reação violenta, por vezes ao

ponto de chegar a um colapso nervoso. Outros queixam-se de dores de cabeça, de enxaquecas por vezes imediatamente em seguida à meditação, ou de vibrações desconfortáveis na fronte ou na garganta. Como antigamente, tornam-se incapazes de dormir. De fato, estão demasiado estimulados. O sistema nervoso está sendo afetado através dos "nadis" finos e subtis que subjazem aos nervos e a que nos referimos antes. Estes problemas são as perturbações do neófito na ciência da meditação e devem ser tratados com cuidado. Manejados corretamente, desaparecerão rapidamente, mas se forem ignorados poderão ocasionar problemas sérios. O aspirante esforçado e interessado, a esta altura, é ele próprio uma dificuldade, pois está de tal modo ansioso por controlar a técnica da meditação que ignora as regras dadas e conduz-se a si próprio, apesar de tudo o que o instrutor lhe diga, ou dos avisos que receba. Em vez de aderir à fórmula de quinze minutos que lhe é dada, tenta forçar o passo e ir para os trinta minutos; em vez de seguir este esquema que está de tal maneira organizado que leva quinze minutos para ser realizado, tenta manter a concentração tanto tempo quanto pode, e com o máximo do seu esforço, esquecendo-se que está aprendendo a *concentrar-se* e não a meditar, neste estágio do seu treino. Assim, sofre e tem um esgotamento nervoso, ou uma maldita insônia e o seu instrutor é que recebe a culpa e a ciência é considerada perigosa. Contudo, o culpado é ele próprio.

Quando ocorrem algumas destas complicações primárias, o trabalho de meditação deve ser temporariamente interrompido ou diminuído. Se a condição não for suficientemente seria para impor uma completa interrupção do trabalho deve-se fazer uma observação cuidadosa para onde (no corpo humano) a energia parece ir. A energia é recolhida na meditação, e encontrará o seu caminho para uma parte ou outra do mecanismo.

Nos tipos *mentais,* ou no caso dos que já têm uma certa facilidade em "centrarem a consciência" na cabeça, são as células cerebrais as demasiado estimuladas, o que provoca dores de cabeça, falta de sono, uma sensação de estar cheio, ou uma vibração perturbadora entre os olhos, ou no alto da cabeça. Por vezes registra-se uma luz que cega como um relâmpago repentino de luz ou de eletricidade, observado com os olhos fechados num quarto às escuras, ou às claras.

Quando for este o caso, o período de meditação deve ser reduzido de quinze para cinco minutos, ou praticar-se a meditação em dias alternados, até que as células do cérebro se ajustem ao ritmo novo e à crescente estimulação. Não é preciso ficar ansioso, se se usar um julgamento sábio e se estiver presente a obediência aos conselhos do instrutor, mas se o estudante a esta altura começar a fixar a sua meditação ou a alargar o período de tempo, pode provocar uma boa série de problemas. Com o senso comum em ação, a redução de tempo e a prática de um pouco de meditação cada dia, cedo poder-se-á trazer o trabalho de volta ao normal. Tivemos estudantes que sofreram este problema mas que, pela obediência às regras sugeridas e o uso do senso comum, estão agora a fazer os seus trinta minutos ou uma hora diária.

Nos tipos *emocioanais,* sente-se primeiramente o problema na região do plexo solar. O estudante sente-se inclinado à irritação ou à preocupação; particularmente no caso das mulheres, pode-se encontrar a disposição para chorarem facilmente. Por vezes, há uma

tendência para a náusea, pois há uma estreita relação entre a natureza emocional e o estômago, evidenciada na freqüência de vômitos em momentos de choque, medo ou emoção intensa. As mesmas regras se aplicam como na primeira série de casos citados: bom senso e um uso lento e cuidadoso do processo da meditação.

Mencionaremos outro resultado da superestimulação: as pessoas sentem que se estão tornando demasiadamente sensitivas. Os sentidos trabalham demasiado e todas as suas reações são mais apuradas. "Absorvem" as condições físicas e psíquicas daqueles com quem vivem; encontram-se "abertos largamente" aos pensamentos e ondas de outras pessoas. A cura para isto não é diminuir os períodos de meditação - que devem ser mantidos conforme programa - mas se tornarem mais mentalmente interessados na vida, no mundo do pensamento, em qualquer assunto que tenda a desenvolver a capacidade mental e assim estabelecer a habilidade de viver na cabeça e não na região emocional. A cura efetuar-se-á por uma atenção tocada na vida e em seus problemas e por alguma ocupação mental potente. É por esta razão que os instrutores de meditação experimentados fazem paralelamente ao trabalho de meditação algum curso de leitura e estudo, a fim de preservar o equilíbrio dos seus alunos. É sempre necessário um desenvolvimento completo e o crescimento na vida espiritual deve ser acompanhado por uma mente treinada.

Há uma terceira categoria de resultados indesejáveis que não pode ser omitida. Muitos estudantes de meditação queixam-se que a sua vida sexual foi tremendamente estimulada e lhes dá muitos problemas. Sucederam-nos também estes casos. Na investigação descobria-se geralmente que estes estudantes eram pessoas cuja natureza animal era muito forte, que levaram uma vida sexual ativa e mal-regulada, ou cujos pensamentos estão muito preocupados com o sexo, mesmo que a vida física esteja controlada. Descobre-se frequentemente um forte complexo mental quanto ao sexo, e pessoas que considerariam errado assumir uma vida sexual anormal, ou praticar perversões, ocupam-se mentalmente com o sexo, ou discutem-no constantemente e deixando que ele ocupe uma parte indevida nas suas vidas de pensamento.

Algumas das pessoas mais valiosas têm também uma convicção estabelecida de que o celibato deve sempre acompanhar a vida do espírito. Será que o verdadeiro celibato ao qual queriam referir-se as antigas escrituras, não dizia respeito à atitude da alma, ou do homem espiritual, para com o mundo, a carne e o diabo, como as nossas Escrituras cristãs o põem? Será que o verdadeiro celibato não se refere a abstermo-nos de todas as aparências do mal? Isto pode envolver num homem a sua abstenção das relações sexuais a fim de demonstrar a si próprio o seu controle sobre a natureza animal; em outros casos, por exemplo, pode implicar refrear as palavras vãs e falatórios sobre a vida alheia. Não há nada de pecaminoso no casamento, e provavelmente é para muitos o modo de escaparem a uma vida mental indevidamente ativa quanto ao sexo. Certamente que é desnecessário acrescentar aqui que o verdadeiro estudante da meditação não deve tolerar na sua vida relações sexuais ilegítimas ou promíscuas. O aspirante à vida do espírito conforma-se não só às leis do reino espiritual, mas também aos costumes legais da sua era e época. Portanto, regulariza a sua vida quotidiana de tal modo que o homem da rua reconhece a moralidade, a correção e a retidão da sua apresentação no mundo. É uma das ajudas mais importantes

que podem ser dadas ao mundo neste momento é um lar baseado numa relação verdadeira e feliz entre um homem e uma mulher, assente em confiança mútua, na cooperação e na compreensão; e em que os princípios da vivência espiritual são realçados. É má, é errada, uma relação baseada na atração física e na gratificação da natureza sexual e que tenha por objetivo primário a prostituição da natureza física ao desejo animal. Se o objetivo no nosso esforço é demonstrar Deus imanente na forma, então nenhum nível de consciência é mais intrinsecamente divino que outro, e a divindade pode ser expressa em todas as relações humanas. Se uma pessoa casada não pode atingir a iluminação e conquistar o objetivo, então há algo errado e a divindade não pode expressar-se pelo menos num plano de expressão; para pôr em termos que podem soar a blasfêmia, mas que permitirão perceber a futilidade destes raciocínios: Deus é desfeiteado numa parte do Seu Reino.

Este ponto tem sido realçado porque muita gente e particularmente homens, descobrem, quando começam a meditar, que a natureza animal requer atenção. Descobrem internamente desejos incontrolados, mais os efeitos fisiológicos que lhes causam problemas e desencorajamentos agudos. Uma pessoa pode ter uma alta aspiração e um impulso forte para a vida espiritual e, contudo, ter aspectos da sua natureza ainda incontrolados. A energia que se derrama durante a meditação espalha-se pelo organismo e estimula o aparelho sexual. O ponto fraco é sempre descoberto e estimulado. A cura para esta situação pode resumir-se nas palavras: controle da vida dos pensamentos e transmutação. Devem-se cultivar um interesse e uma intensa preocupação mental em outras direções que não a linha de menor resistência - o sexo. Deve haver um esforço permanente para manter a energia contatada na cabeça e permiti-la trabalhar através de alguma espécie de atividade criativa. O ensino oriental diz-nos que a energia, normalmente dirigida para o funcionamento da vida sexual, tem de ser elevada e transportada para a cabeça e garganta, particularmente esta última, uma vez que ela é, como se diz, o centro do trabalho criativo. Para pô-lo em termos ocidentais isto significa que aprendemos a transmutar a energia utilizada no processo pro-criativo ou em pensamentos sexuais e a usa-la no trabalho da escrita criativa, numa obra artística, ou em alguma expressão da atividade grupal. A tendência, nos tempos modernos, de encontrar-se o tipo de pensador concentrado e puramente mental fugindo do casamento e como frequentemente faz, levando uma vida puramente celibatária, pode ser uma demonstração da verdade da posição oriental, isso está causando uma certa preocupação entre aqueles que observam o decréscimo da natalidade. A transmutação não é certamente a morte de uma atividade ou a cessação do funcionamento de qualquer nível de consciência para a salvação de um superior. É a utilização correta dos vários aspectos da energia onde quer que o Ego sinta que eles devam ser usados para fazer progredirem os fins da evolução e para ajuda ao Plano. A mente, iluminada pela alma, deve ser o fator controlador e quando pensamos corretamente, vivemos corretamente e elevamos todos os nossos pensamentos e energias aos lugares Celestiais", resolvemos nossos problemas através do desenvolvimento de uma anormalidade que é grandemente necessária hoje em dia, particularmente entre os aspirantes e os estudantes esotéricos.

Talvez seja bom também referir, antes que o capítulo chegue ao fim, os perigos a que

muitos se expõem ao responderem ao apelo de instrutores que dizem aos alunos que desenvolvam sua mediunidade". São então ensinados a meditar sobre algum centro de energia, comumente o plexo solar, outras vezes o coração e, curiosamente, nunca a cabeça. Meditar num centro baseia-se na lei que a energia segue o pensamento e conduz a uma estimulação direta das características particulares pelas quais estes pontos focais -, espalhados através do corpo humano - são responsáveis. Como a maioria das pessoas funcionam principalmente através das energias coletadas que se encontram abaixo do diafragma (as energias sexuais e as emocionais) a sua estimulação é muito perigosa. À vista disto, por que arriscar? Por que não nos prevenirmos pela experiência dos outros? Por que não aprender a funcionar como o homem espiritual, do ponto tantas vezes descrito pelos escritores orientais como "o trono entre as sobrancelhas" e, deste alto lugar, controlar todos os aspectos da natureza interior e guiar a vida diária nos caminhos de Deus?

CONCLUSÃO

"O Espírito interno é a Palavra perdida há tanto tempo,
Suplicada pelo mundo da alma em dor
Através dum mundo de palavras tão vazias e vãs.
Oh, nunca, enquanto a sombra e a luz estiverem misturadas,
Terminará, do mundo, a aflição ou a Busca-daPalavra,
E nunca serão curadas suas feridas
Até que a Palavra feita carne seja a Palavra tornada alma"

ARTHUR EDWARD WAITE

Qual é o resultado de todo o nosso esforço? Satisfação pessoal ou um céu feliz de beatitude e descanso sem fim? Deus nos livre, a procura do mundo continua; o grito da humanidade eleva-se das profundezas e montanhas até o próprio trono de Deus. Do coração do Templo de Deus, para o qual forjamos e conquistamos o nosso caminho, voltamos atrás e trabalhamos na terra. Não descansaremos no nosso esforço enquanto o último dos buscadores do mundo tenha encontrado o seu caminho para casa.

O que vai salvar este mundo de sua atual agonia, do desastre econômico e do caos? Quê vai brotar na Nova Era de fraternidade e de vivência grupal? Quem, ou quê, salvará o mundo? Não será a emergência na existência ativa de um grupo de místicos práticos que, ligados entre si por um sentido de unidade divina, trabalharão em moldes práticos na terra? Não se retirarão para mosteiros ou lugares silenciosos do mundo, não importa quão atrativos possam parecer, mas participarão na vida normal do planeta. Serão os executivos das nossas grandes cidades; levarão adiante os nossos programas políticos; conduzirão os jovens ao longo dos caminhos da educação correta; controlarão os nossos clientes econômicos, sociais e nacionais. Farão isto tudo do centro do seu ser e do ponto de vista da alma; conhecerão o segredo da iluminação; saberão como submeter todos os problemas à onisciência da alma; saberão o segredo da vida que faz todos os seres irmãos.

Reconhecerão todos os que encontrarem como Filhos de Deus, mas reconhecerão também os signos do homem iluminado e com ele procurarão trabalhar para o bem do Todo. Encontrar-se-ão telepaticamente e trabalharão, portanto, em estreita cooperação.

Este grupo já existe e os seus membros estão em estreito contato uns com os outros. E ainda que espalhados por todos os países do mundo encontram-se contudo diariamente no reino das almas. Falam a mesma língua; têm os mesmos ideais; desconhecem barreiras ou divisões; não têm ódios ou distinções de classe; não erguem barreiras raciais; veem as coisas como elas são: Não são idealistas selvagens, mas concentram-se no próximo passo que a humanidade deve dar e não nos estágios finais do seu próprio desenvolvimento. Trabalham tanto com a sabedoria mundana como com a visão espiritual. Acima de tudo, trabalham juntos e entram em contato uns com os outros através do poder de uma realização unificada.

Este grupo integrador de místicos e conhecedores é a esperança do mundo e constitui o Salvador do Mundo. Estão acima e além de todos os credos e teologias; trabalham em todos os campos da realização humana - o campo científico, o político, o religioso, o educacional, o filosófico... Não estão interessados em terminologias, nem desperdiçam tempo procurando impor aos outros as suas insignificantes teorias, seus termos peculiares, ou as suas particulares aproximações à verdade. Reconhecem a verdade subjacente a todas as apresentações, e estão somente interessados nos princípios da fraternidade, no realce dos essenciais e em viverem a vida do espírito no mundo do dia a dia.

Conhecem o significado da meditação e estão agora conosco. É nosso o privilégio de juntarmo-nos às suas fileiras, submetendo-nos à técnica da meditação, à disciplina da correta vivência diária e à influência do motivo puro do SERVIÇO.